

ANA CRISTINA DE LIMA MOREIRA (Org.)  
FRANCISCO AIRTON BASTOS SILVA FILHO

# NOS PASSOS TÃO LONGOS DE PEDRA E AREIA

RITUAL E PEREGRINAÇÃO AO TÚMULO DE PADRE CÍCERO  
ROMÃO JUAZEIRO DO NORTE, CEARÁ



OLYVER

**NOS PASSOS TÃO LONGOS DE  
PEDRA E AREIA**  
RITUAL E PEREGRINAÇÃO AO TÚMULO DE  
PADRE CÍCERO ROMÃO JUAZEIRO DO  
NORTE, CEARÁ

**DIREÇÃO EDITORIAL:** Maria Camila da Conceição  
**DIAGRAMAÇÃO:** Luciele Vieira / Jeamerson de Oliveira  
**DESIGNER DE CAPA:** Jeamerson de Oliveira

---

*O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.*



Todos os livros publicados pela Editora Olyver estão sob os direitos da Creative Commons 4.0  
[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

2019 Editora Olyver  
Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05  
Antares, Maceió - AL, 57048-230  
[www.editoraolyver.org](http://www.editoraolyver.org)  
[editoraolyver@gmail.com](mailto:editoraolyver@gmail.com)

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

S177p

MOREIRA, Ana Cristina Lima. SILVA, Francisco Airtton Bastos

Nos passos tão longos de pedra e areia ritual e peregrinação ao túmulo de padre cícero romão juazeiro do norte, ceará. [recurso digital] / Francisco Airtton Bastos Silva Filho, Ana Cristina Lima Moreira (Org.) – Maceió, AL: Editora Olyver, 2021.

ISBN: 978-65-81450-34-2

Disponível em: <http://www.editoraolyver.org>

1. Juazeiro do Norte. 2. Peregrinação. 3. Ritual. 4. Romeiros. 5. Alagoas I. Título.

CDD: 981

---

Índices para catálogo sistemático:

1.História do Brasil 981

ANA CRISTINA LIMA MOREIRA  
(Organizadora)

FRANCISCO AIRTON BASTOS SILVA FILHO

**NOS PASSOS TÃO LONGOS DE  
PEDRA E AREIA**  
RITUAL E PEREGRINAÇÃO AO TÚMULO DE  
PADRE CÍCERO ROMÃO JUAZEIRO DO  
NORTE, CEARÁ

# DIREÇÃO EDITORIAL

---

**Maria Camila da Conceição**

## COMITÊ CIENTÍFICO EDITORIAL

---

**Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof. Dr. Constantino José Bezerra de Melo**

Secretaria de Educação de Pernambuco - SEE-PE (Brasil)

**Prof<sup>a</sup>. Me. Francisca Maria Neta**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina de Lima Moreira**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dra. Denize dos Santos**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim**

Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Nara Salles**

Universidade Federal de Pelotas | UFPel (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira**

Universidade Federal da Bahia | UFBA (Brasil)

**Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar**

Universidade Federal de Sergipe | UFS (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Karina Moreira Ribeiro da Silva e Melo**

Universidade de Pernambuco | UPE (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Me. Deisiane da Silva Bezerra**

Universidade Federal Rural de Pernambuco | UFRPE (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Iraci Nobre da Silva**

Universidade Católica de Pernambuco | UNICAP (Brasil)

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof<sup>a</sup> Me. Gisely Martins da Silva**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof. Dr. Augusto César Acioly Paz Silva**

Universidade Federal de Pernambuco | UFPE (Brasil)

Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde | AESA-CESA (Brasil)

**Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva**

Universidade do Estado da Bahia | UNEB (Brasil)  
Universidade Federal de São Carlos | UFSCar (Brasil)

**Dr. Jairo José Campos da Costa**

Universidade Estadual de Alagoas | UNEAL (Brasil)

**Prof. Me. Joseildo Cavalcanti Ferreira**

Centro de Ensino Superior de Arcoverde | CESA (Brasil)

**Prof. Dr. Hélder Manuel Guerra Henriques**

Professor da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do  
Instituto Politécnico de Portalegre (Portugal)

**Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Aparecida Santos e Campos**

Doutorado em Actividad física y salud. Universidade de Jaen, UJAEN, (Espanha)

**Prof. Dr. Diosnel Centurion, Ph.D**

Universidad Católica Ntra. Sra. de la Asunción | Asunción (Paraguay)

**Prof<sup>a</sup> Dra. Marta Isabel Canese de Estigarribia**

Universidad Nacional de Asunción, Escuela de Ciencias Sociales y  
Políticas | Asunción (Paraguay)

Dedico aos meus bisavôs Maria de Barros Correia e Antônio Serafim de  
Lira, pelos primeiros  
passos tão longos de pedra e areia de Alagoas ao Juazeiro do Norte ainda em  
1900.

Aos passos de muito longe e, a todos que vieram depois.

## AGRADECIMENTOS

---

“Estando a verdadeira amizade fundada na virtude, tudo o que no amigo contrariar à virtude é obstáculo à amizade; e a desperta tudo o que tiver de virtuoso. E sendo assim, a amizade se conserva pela retribuição dos benefícios, embora essa retribuição pertença especialmente à virtude da gratidão.”

(DE AQUINO, T. 1265, p. 2403)

Fazendo uso dessa prerrogativa, agradeço à professora Ana Cristina de Lima Moreira, pelo convite para a metamorfose epistemológica dessa dissertação de mestrado em livro, assim como, pela organização do mesmo.

Estendo os agradecimentos aos romeiros de Alagoas, protagonistas nessa pesquisa, guardiões da memória ritual, fomentadores da religiosidade popular em Juazeiro do Norte, CE.

Agradeço ao professor Siloé Soares de Amorim, meu orientador, pela liberdade no horizonte além mar da investigação científica, primando pelo rigor ético, científico e metodológico, necessários para culminância dessa obra.

De forma toda especial, agradeço à toda minha família, pelo amor, partilha e caminhada.

À Universidade Federal de Alagoas, através do Instituto de Ciências Sociais - ICS, aos professores do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – PPGAS. Em especial agradeço à Rachel Rocha de Almeida Barros, à Silvia Aguiar Carneiro Martins, pelo encorajamento de seguir em frente e, pela reciprocidade.

À Fundação de Amparo e Pesquisa de Alagoas – FAPEAL, pelo fomento no período do mestrado e, pelo pioneirismo em acreditar e apoiar a pesquisa no estado de Alagoas.

A vida é como um velho cargueiro, em cada porto da emoção, descarrega e carrega novas fases, novos sentimentos. A amizade é sempre recíproca, diferente das outras, sempre volta, trazendo consigo os selos do reencontro e, a certeza de que do outro lado, sempre haverá dois braços abertos. Muito obrigado.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

---

Figura 1: Povoado de Juazeiro no século XIX.....	17
Figura 2: Primeira Imagem de N. S. das Dores .....	18
Figura 3: Imagem trazida pelo Pe. Pedro Ribeiro da Silva .....	18
Figura 4: Vista aérea da Praça Pe. Cícero onde em destaque, três pés de Juazeiro.....	20
Figura 5: Imagens em frente à última casa onde Pe. Cícero passou apenas 8 meses e hoje é o Museu na Rua São José na ocasião dos dias 20 e 21 de Julho de 1934.....	26
Figura 6: Imagem do traslado do corpo de Pe. Cícero e percurso da Basílica de Nossa Senhora das Dores até a Capela do Socorro.....	27
Figura 7: Imagem do trajeto do corpo de Pe. Cícero e percurso da Basílica de Nossa Senhora das Dores até a Capela do Socorro.....	28
Figura 8: Entorno da capela do Socorro (RODRIGUES, 2018, p. 15).....	31
Figura 9: Beato Zé Lourenço. Fonte: Departamento Histórico Diocesano Pe. Antônio Gomes de Araújo – DHDPG.....	44
Figura 10: Beata Maria de Araújo. Fonte: Departamento Histórico Diocesano Pe. Antônio Gomes de Araújo – DHDPG.....	51
Figura 11: Beato Roque Pinto. Registro feito em julho de 2018 .....	59
Figura 12: Embarque em Maceió. Julho 2018. ....	102
Figura 13: D. Dalva. Registro – julho 2018.....	103
Figura 14: chegada em Juazeiro. Registro – julho 2018 .....	104
Figura 15: vai e vem. Registro – julho 2018.....	106
Figura 16: comércio Registro – julho 2018 .....	106
Figura 17: Arcos Basílica Registro – julho 2018.....	106
Figura 18: Maria Regina na Basílica.Registro – julho 2018.....	110
Figura 19: Nos passos longos Registro – julho 2018.....	112
Figura 20: aos pés do Cruzeiro. Registro – julho 2018.....	112
Figura 21: Percurso feito pelos romeiros, o grupo dos 8.Registro – julho 2018 .....	113
Figura 22: A pedra do Joelho. Registro – julho 2018 .....	116

Figura 23: As pedras no caminho.Registro – julho 2018.....	116
Figura 24: Pedra quente no altar Registro – julho 2018. ....	117
Figura 25: Vista da estátua Registro – julho 2018.....	118
Figura 26: Penitentes pedintes . Registro – julho 2018.....	118
Figura 27: Comércio no Horto Registro – julho 2018 .....	119
Figura 28: Pedras no caminho, ícones. Registro – julho 2018.....	120
Figura 29: Caminho do Santo Sepulcro Registro – julho 2018 .....	121
Figura 30: Pedras sobre pedras. Registro – julho 2018.....	121
Figura 31: Sombras e luz de fé. Registro – julho 2018.....	122
Figura 32: Corporalidade do romeiro, o toque.Registro – julho 2018 .....	125
Figura 33: As pedras caminham através da corporalidade do romeiro. Registro – julho 2018.....	126
Figura 34: Figura 34 Capela de Santa’ Ana. Registro – julho 2018 .	127
Figura 35: Pedras do Pecado. Registro – julho 2018 .....	128
Figura 36: Túmulo do pe. Cícero. Registro – julho 2018 .....	130
Figura 37: A conversa que não se ouve. Registro – julho 2018 .....	132

## SUMÁRIO

---

### **INTRODUÇÃO**

Francisco Airton Bastos Silva Filho..... 13

### **CAPÍTULO I**

**DO TABULEIRO GRANDE À EMANCIPAÇÃO – O JUÁ ONTEM E HOJE, CÍCERO ROMÃO BATISTA E OS ROMEIROS, UM DIVISOR DE ÁGUAS..... 16**

Tabuleiro Grande – uma vila de poucas casas..... 16

Juazeiro em três atos..... 20

Primeiro Ato – de Vila a Polis..... 20

Segundo Ato – considerações iniciais de 1889..... 22

Terceiro Ato – A Sexta Feira de 20 de julho de 1934..... 23

O Quadro Grande – entornos e particularidades..... 29

Perseguido desde o seminário da prainha – tinha ele, Pe.  
Cícero seu próprio perfil moral..... 32

A construção de uma mística; onde está o santo? Onde está o  
romeiro e seu protagonismo?..... 41

A hóstia sangra na boca de Maria de Araújo; dos pés da Serra  
do Araripe, Juazeiro se inunda com um oceano de gente..... 50

Alagoanos são partícipes da construção de um legado..... 58

### **CAPÍTULO II**

**O GRUPO DOS OITO E SUA HISTÓRIA DE VIDA, O ROMEIRO QUE SAI DE ALAGOAS, O RITUAL DE PEREGRINAÇÃO – PADRE CÍCERO ESTÁ MAIS VIVO DO QUE NUNCA, MAS COMO?..... 62**

Quem é o Romeiro Protagonista?..... 62

O romeiro peregrino, sua vida é andar..... 73

Para mim, meu padrinho é..... 79

Análise da corporalidade do romeiro alagoano em Juazeiro do  
Norte a partir de uma espontaneidade própria nos espaços e sua  
especialidade..... 82

De Maceió a Juazeiro – vozes romeiras de Alagoas e o sentido  
de ir..... 95

O caminho – Ritual de passagem e Liminaridade na subida do  
Horto..... 105

No santo sepulcro – ali viviam beatos e beatas.....	124
O encontro e a <i>Communitas</i> , o padrinho está lá dentro, a beata não.....	129
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>PATRIMÔNIO CULTURAL DO JUAZEIRO DO NORTE</b>	<b>140</b>
Aspectos teóricos e etnográficos do patrimônio material e imaterial.....	140
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>159</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>165</b>

## INTRODUÇÃO

---

Este livro nasce a partir da minha dissertação de mestrado, defendida em 2020 pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – PPGAS, através do Instituto de Ciências Sociais – ICS da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Essa pesquisa etnográfica, trata sobre a peregrinação e visita ao túmulo de Pe. Cícero em Juazeiro do Norte CE, por romeiros do estado de Alagoas. Apresento analiticamente o protagonismo de um grupo de 8 romeiros alagoanos, tendo como ator principal, Maria Regina, onde destaco dentro do ritual, a relação do romeiro, dentro do campo da religiosidade do catolicismo popular e sua espontaneidade como contra ponto à igreja romanizada.

Discurso sobre conceitos como o de comunalidade, a partir da teoria de “espaço espacialidade” do romeiro, desenvolvida do Annette Dumoulin (in memória) que é identificado pela relação do romeiro alagoano e todo o seu universo das romarias, nos aspectos humanos, sociais e simbólicos. Assim desenvolvo a teoria de dimensão alterizada<sup>1</sup>, a partir da teoria de Turner, Geertz, Wagner. Conceito esse que descreve a relação do grupo dos oito com o pesquisador.

Desse modo, utilizei o método etnográfico como instrumento de pesquisa que alia a teoria e prática de campo, com técnicas e ferramentas como a etnologia, a observação participante, que permitem uma experiência qualitativa de troca bilateral, física e cultural do saber e fazer humano a partir da antropologia social.

O que está sendo posto no entendimento desse saber e fazer, é que, a sensibilidade do ver e ouvir, estão presentes nas entrevistas semiestruturadas trazendo para esse livro, o stricto do ofício do antropólogo e a ética defendida por mim e por vozes teóricas como a do professor Roberto Cardoso de Oliveira, do homem do arrozal de

---

<sup>1</sup> SILVA FILHO, F.A.B; MARTINS, S. *O “eu” e o “outro” – estudo teórico contemporâneo acerca da alteridade como campo dinâmico do ser e fazer antropológicos*, 2018, p. 7.

Geertz, da memória coletiva de Halbwachs, na partilha de Maria Regina, Carminha, Rosângela, Zé Izidio, D. Neuzete, D. Zeza e Fau da Paripueira.

No capítulo I, trago sinteticamente, aspectos históricos de Juazeiro, Pe. Cícero, bem como os primeiros movimentos de construção da mística que desenvolveu culturalmente e socialmente o Juazeiro do Norte, a partir da relação entre os primeiros romeiros, sua resistência, hoje protagonismo.

Nessas próximas páginas, o leitor seguirá pelo caminho, dos sons, dos cheiros, de inúmeros gestos, de encontros e reencontros, que constituem o universo de Juazeiro do Norte e, de onde se pode ver que estando o romeiro presente, ali está o Pe. Cícero, através dos passos tão longos de pedra e areia.

No capítulo II, escrevo sobre quem é esse romeiro protagonista, aliando sua personalidade histórica, humana e social, em que se desvela com o romeiro alagoano, que fala de si, se colocando como ator principal, **O ROMEIRO!** Cidadão do mundo, um sujeito histórico e atual, agente alimentador e transformador de sua cultura, consciente do seu lugar, por ser espontâneo e ter como marca registrada sua corporalidade e dinâmica. Desse humano que é ator social/protagonista através de sua comunialidade, e se dão constituídas as relações acerca das redes sociais e seus fluxos.

O romeiro levará o leitor à peregrinação por um percurso de vinte e sete quilômetros, nove horas de subida até o horto do Pe. Cícero e caminhada até o santo sepulcro. É um convite aos olhos mais atentos, romperem as barreiras e, se encontrarem na dimensão alterizada, onde o romeiro encontra com o seu “eu”, deixando para trás tudo o que lhe separa desse momento, só dele com o sagrado. Só traz nos seus passos, que passam a ser também do leitor, a inevitável pergunta “quem é o “eu” e o “outro”.

No Capítulo III, analiso o conceito de patrimônio cultural, dando ênfase a recente ideia de bem imaterial e sua realidade em Juazeiro do Norte. Assim como, será explicitada a preocupação por parte de antropólogos e pesquisadores acerca do que é o patrimônio em

Juazeiro, e mais que nunca, o que o romeiro elege, sacraliza como “sagrado”.

Enfatizo que seguir “os passos tão longos de pedra e areia”, é um colóquio entre o autor e leitor a partir de uma experiência pessoal, tendo como cerne, o protagonismo e ação romeira, podendo ao fim desse processo ritual, vislumbrar heurísticamente, no exercício de etnologia que o romeiro se alimenta e retroalimenta as romarias, se evidencia numa força motriz no campo humano, cultural e social do Nordeste.

Instigo ao eleitor ultrapassar uma espécie de fronteira aquém da qual é preciso estar para simpatizar com o mito, e além da qual é preciso estar para estudá-lo. Através dessa leitura, pode-se ter a sorte de viver perto dessa faixa fronteira e de poder passar e repassá-la à vontade.

**Francisco Airton Bastos Silva Filho.**

Antropólogo.

# CAPÍTULO I

## DO TABULEIRO GRANDE À EMANCIPAÇÃO – O JUÁ ONTEM E HOJE, CÍCERO ROMÃO BATISTA E OS ROMEIROS, UM DIVISOR DE ÁGUAS.

---

### Tabuleiro Grande – uma vila de poucas casas...

Não é intuito do capítulo, exaurir-se acerca da historicidade de Juazeiro do Norte; ele tem mais a pretensão de situar os leitores em alguns fatos históricos de maior relevância para um norte daquilo que Geertz (2008) chamou de “ideias seminais” na Antropologia.

“Juazeiro era pouco mais que um arraial desprezível” Azarias (2011, p.28). É assim a ideia de Juazeiro do século XIX. No livro, “O Patriarca do Juazeiro” (2011) Pe. Azarias explana uma demografia que não ultrapassava sessenta casas humildes, quase todas cobertas de palha que ladeavam a pequena capela dedicada à Virgem Santíssima, hoje Basílica de Nossa Senhora das Dores, padroeira do lugar desde 1827. A vida em Tabuleiro Grande<sup>2</sup> era difícil, a pobreza acompanhava seus poucos habitantes que não detinham lá uma fama de povo devoto; em vez disso, os registros da época dão conta de desordem e famigerados costumes. Neto (2009, p. 48) escreve “O povoado era composto de apenas dois pedaços de rua. A chamada rua Grande – fazia esquina com a rua do Brejo. E só. Conhecido valhacouto de beberões e desordeiros”[...]

Até a chegada de um “sacerdote alvo”, de estatura mediana e profundos olhos azuis, filho do Crato e recém-ordenado no Seminário da Prainha em Fortaleza que entre sua ordenação em 1870 e sua chegada, galoparam-se dois anos.

---

<sup>2</sup> Originalmente, eram terras pertencentes à fazenda Tabuleiro Grande, propriedade do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, destacado membro da Guarda Nacional. (NETO, 2009, p. 48).



Próximo ao Natal de 1871, Cícero foi procurado no Crato pelo professor Simeão Correia de Macedo. O homem, genro de um próspero fazendeiro da região, o coronel Domingos Gonçalves Martins, trazia um convite para que rezasse a Missa do Galo na capelinha de um povoado ali perto (NETO, 2009, p. 47).

“Um povoado ali perto”, essa é uma definição que, de longe, não imaginaria o Juazeiro do Norte de cento e quarenta e oito anos depois.

**Figura 1**  
Povoado de Juazeiro do século XIX



Fonte: Departamento Histórico Diocesano Pe. Antônio Gomes de Araújo

Neto (2009) traz a ideia de “oco do mundo”, com cerca de quatrocentos residentes. Os olhos azuis, recém-chegados ao lugarejo, presenciavam um ambiente de desolação e abandono, a capelinha quase destruída, paredes rachadas e caídas, com uma imagem de Nossa Senhora das Dores trazida de Portugal pelo Pe. Pedro Ribeiro da Silva e que hoje está sob os cuidados do atual reitor da Basílica Pe. Cícero José. A que ornamenta o altar- mor da Basílica nos dias atuais foi trazida por Pe. Cícero de sua viagem à Roma.

**Figura 2**

Primeira imagem de N.S. das Dores



Fonte: Francisco Airton 2019

**Figura 3**

Imagem trazida pelo Pe. Pedro Ribeiro da Silva



Fonte: Francisco Airton 2019

Em 1872, o lugarejo, hoje Juazeiro do Norte, passa a ter, oficialmente, seu capelão e guardião da igreja em ruínas. A documentação da época atesta que, aos olhos do bispo da ocasião, D. Luiz Antônio dos Santos, talvez aquele lugar ermo e pouco expressivo fosse o local mais adequado para que o jovem padre de 28 anos, ordenado com reservas, pois antes de se tornar sacerdote era visto pelo Reitor da época Pierre-Auguste Chevalier como ameaça ao processo de romanização da região. No entanto, desse início a sua missão

evangelizadora, aparentemente sem maiores responsabilidades ou possíveis percalços. D. Luiz e Chevalier estavam errados.

Nessa mesma época e com Pe. Cícero e sua família instalados, começam a chegar as primeiras beatas vindas originalmente da casa de caridade de Crato, fundada pelo próprio Pe. Ibiapina, precursor do beatismo na região e inspiração de Pe. Cícero.

No que escreve Rodrigues (2018, p. 62) “As coisas vão mudando. O tempo corre.” Era assim no início da segunda metade do século XIX. O Pe. Cícero ia incentivando os moradores das áreas mais distantes a fazerem casas nas ruas. Conta-se que o encarregado dessas terras era José Leandro<sup>3</sup> que sob orientações de Cícero Romão Batista, abria a primeira rua, hoje a Padre Cícero, e organizava a construção das casas.

Por fim, trago a definição de Juazeiro do Norte ou mais poeticamente “Juá” e o porquê do nome. A partir da memória e da oralidade dos mais antigos sentados na praça Pe. Cícero, o nome Juazeiro vem de três velhos pés de Juá<sup>4</sup> – árvores espinhentas e resistentes à seca, típicas da caatinga – que emprestavam a sombra de suas copas ancestrais aos transeuntes, tropeiros e mercadores. Ainda hoje existem míticos ou não, três referidos pés.

---

<sup>3</sup> Neto do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e irmão do Pe. Pedro Ribeiro da Silva que lançou ainda em 1827 a pedra fundamental da ainda capela, hoje Basílica de Nossa Senhora das Dores.

<sup>4</sup> Nome científico – *Ziziphus joazeiro*.

## **Figura 4**

Vista aérea da Praça Pe. Cícero onde em destaque, três pés de Juazeiro



### **Juazeiro em três atos...**

Não é o caso de trazer uma robusta linearidade acerca do Juazeiro do Norte, para isso, existem, no rodapé dessas páginas, leituras que trazem os pormenores da formação da cidade.

Procuro reconstituir quadros importantes que trazem a dimensão do processo de desenvolvimento do município cearense em que pese a presença dos primeiros romeiros e seus protagonismos, assim como a presença do romeiro, do grupo dos oito, que se coloca como peça importante e vital no processo de continuação de Juazeiro do Norte e seu mantimento.

### **Primeiro Ato – De Vila a Polis...**

Juazeiro do Norte de 1874 iniciava seu desenvolvimento e caminhava a passos largos à “Polis”<sup>5</sup> em que se tornou e continua em

---

<sup>5</sup> Pequeno território localizado em ponto estratégico que possibilitava o desenvolvimento de comércio, política e muito procurada por pessoas, a exemplo de

pleno crescimento. Por vários motivos: pela grande leva de retirantes que chegavam dos quatro cantos fugidos da revolta dos Quebra-Quilos<sup>6</sup> e dos levantes ocasionados pela situação da época<sup>7</sup>, mudança de governos pela efervescência de um comércio de bens e serviços que por uma figura mediana, de olhos azuis, batina preta e cajado que parecia penetrar a alma de todos que ali chegavam onde todos, a partir de então, decidiam “do Juazeiro só parto quando eu morrer”. O Caos se transformava aos poucos em ordem.

Juazeiro apresentava seu desenvolvimento com seus acontecimentos; a capela antes em ruínas, em 1875 era dado início à sua reconstrução; desta vez, com o trabalho e a contribuição de um grande mutirão. Esse desenvolvimento se dava pela grande concentração populacional da cidade, a qual era vista como a meca do Nordeste. Pessoas de todas as partes, artesãos, agricultores, pequenos comerciantes, pessoas que chegavam sem uma finalidade de vida e ofício definidos e logo se reuniam ao modelo igualitário e cooperativista empreendido por Pe. Cícero desde sua chegada ao Juazeiro.

Nessa formação social que, os religiosos e religiosas tinham sua representatividade. Nobre (2013, p. 348) relata uma das primeiras ordens laicas no Cariri, em 1888 a Associação do Sagrado Coração de Jesus<sup>8</sup> ou Apostolado da Oração que foi trazida por Pe. Cícero, confiada aos leigos e que tinha como integrantes figuras como Maria de Araújo que era zeladora no Apostolado e protagonista do milagre, Joana Tertulina, a beata Mocinha, governanta da casa do Pe. Cícero que receberam os

---

Esparta e Atenas na Antiga Grécia.

<sup>6</sup> Revolta social na região nordeste que teve sua origem na província da Paraíba, se espalhando por toda região em que consistia na insatisfação social pela implantação do sistema simétrico (quilos) em forma da Lei N. 1.157, de 26 de junho de 1862.

<sup>7</sup> As secas periódicas aterrorizavam e eram e continuam sendo o grande flagelo nas terras nordestinas. Na tristemente famosa seca de 1877, segundo Edmar Morel<sup>39</sup>, morreram 500.000 pessoas das quais 150.000 de inanição. Aproximadamente a metade da população do Estado do Ceará. E pode-se ter uma noção ainda mais contundente do que significavam esses períodos de se

<sup>8</sup> Uma associação leiga que nasceu na França em 1844 e foi aprovada pelo papa Pio IX em 1849, também conhecida como Associação do Sagrado Coração de Jesus.

mantos de beata em 1885 juntas às beatas Maria das Dores, Jahel Cabral e Maria da Soledade.<sup>9</sup> Havia nas redondezas outras organizações religiosas como as penitentes de Barbalha, a devoção em torno das águas do Caldas, também no município de Barbalha, as casas de caridades do Crato que, segundo Dantas (2018), foi a segunda construída por Ibiapina, sendo a primeira em Missão Velha.

Acredito que três anos antes de fazerem parte do apostolado, 12 mulheres são orientadas por Pe. Cícero em retiro e ficaram conhecidas como beatas penitentes. (Casimiro, R.; Dantas, R. 2018). Esse aumento de fluxo de pessoas em Juazeiro só veio a intensificar-se após 01 de março de 1889, data da primeira manifestação do milagre da hóstia e início de vários outros fenômenos envolvendo a beata e que, segundo Forti (1999, 2018) foram mais de 140 fenômenos que envolviam transe, transfigurações, comunicações e principalmente sangramentos.

### **Segundo Ato – Considerações iniciais de 1889...**

As questões acerca da beata Maria de Araújo sempre margearam a história e a formação social de Juazeiro do Norte, quando foi, ela própria, a principal protagonista dessa história e formação, e antagonista contrariando todos os que tentavam encobrir tais fenômenos, até seu corpo desapareceu, sua memória não.

“Foi no dia 1º de Março de 1889, uma sexta-feira da Quaresma. Como desafiar a incredulidade dos mais céticos, o episódio se repetiria por meses a fio, sempre às quartas e às sextas feiras” Neto (2009, p. 86).

Nos próximos vinte e cinco anos, Maria de Araújo deixaria os fundamentos sobre os quais Juazeiro do Norte, Pe. Cícero e os romeiros seriam construídos. Mais quarenta e cinco anos e o Pe. Cícero atestaria o milagre e, a partir de 1934, a memória e a oralidade romeiras se encarregaram como detentoras desse legado que é Juazeiro do Norte e suas romarias.

---

<sup>9</sup> NOBRE, E. dos S. O sagrado e a teatralização do mundo: espaços de salvação e purgação nos relatos das beatas do padre Cícero. Revista de história São Paulo, Nº 169, p. 381-409, JULHO / DEZEMBRO 2013.

O antropólogo Salatiel Barbosa, em seu livro intitulado *O Joazeiro celeste: tempo e paisagem na devoção ao padre Cícero*, defende que Juazeiro foi construída e reconstruída em um fluxo constante onde o espaço é provisório, constantemente modificado e reificado pelos seus praticantes. Barbosa fez uma espécie de esquadrinhamento dos espaços de devoção mais visitados pelos romeiros e procurou neles as representações e significações míticas empreendidas por eles. (NOBRE 2013, p. 385).

É importante a perspectiva antropológica que me auxiliou em identificar que os espaços são fixos. O que se modifica constantemente porque é dinâmico, é o sentido da sacralização e pertença reconhecido pelo romeiro e atribuído a este espaço. Além do mais, essas representações e significações “míticas” apresentadas pelo autor são mais bem entendidas ao se estudar o conceito de espaço – espacialidade de Dumoulin (2018).

### **Terceiro Ato – A Sexta Feira de 20 de julho de 1934...**

Que aconteceu após 63 anos de uma odisséia fundida no calor religioso popular dos fatos, o sacerdote, político e “santo” que andou pelas terras do Juazeiro, de feitos “epopeicos” como a emancipação do Juazeiro do Norte, ocorrida em 22 de julho de 1911. Notadamente, após a emancipação, Juazeiro e toda região sofre grandes transformações estruturais tais como: O Cariri como precursor de um dos primeiros modelos sociais sustentáveis ainda na década de 1920, o Caldeirão dos Jesuítas de 1926 a 1936, uma página na história do Nordeste e do Brasil a partir do suor, trabalho e protagonismo de muitos romeiros. Foi que então, no início da Sexta-Feira do dia 20 de 1934<sup>10</sup>, ocorreu o drama de uma mudança brusca dos fatos humanos e sociais do Juazeiro, a partir da perspectiva humana da dor, dos últimos momentos do Pe. Cícero terreno.

O sol mal havia despontado naquele início de manhã do dia 20 de julho de 1934, sexta feira, quando as beatas e os

---

<sup>10</sup> Será melhor aprofundado esse expediente no tópico 1.9 do Capítulo I desse livro.

amigos do padre ali reunidos começaram a rezar o terço pela enésima vez. Todos haviam varado a noite com rosário na mão. Na rua, romeiros e devotos repetiam o mesmo gesto, ajoelhados no calçamento tosco, diante das velas que haviam permanecidas acesas durante a noite inteira. Enquanto o resto da cidade acordava em respeitoso silêncio, apenas longos soluços entrecortavam a ladainha, desfiada em unísono pelos milhares de vozes. Deitado na cama, olhos cerrados, as rugas profundas contraídas pela expressão de dor, Cícero entreabria os lábios, acompanhando em voz baixa.

Ao final da última conta do rosário, quando os presentes encerraram a salve rainha, Cícero puxou o travesseiro para o lado, apoiou o cotovelo esquerdo e, com a mão direita erguida, com gestos vacilantes fez um derradeiro esforço, traçando três cruzeiras no ar. “no céu, eu rogarei a Deus por todos vocês...”, balbuciou, com visível dificuldade em manter a respiração.

Em seguida, Cícero pendeu a cabeça sobre a cama e permaneceu imóvel entre os lençóis.

Os lábios continuavam a se mexer, como se o padre estivesse ainda rezando, ou, quem sabe, querendo dizer algo. Amália Xavier de Oliveira adiantou-se aos demais e, agachada aos pés do leito, colou o ouvido à altura da boca de Cícero. “Meu Pai, meu Pai, meu Pai...”, repetia ele, de olhos fechados.

A partir dali, entrou em definitiva agonia. Quando exalou o suspiro final, o relógio da matriz do Juazeiro marcava seis horas e quarenta minutos. Os sinos badalavam o aviso fúnebre. O Padre Cícero estava morto. (LIRA NETO *apud* XAVIER, 2009, p. 510)

Essa narrativa com tons jornalísticos e notas poéticas é bem mais seca e incisiva do que escreve Azarias (2011, p. 291) segundo a própria Amália Xavier:

O relógio da sala de jantar marcava seis horas e quarenta minutos do dia vinte de julho de 1934. Eu nutria, desde antiga data, um desejo ardente: assistir aos últimos momentos do Padre Cícero. Sabendo de tudo que de bom e de mau se divulgava em torno da pessoa dele; sabendo, sobretudo que a ele se tinha atribuído todas as misérias



que se possam imaginar, ambicionava ver de bem perto o seu comportamento diante da morte. E a impressão por mim colhida, impressão que me acompanha inseparavelmente e é cada dia mais inabalável, é esta: exatamente assim que sempre sonhei que deviam morrer os santos.

Ao redor do enfermo até o seu passamento, achavam-se presentes, desde a meia noite, o supramencionado sacerdote, os médicos Manuel

Belém de Figueiredo, Elísio Figueiredo e Mozar Alencar; a beata Josefa Maria do Espírito Santo, vulgarmente conhecida pela alcunha de Bichinha; Amália Xavier e Severino Alves, genitor de dois padres jesuítas e amigo de todas as horas, em cujos braços o Padre Cícero entregou sua bela alma a Deus.

Na dimensão mítica e campo das estórias, se ouve “certezas” ou quase isso do véu dos céus se rasgando, de que Pe. Cícero nem tenha ficado enterrado, mas subido como o próprio Cristo em corpo e alma, levado por anjos.

Esses dois relatos descrevem, de forma clara, o leito de morte na residência do agora falecido Pe. Cícero Romão Batista o que me inquietou ao ponto do estranhamento em saber, e do lado de fora dessa cena comovente, nas ruas e por entre seus romeiros e beatos, quais teriam sido as reações, atitudes e descrições daquela manhã?

Existe também o relato de um caixeiro viajante de nome Lourival Marques, que foi publicado em forma de carta pelo jornal O Semeador<sup>11</sup>

Acordei pelo tropel de gente que corria pela rua. Fiquei sem saber a que atribuir aquelas carreiras insólitas. Quando cheguei à janela, tive a impressão de que alguma coisa de monstruosa ocorrera na cidade. Que espetáculo horrível, esse de milhares de pessoas alucinadas, correndo pelas ruas afora, chorando, gritando, arrelapando-se... foi então que soube... o Pe. Cícero falecera... eu sem ser fanático, senti uma vontade louca

---

<sup>11</sup> Jornal católico de grande circulação da década de 30.

de chorar, de sair aos gritos, como toda aquela gente... uma caudal de mais de 40 mil pessoas atropelava-se, esmagava-se na ânsia de chegar à casa do reverendo.

### Figura 5

Imagens em frente à última casa onde Pe. Cicero passou apenas 8 meses e hoje é o Museu na Rua São José na ocasião dos dias 20 e 21 de Julho de 1934



Fonte: Acervo pessoal do professor Renato Cassimiro.

D. Assunção Gonçalves, artista plástica e professora aposentada, falecida em 20 de maio de 2013, do alto de seus mais de 90 anos, relata que o féretro saiu de onde hoje é a Basílica das Dores até a capela do Socorro, local de seu sepultamento aberto por um grande oceano calmo de pessoas que, como se navegasse, o caixão ia passando por cima das cabeças por vários braços e mãos e sua lembrança mais viva é a de um romeiro ou cidadão que consegue chegar próximo do caixão, tira o chapéu de palha surrado da cabeça e coloca sobre a cabeça do sacerdote e vai seguindo o cortejo fúnebre até sumir na entrada da capela do Socorro.

### Figura 6

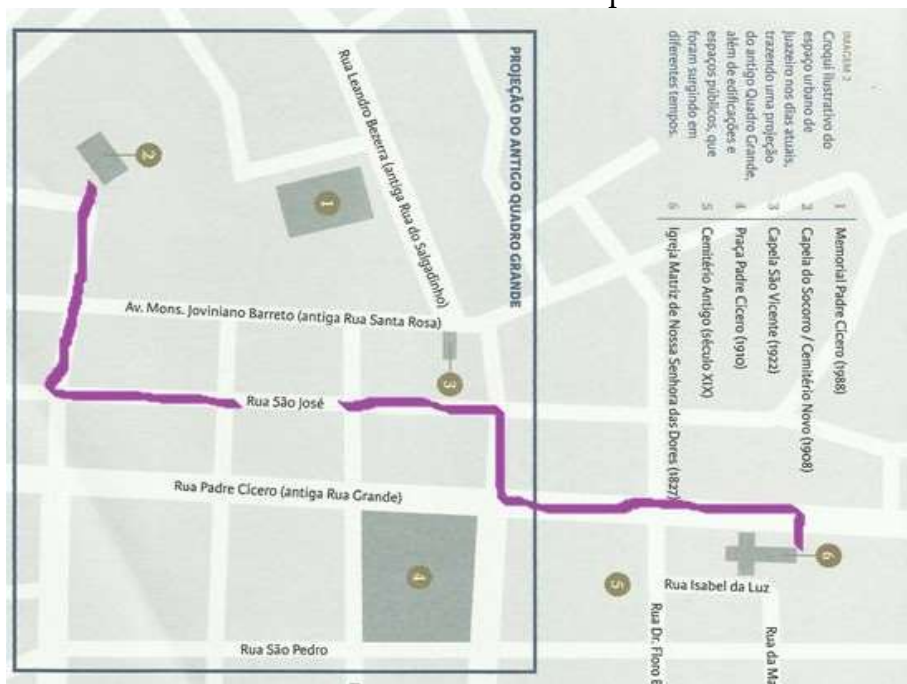
Imagem do traslado do corpo de Pe. Cícero e percurso da Basílica de Nossa Senhora das Dores até a Capela do Socorro.



Fonte: Domínio público.

**Figura 7**

Imagem do trajeto do corpo de Pe. Cícero e percurso da Basílica de Nossa Senhora das Dores até a Capela do Socorro



Fonte: Domínio público.

Naquele instante, o padrinho protetor, conselheiro e acolhedor que sempre protegeu aquele povo, passava a ser cuidado no imaginário, oralidade e na prática de um povo que o mantém até os dias hoje mais vivo do que nunca. Esses acontecimentos do dia 20 de julho de 1934 são narrados e cantados há anos, e sua oralidade é pungente, tendo como principal marca os benditos e toadas. A dupla alagoana Diego e Diogo<sup>12</sup> gravaram inúmeras toadas em forma de benditos que narram a morte, o enterro e até mesmo dentro de uma dimensão mítica, a aparição do sacerdote no Santo Sepulcro, no Monte das Oliveiras em que o próprio Pe. Cícero pede “e não se esqueçam do velhinho, Pe. Cícero Romão” tudo consta que o pedido foi atendido.

<sup>12</sup> Dupla de compositores e cantores de toada do município de São José da Laje – Alagoas.

## O Quadro Grande – entornos e particularidades...

Fazem mais de oitenta anos que foi lacrado o túmulo do Padre Cícero Romão Batista aos pés do altar-mor, no interior da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, erguida ao lado do Cemitério do Socorro há mais de um século por sua benemérita Hermínia Marques de Gouveia, nascida em Jardim, Ceará em 1871, casada com o senhor João dos Canários, chegam ao Juazeiro do Norte em 1891.<sup>13</sup>

Tanto a Capela do Socorro, como o Cemitério do Socorro, são parte da descrição dessa narrativa. Ambos estão localizados em Juazeiro do Norte, município cearense da região metropolitana do Cariri, distante da capital Fortaleza cerca de quinhentos quilômetros e de Maceió cerca de seiscentos quilômetros.

“Juazeiro antigo ou ‘Tabuleiro Grande’, título oficial do lugarejo até 1940 quando passou a se chamar de Juazeiro do Norte”, Rodrigues (2018, p. 14). Tinha o entorno à capela e ao cemitério a denominação de Quadro Grande<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Memorial Padre Cícero e outras histórias (2018, p. 66).

<sup>14</sup> Perímetro que compreende, atualmente, a Rua São Pedro até as proximidades do Memorial Padre Cícero, englobando as Capelas do Socorro e de São Vicente, estendendo-se também pelas Ruas Santa Luzia até a Rua do Cruzeiro.



## Figura 8

Entorno da capela do Socorro (RODRIGUES, 2018, p. 15)



Que teve sua primeira edificação ainda como capela em 1827 e foram construídos fora do quadrado.

Embora se note a Rua Pe. Cícero, antiga Rua Grande como sendo o corredor principal ligando o entorno da Capela do Socorro à

Basílica de Nossa Senhora das Dores, é nas Ruas São José e São Pedro que se concentram as duas artérias vivas por onde transitam romeiros no vai e vem das romarias.

Nesse entorno, ainda se pode encontrar o Grupo Escolar Padre Cícero, construído em 1927, um dos primeiros e berço de muitos políticos locais e regionais e também o estabelecimento que pertenceu ao Senhor Aureliano, alagoano, amigo pessoal do Pe. Cícero e que hoje está aos cuidados de sua trigésima-quarta filha D. Luíza que entrevistei. Na oralidade de muitos, em Juazeiro, Aureliano teve trinta e seis filhos e que teria sido uma das muitas profecias do padrinho.

### **Perseguido desde o seminário da prainha – tinha ele, Pe. Cícero seu próprio perfil moral...**

Abstenho-me, neste capítulo, de causar profundidade acerca de dados sobre Pe. Cícero no seio de sua família de laços parentescos. Deter-me-ei em sintetizar o perfil moral de Cícero Romão Batista, em tempos do Seminário da Prainha, na capital Fortaleza.

Azarias (2011) descreve um homem de atitudes, comportamentos e tratamentos para com os outros salesianos. Uma atitude nobre e pureza de costumes que o acompanharam indefectivelmente do berço à sepultura.

Só existia e via uma paixão, a paixão pela glória, uma glória que nem no mais longínquo ângulo do senso comum poderia ser comparada com a dos demais, pois era a glória dos santos na perspectiva beatífica e no apreço da posteridade. De acordo com D. Joaquim José Vieira, segundo bispo do Ceará “a Virtude do Padre Cícero enche todo o vale do Cariri”; bom, isso só até o acontecimento de primeiro de março daquele 1889<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Em Padre Cícero por ele mesmo, lançado em 1983 e depois em 2015, Annette Dumoulin e Therezinha Guimarães descrevem como Pe. Cícero vai do céu ao inferno aos olhos de D. Joaquim, antes e depois do milagre de Maria de Araújo.



Como todo líder, tinha suas inspirações, no Céu, no próprio Jesus Cristo, na Mãe das Dores, em São Francisco de Sales desde que fez seus votos de castidade aos doze anos de idade, na terra ao sacerdote sobralense José Antônio de Maria Ibiapina, ou Pe. Mestre Ibiapina como o chamava. Em O Patriarca do Juazeiro, Azarias (2011, p. 39), lê-se que “quem despertou no ainda adolescente Cícero o entusiasmo com que abraçou o sacerdócio e lhe deu mecanismo para sobreviver aos impiedosos albores do século XIX e XX, senão o próprio fazedor de açudes, represas e reservatórios de água e fundador de orfanatos, escolas e casas de caridade”.

Sobre o mestre Ibiapina, e como forma de mensurar sua importância não só para Cícero Romão Batista, como para o Nordeste, Cava (2014, p.66) escreve:

As transformações mais importantes nas estruturas religiosas do Cariri ocorreram na década de 1860 e foram devidas, sobretudo, aos esforços de uma das personalidades mais conhecidas do Nordeste, o ardoroso missionário, nascido no Ceará, padre Mestre Ibiapina. Nasceu José Antônio Pereira Ibiapina perto de Sobral, em 1806. Estudou Direito em Olinda e ingressou na carreira política cearense de modo promissor, interrompendo-a quando os maus fados políticos e pessoais o forçaram a deixar o Ceará, em 1837. Retornando a Recife, exerceu a advocacia e logo se tornou conhecido como defensor dos pobres. Em 1853, com 47 anos de idade, trocou a toga pela batina. Sua “conversão” e ordenação revestiram-se de mistério. Um indício importante de sua devoção, entretanto, foi a decisão que tomou de mudar o nome de família, Pereira, para Maria, em homenagem à Virgem Mãe de Cristo, a quem se atribuía uma onda de milagres na França nos anos 1830, e cuja Imaculada Conceição se tornara, em 1854, dogma de fé, por decreto do pontífice romano.

Em 1862, a epidemia de cólera, que vitimou o pai do padre Cícero, levou o padre José Maria Ibiapina a regressar ao Ceará, onde a compaixão que demonstrara pelos pobres nos tribunais de Justiça podia, agora, ser empregada na causa de Deus. As autoridades da Igreja permitiram-lhe celebrar uma missa em Sobral, cidade

localizada perto de onde ele nascera e assolada pela epidemia.

O trabalho do missionário não deixou de lado as melhorias materiais. Mobilizou trabalhadores submissos e crédulos não apenas para a realização de reparos nas igrejas e nos cemitérios, mas também na construção de açudes e na abertura de poços e cacimbas, bem como no planejamento de novas estradas, melhorias essas que foram acolhidas com entusiasmo pelas elites do interior, desejosas, sobretudo depois de 1865, de aproveitar o surto de prosperidade que as exportações de algodão ainda lhes proporcionariam por mais cinco anos, pelo menos.

Era esse o caso do Vale do Cariri, que recebeu duas visitas prolongadas de Ibiapina, de outubro de 1864 a fevereiro de 1865 e de julho de 1868 a junho de 1869. Foi durante essas duas estadas que Ibiapina construiu as casas de caridade dos quatro principais municípios do vale — Crato, Barbalha, Milagres e Missão Velha —, o que, para nossa história, constituiu seu legado mais duradouro.

O legado de Ibiapina tem um peso relevante na formação de Pe. Cícero; basta lembrar que, na primeira celebração de Pe. Cícero, ainda na década de 1870, o legado místico e material de Pe. Ibiapina tinha várias páginas escritas no livro da vida de tantos desafortunados e oprimidos, sendo que, na mesma época, fazia quase uma década de sua última visita em Missão Velha, no Ceará.

Há um dizer popular no Nordeste, “lema pessoal” de Pe Cícero, segundo o qual, em Juazeiro, deveria ter “em cada sala um oratório, em cada quintal uma oficina”. Esse elemento é seminal à inspiração em Ibiapina, que tinha o lema “oração e trabalho”.

Dentro da biografia de Pe. Ibiapina, constam 18 casas de caridade construídas em todo Nordeste que tinham funções bem sistemáticas e distintas, além de centros de referências para moças prendadas, filhas de fazendeiros e comerciantes, era orfanato para crianças de classes mais pobres e centro de manufaturas de insumos e produtos dentro de um sistema, onde podemos comparar com os programas de ensino aprendizado técnicos de hoje. Não obstante todas

as fases e dimensões da estratificação política, econômica e social por onde esteve inserido, Pe. Cícero Romão Batista segue esse modelo de preocupação com o social com sistemas de ensino e modelos sustentáveis.

Com o pai falecido, a família se resumia à D. Quinô, sua mãe, e Angélica, sua irmã, e um passivo de dívidas; por meio de seu padrinho, o Coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, homem poderoso da região, que Cícero Romão Batista terminou seus estudos elementares em Cajazeiras – PB no Colégio Padre Rolim e logo em seguida ingressou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, sendo aquela a primeira instituição de nível superior do Ceará. Ele adentrava no mundo clássico europeu e etnocêntrico, mas com os rascunhos que desenhara desde a infância; o qual estava em construção com a argamassa e a essência da mais pura e religiosa cultura popular por entre seus beatos e feitos inspiradores do grande benfeitor do Nordeste, Pe. Mestre Ibiapina.

Não poderia ser diferente, pois criado em meio ao catolicismo popular dos sertões, enquadrar o jovem sacerdote ao modelo rígido e ortodoxo ultramontano que contava com o apoio implacável e métodos racionalistas e positivistas do Reitor Pierre-Auguste Chevalier, um francês. Della Cava (2014) descreve a situação eclesial do estado do Ceará e seus “rebanhos” de fieis na década de 60 do século XIX, onde se estimava uma população em 720 mil habitantes, havia apenas 33 padres. O que daria, em matemática prática, uma população de quase 22.000 pessoas para cada sacerdote. Devido a esse disparate, D. Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo de Ceará toma providencias no sentido de:

- 1) restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia da sua fé, e
- 2) remodelar o clero, tornando-o exemplar e virtuoso, de modo que as práticas e as crenças religiosas do Brasil pudessem ficar de acordo com a fé católica, apostólica e romana de que a Europa se fazia então estandarte.” (CAVA, 2014, p.70).

Que métodos seriam empregados para alcançar essa virtuosidade ortodoxa da igreja senão o positivista e racionalista? Felizmente, tudo indica que Ibiapina e o próprio Cícero Romão Batista defendiam uma linha um pouco menos ocidental e unilateral na concepção antropológica do termo em que sua experiência era “ameaça” eminente aos planos de Roma e seus representantes no Nordeste.

Chevalier perseguiu o Pe. Cícero, enquanto seminarista, o classificando como medíocre, e depois, como sacerdote, alegando que o “Cristo” não se daria ao trabalho de manifestar-se pela boca de uma negra, mística e pobre em um antro de fanáticos e selvagens, apoiado por dois algozes vorazes, D. Joaquim e D. Arcoverde, bispos do Ceará e de Olinda, respectivamente.

Pe. Cícero era cordeiro no meio de raposas e lobos vorazes, contudo tinha o apreço e a proteção de homens que tratavam com o clero com a mesma autoridade que eles detinham a até muitas vezes maior, porque eram mecenas e provedores da igreja.

Segundo Neto (2009) chegou a ponto de o próprio Chevalier aconselhar ao primeiro bispo D. Luiz Antônio dos Santos, a expulsar Cícero na véspera de sua ordenação; mas, como no Nordeste há muito do “manda quem pode, obedece quem tem juízo”, o bispo optou por manter o neófito Cícero Romão Batista e por seu ordenamento. Há quem diga que, dias antes, partia do Crato a Fortaleza, em galope rápido, o Coronel Alves pequeno para lembrar que aquele Cícero tinha dono e também dos volumosos donativos recebidos pela diocese das mãos caridosas do poderoso Coronel. Então, aos vinte e seis anos de idade, aos trinta dias do mês de novembro de 1870, o filho de D. Quinô e Sr. Joaquim passaria a ser visto como Pe. Cícero Romão Batista.

Toda essa perseguição teria, anos mais tarde, e por longos vinte anos, sua ressonância amplificada não apenas ao Pe. Cícero, mas à beata Maria de Araújo e aos beatos e romeiros do Juazeiro, a ponto de, após a suspensão do padrinho, todos ficam sem nenhuma assistência “dada” pelo céu através da Roma Cearense capitaneada pelo implacável D. Joaquim com o apoio incondicional de D. Arcoverde, um dos maiores perseguidores do Pe. Cícero.

Contudo, o enlace formado entre os beatos, romeiros e o próprio padre, lhes clarificava que as bênçãos que para eles se refletiam em fé, trabalho, desenvolvimento e prosperidade encontrariam muitas perseguições, mas que os longos passos trariam o resultado que ocorreria anos mais tarde. Se passaram quase 150 anos e o romeiro está aí para contar/reviver/manter a realidade do Juazeiro e suas romarias.

A cultura religiosa de Juazeiro, os grupos religiosos (romeiros devotos de tradição, peregrinos), por meio de suas imagens, olhar, cotidiano, costumes, memórias e sons, alimentam contemporaneamente o Juazeiro do Norte, que possui como mediadora e não detentora dessa cultura religiosa popular, a Igreja Católica Apostólica Romana, a igreja romanizada.

Durante anos, houve uma tentativa da Igreja de romanizar as práticas e os rituais do catolicismo popular e da religiosidade popular nos moldes europeus. Dentro dessa relação, o catolicismo institucional e o catolicismo popular, o protagonismo romeiro sempre se opôs aos “modelos” eclesiais, romanizados, não num sentido de esterilizar os cânones de Roma, mas muito mais no sentido da dimensão alterizada. .

Da relação entre esses dois movimentos, uma inversão de fluxo está ocorrendo. Após mais de oitenta e sete anos da morte do Pe. Cícero, cento e oito anos da morte da beata Maria de Araújo, reconhecem-se as benesses, e a igreja Institucionalizada busca entre os romeiros seus elementos e símbolos.

Uma prova substancial, nesse sentido, foi um fato ocorrido na romaria de finados, em novembro de 2018, quando o bispo diocesano D. Gilberto Pestana usou em público uma Mitra<sup>16</sup> feita de palha, matéria prima que, da imaterialidade do saber artesanal popular, se materializa no chapéu de palha, que é a identidade do romeiro.

---

<sup>16</sup> É uma insígnia pontifical utilizada pelos prelados da Igreja Católica, da Igreja Ortodoxa e da Igreja Anglicana, sejam eles: abades, bispos, arcebispos, cardeais ou mesmo o Papa, sendo um símbolo de autoridade e poder

Essa ideia fica mais clara, em uma reconsideração de Wagner (2012, p. 28) afirma

“O fato de que a Antropologia opta por estudar o homem em termos que são ao mesmo tempo tão amplos e tão básicos, buscando entender por meio da noção de cultura tanto sua singularidade quanto sua diversidade, coloca uma questão peculiar para essa ciência”. É preciso conhecer o Juazeiro para saber onde está oromeiro e seus espaços, para escrever sobre suas muitas particularidades culturais.

Conceber uma análise que seja tão holística a partir dos aspectos etnografados, é analisar de um ponto de vista e ressignificar o que Tylor (1832), fazendo uso conceitual de “cultura” tomado em seu mais amplo entendimento: “conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades ou hábitos adquiridos pelos homens”. Laraia (2001, p. 25). Numa pesquisa com essa envergadura no âmbito da antropologia simbólica e da religião, se faz necessário uma análise e entendimento do que escreve Geertz (1989, p. 66) “para conseguir isso não precisamos abandonar as tradições estabelecidas da Antropologia Social nesse campo, mas apenas ampliá-las”.

No tocante, às “culturas das romarias”, adentro numa dimensão cultural repleta de categorias nos vários saberes e fazeres que alimentam Juazeiro do Norte, sob a perspectiva das culturas associadas aos “fatos sociais totais” de Marcel Mauss (1974). Corrobora com essa associação, Gonçalves (2003, p.27) que escreve sobre memória, bens materiais e imateriais.

Tais bens são, simultaneamente de natureza econômica, moral, religiosa, mágica, política, jurídica, estética, psicológica, fisiológica. Constituem, de certo modo, extensões morais de seus proprietários e estes, por sua vez, são partes inseparáveis das totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos.

A partir de incursões e pesquisas ao Juazeiro do Norte, em 2017 e 2018, passo a observar de forma sempre semiótica<sup>17</sup> a cultura de

---

<sup>17</sup> Antropólogos sociais, estruturalistas e simbólicos seguem esse legado de Mauss

Juazeiro, os diversos elementos culturais de seus grupos que, dentro do universo do catolicismo popular, convergem na “comunalidade” do foco desses grupos quando observados seus aspectos sociais, culturais, seus símbolos, os benditos de D. Luzinete de Joaquim Gomes, D. Dalva e D. Zeze de Maceió e Fau da Paripueira, o Guerreiro de Maria do Carmo, “Carminha” de Coqueiro Seco, Maria Regina e sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus, mesma devoção de Maria de Araújo e Pe. Cícero, as casas dos ex-votos, e o grande número de pesquisadores que buscam Juazeiro com muitas outras hipóteses ao ultrapassarem a dimensão alterizada; lembrando Wagner (2012) o exercício de observação é sempre bilateral.

Além de outros elementos culturais que se mostram a cada ano mais diversificados, como o concurso de andores<sup>18</sup> que ficam guardados no grande salão entre a capela do Santíssimo na Basílica das Dores e o Círculo Operário e a distribuição de confeitos durante a famosa procissão de carros na festa de Nossa Senhora das Dores, no mês de setembro, que desce toda a Rua São Pedro e que passa ao lado da Basílica.

Observando as romarias através da importância dessas imagens, memória e oralidade desse grupo que é protagonista neste estudo, esforço-me para interpretar e entender o que diz e faz o protagonista, remetendo ao que escreve Amorim (2001, p. 6), “A imagem nos remete a vários tipos de relações e associações tanto no contexto das realidades sociais, como com a natureza, ou mesmo, na produção cultural”. Os elementos observados refletem o que foi absorvido desde 1889 quando se iniciou a prática das romarias através desta relação: o povo, o padre, a beata e todo o processo de formação social, religiosa, histórica e cultural das romarias.

A memória, para as culturas de “pura oralidade, constitui-se fator de coerência” (Zumthor, 1997, p.237) considera que não existe

---

(2003) ao pensar o corpo como matéria que representa as constantes trocas de significados entre o mundo ‘natural’ e social (SCHEPER-HUGHES e LOCK, 1987).

<sup>18</sup> Padiola ornamentada em que se transportam imagens sacras nas procissões; anda, charola.

ação, por exemplo, performática, em um ritual sem memória, sem intenção sem que esteja presente em vários níveis de formalização da ação, subjetiva ou objetiva e que pode ser acionada e integrada à *performance* da fala, do corpo. “A relação que o (ou os) *performer(s)* estabelece(m) com a ação verbal que transmite(m), se manifesta de diversas formas: vocal e corporal/gestual” Amorim (2001, p. 8).

Quando escuto por exemplo de Maria Regina que hoje com seus 59 anos, vai a Juazeiro desde os 12 anos quando acompanhava sua avó; o relato de D. Zeza que lembra que teve um tio que era fretante, livre de uma emboscada por ajuda de anjos que “vieram” em sonhos alertá-lo, quando Carminha conta que a cultura dos folguedos das Alagoas é oriunda de antepassados; quando D. Luzinete, na altura de seus 79 anos se orgulha em dizer que aprendeu benditos centenários, orações, ladainhas, terços com sua mãe e outras mulheres; quando reúno elementos como esses em análise, verifico o que se pode constatar em campo, que tais elementos etnográficos estão carregados de uma memória, de uma ancestralidade cultural. Ricas e substanciais, as memórias estão mais do que presentes nas romarias de Juazeiro do Norte, preservando e inserindo novos elementos que se fundem com os existentes.

Atualmente, esses novos elementos estão muito mais presentes como a reconciliação histórica entre a Igreja Católica e o sacerdote padre Cícero, assinada pelo prefeito da congregação para doutrina da fé, D. Dom Gerhard Müller, escrita em 27 de outubro de 2014, em que o documento traz uma espécie de resgate da memória do sacerdote, e de elementos do fenômeno das romarias que revelam a importância da vida do sacerdote que, mesmo após 1934, ano de sua morte, permanece vivo na memória, imagem, oralidade e desenvolvimento social do Nordeste.

Neste contexto, Alagoas se destaca como estado emissor com maior representação nas romarias, principalmente nos meses de fevereiro, julho, setembro e novembro, segundo dados estatísticos da Secretaria de Turismo e Romarias de Juazeiro do Norte. Porque tantos romeiros alagoanos em Juazeiro do Norte?



Economicamente falando, as romarias têm sido grandes geradoras de desenvolvimento, em que, tratando-se de um movimento social, estão envolvidas em diversas manifestações populares e culturais. Há também ênfase nas relações comerciais com confecções de objetos diretos e indiretamente ligados a elas. Um exemplo disso são os santeiros <sup>53</sup>que lucram e geram uma renda significativa dentro de todo o processo, sendo considerada uma das mais importantes ou única fonte de renda para o desenvolvimento de parte da localidade, cidade ou região, o que se atesta visitando o Centro de Artesanato e Cultura Mestre Noza, apelido de Inocêncio Medeiros da Costa, primeiro artesão da região que fez as primeiras imagens de Pe. Cícero em madeira. Ainda jovem aprendeu a fazer cabos de revólver e, atendendo aos pedidos de romeiros, começou a fazer pequenas esculturas de santos. Envolveu-se com a xilogravura a partir de 1940 produzindo capas para os folhetos de cordel. Seus trabalhos participaram de diversas exposições no Brasil e, ganhou o mundo quando em Paris, teve sua primeira exposição e a edição de seu álbum *Via Sacra*, em 1961 e 1965 respectivamente. Mestre Noza faleceu em São Paulo, aos 86 anos, no dia 21 de dezembro de 1983.

Dando ênfase nos estudos sobre os movimentos religiosos, a religiosidade popular e o catolicismo popular, tenho observado a pluralidade das manifestações culturais provocadas pela fé penitente por meio de seus sons, imagens, benditos cânticos e espontaneidade de uma corporalidade que permeia as romarias a Juazeiro do Norte.

### **A construção de uma mística; onde está o santo? Onde está o romeiro e seu protagonismo?**

O que foi escrito sobre o Juazeiro do Norte e sua mística está envolto nos prós e contras históricos.

De modo sintético e justificado, o que se mostra relevante é que Juazeiro foi sendo construída em meio ao que Cava (2014, p. 69) escreve como uma “necessidade premente de instalar as bases da romanização europeia em um ambiente caótico para os sacerdotes e os moldes

canônicos, em que os leigos dominavam em “quantidade e qualidade”. Isso implica, por exemplo, na implacável perseguição ao Pe. Ibiapina por episódios como seus conselhos nos Banhos no Caldas, sua prática missionária e ao próprio Pe. Cícero, no Seminário da Prainha, encabeçada pelo Pe. Pierre Chevallier. Essa perseguição se estende às beatas e aos beatos, desde então.

Cava (2014, p.72):

Em setembro de 1872, apenas decorridos cinco meses da chegada do padre Cícero a Joaseiro, d. Luís foi a Crato. Ao que tudo indicava, tratava-se de uma visita pastoral, a segunda que fazia à região. Um dos principais objetivos, entretanto, era pôr as casas de caridade sob o controle episcopal. Depois de terem tantos ilustres cidadãos do vale contribuído para a construção das casas, era de todo impossível suprimi-las. Não tendo qualquer intenção de conceder aprovação canônica à peculiar organização de beatas, ele procurou de toda forma restringi-lhes os excessos espirituais. Não apenas eram as piedosas mulheres profundamente devotas do Sagrado Coração de Jesus — como, aliás, o próprio D. Luís também o era —, mas, segundo se dizia, eram também devotas de Ibiapina, a quem louvavam em suas rezas e em suas obras de caridade como profeta e curador de males.

O desvio da ortodoxia e a falta de instrução teológica formal por parte das beatas eram prejudiciais a uma Igreja romanizada. Por esse motivo e, também, a fim de assegurar o controle episcopal sobre o vale, d. Luís, ao que parece, pediu a Ibiapina que renunciasse à direção das casas de caridade. Tal suposição é confirmada em carta que Ibiapina escreveu à madre superiora da Casa do Crato, em setembro de 1872, logo após a chegada de d. Luís. Na carta de despedida, compromete-se o missionário a nunca mais voltar ao vale. Aos adeptos dedicados das casas do Cariri, que preferiram não o acompanhar até a Paraíba, recomendou submissão total ao bispo. Depois dessa vitória, D. Luís colocou de imediato as quatro casas de caridade do vale sob a jurisdição direta de seus sacerdotes, alguns dos quais eram da própria região e estavam entre os vinte ou mais clérigos zelosos ordenados em Fortaleza.

Acreditava o bispo que, dali em diante, prevaleceria a ortodoxia na região, embora não pudesse adivinhar que até mesmo seus diligentes padres eram admiradores de Ibiapina e levavam a sério a profecia do missionário segundo a qual Deus nada faria contra.

Desde 1874, Juazeiro do Norte era palco do protagonismo humano/social da cultura do Nordeste e porto seguro de protagonistas desde as primeiras famílias de tropeiros fugidos após a eclosão da revolta dos Quebra-Quilos, da desconhecida sombra da República de diversos levantes em vários estados do Nordeste como escrito. Segundo Lira Neto (2009) o Brasil vivia um processo de transformação política e social sem precedentes.

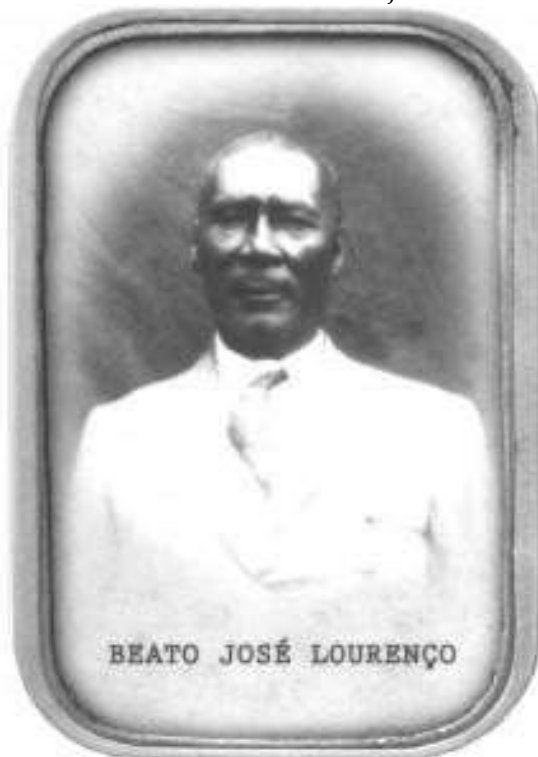
De todos os romeiros/afilhados/beatos que viveram em Juazeiro em tempo contemporâneo ao Pe. Cícero farei um recorte de três desses protagonistas que até hoje se mantêm coesos na memória, na oralidade e na atualidade das romarias, Maria de Araújo, a beata do milagre da hóstia, o Beato José Lourenço, protagonista do Caldeirão de Santa Cruz e Roque Pinto, primeiro administrador da capela do Socorro.

Quando o vento da história de Juazeiro do Norte e do Cariri construtor da comunidade igualitária do Caldeirão, uma das mais positivas experiências sociais, é realizado no Brasil e condutor de um povo que, unido no mais fraterno cooperativismo e seguindo os conselhos de Pe. Cícero, fez do trabalho coletivo uma lição de vida formada na oração.

PREFEITURA DE JUAZEIRO DO NORTE,  
20/07/2018. Placa em bronze. Localizada no mausoleu do beato José Lourenço em Juazeiro do Norte – CE.

### Figura 9

Beato Zé Lourenço. Fonte: Departamento Histórico Diocesano  
Pe. Antônio Gomes de Araújo – DHDPG



Falar no beato José Lourenço Gomes da Silva, alagoano, para Queiroz (2003) paraibano, para Cordeiro (2004), mais conhecido como Zé Lourenço, é falar no modelo sustentável construído à custa de muito suor, trabalho e oração pelo Pe. Cícero Romão Batista. O beato, com a contribuição das levas de romeiros que chegavam à região, gestou este modelo que teve muitos nomes, Baixa Funda, Caldeirão de Santa Cruz e, por fim, Caldeirão dos Jesuítas.

Para melhor inserir o seu protagonismo e o exemplo de modelo igualitário e social da década de 1920, que viria a ser visto como um dos primeiros modelos sustentáveis antes das primeiras discussões em 1970, temos que discorrer sobre sua enigmática figura, seguidor fiel do próprio Cícero Romão Batista, assim descrito:

Como um negro paraibano, chegou a Juazeiro do Norte na época dos “milagres” (cerca de 1890), quando a aldeia fervilhava de romeiros que afluíam de todas as regiões sertanejas para a terra do Padre Cícero Romão Batista, em busca de melhores condições de vida e de “milagres”: as terras férteis do vale do Cariri e a certeza de alcançarem a salvação na cidade do “santo milagreiro”. O próprio Padre Cícero constatou o fato ao afirmar que “Juazeiro tem sido um refúgio dos náufragos da vida (CAVA, 1976:212).

Este homem chega a Juazeiro assim como os milhares e milhares de romeiros que viviam o terror de uma época de seca e opressão em que a esperança era a única certeza que os mantinha vivos. O que o Padre Cícero começara na inexpressiva aldeia Tabuleiro Grande, hoje Juazeiro do Norte, era a materialização dessa esperança, em que inúmeras caravanas de famílias chegavam aos montes e, em sua maioria, precisavam recomeçar.

Embora fosse o próprio Pe. Cícero muitas vezes contra esse êxodo, talvez esse mesmo fluxo tenha impulsionado o grande “patriarca”, (Azarias 2011) a vislumbrar alguma forma de, se não resolvesse em toda sua totalidade, ao menos amenizaria o sofrimento de uma significativa parcela da sociedade sertaneja daquela época.

Nesses moldes, nascia a comunidade do Caldeirão ou Caldeirão dos Jesuítas como era mais conhecida. Brandão, (2002) relata com riquezas de detalhes a formação dessa comunidade e como, a partir da situação de uma sociedade desprovida de qualquer sorte, o exemplo deixado e seguido do padre Cícero Romão Batista juntamente ao saber fazer popular entre tantas famílias, muda um cenário de uma época toda, e seu legado firmou-se na sua mais expressiva vontade. Sobre o espaço físico do local em que se firmou o arraial, temos que:

Caldeirão é um lugar de topografia acidentada e muito pedregoso, cortado por vários grotões, sem nenhuma baixada, mas todo de terrenos ótimos para plantações de cereais e de algodão. Era deserto, sem nenhuma benfeitoria. (BARROS, I, 2011 *apud* FIGUEIREDO, 1961:112).

Existia, então, uma propriedade que, na verdade, era localizada na cidade do Crato, encravada na Serra do Araripe. O local era de muito difícil acesso e, embora apresentasse condições para algum tipo de cultura, era humanamente impossível tornar-se no que se tornou, anos à frente.

Assim, seguindo a orientação do Pe. Cícero, que realizava uma espécie de sistematização das potencialidades dos grupos, seguiu o beato Zé Lourenço esses grupos de romeiros e alguns retirantes que, seguindo à risca as orientações do Padrinho que, reproduzidas fielmente, foram as seguintes: Meu padim Ciço disse assim:

Zé Lourenço, eu tenho muita terra aqui no Cariri, eu tenho terra no Caldeirão, em um lugar chamado Caldeirão. Este lugar é onde morreram uns padres jesuítas no tempo da perseguição. E eu quero que você vá lá para o Caldeirão trabalhar como nunca, pois de morrer e rezar, você que já está morrendo. E, você reze pro povo ouvir e aprender. (BARROS, I. 2011, p. 109).

Quando o Pe. Cícero se refere à “... trabalhar como nunca pois de morrer...” e sendo profundo conhecedor da capacidade do beato, pois ao passo que Zé Lourenço não possuía a erudição de Ibiapina, nem era autodidata como Antônio Conselheiro. Passava-lhe longe alguma “intelectualidade” de uma visão eurocêntrica; mas unia-se a esse panteão de vultos por ser “portador de uma determinada concepção de mundo constituída na dinâmica de sua prática social” (SAMPAIO, 2011, p. 113).

Sampaio (2011) ainda descreve o beato como um gestor que detinha uma capacidade de liderança que, em parte era inata e em parte era por conta do reflexo do próprio Pe. Cícero. Sua capacidade de empatia e direção em suas relações com as massas, chegando a ter na figura do beato Zé Lourenço como o mentor imediato das relações sociais ali constituídas; e o Pe. Cícero sabia disso.

Vale ainda ressaltar que a localidade passou a ser ocupada em 1926; todavia, bem antes dessa época, os ensinamentos, orientações e definições acerca de modelos de manejo com a terra, a preocupação com

os mananciais, rios, animais que não deveriam ser aprisionados, enfim toda uma preocupação sobre temas de cunho ambiental e sustentável eram difundidos aos montes e multiplicados para cada família que ali fazia pouso; em outras palavras, eles foram ao Caldeirão sabendo que aquele cenário seria completamente modificado e como conseguiriam esse feito.

Padre Cícero era, acima de tudo, um visionário progressista e, por isso, portava-se como um homem sempre à frente de sua época; sertanejo, povo simples, porém inteligente por natureza absorve, contribui e segue piamente passo a passo como um Plano de Negócio (PN) ou melhor, um Plano de Ação sistematicamente pensado e executado em moldes de sustentabilidade.

A magnitude do que ocorreu no Caldeirão através do trabalho lá realizado, foi de uma proporção nunca vista, assim como se verifica o relato feito por um militar da época:

Aliás, faça-se justiça, o espetáculo de organização e rendimento do trabalho, com que nos deparamos ali, era verdadeiramente edificante. As brocas (limpeza de campos) e os terrenos prontos para a lavoura, delimitados por cercas admiravelmente construídas, derramavam-se pelos morros e, como uma surpresa verde no meio dos tabuleiros nus, apareceu-nos um tapete alegre de vegetação sadia, (vegetação nativa, preservada) emoldurando um açude, construído por aquela gente, pelos processos mais simples e rudimentares. (BARROS, 2011, p. 109).

Esse trecho “... pelos processos mais simples e rudimentares”, hoje nós os conhecemos como algo que chamamos de Tecnologia Social, conceito contemporâneo que define todas as ações criadas muitas vezes pela sociedade local, por meio de orientações criadas em conjunto, em prol da resolução de um problema social e que apresenta resultados tão revolucionários e significativos. Segundo ainda Barros (2011) temos o conhecimento de que a tecnologia social teve sua origem aqui no Brasil na década de 1880, oriundo de outra tecnologia denominada Tecnologia Apropriada, método utilizado na Índia em fins

do século XIX. Coincidência ou não, mesma época em que o sertão brasileiro seguia os passos do padre transformador.

Ele ainda completa:

A terra é sáfara (chão ou solo seco, pedregoso) e quase estéril. Desejaríamos mesmo, concluir que somente a fé inabalável daqueles homens rudes, de rostos severos e mãos calosas como carapaças de tartaruga, seria capaz de fazê-la produzir. E ela produz. (BARROS, 1937, p. 31).

Com certeza não mudaremos o contexto das citações se acrescentarmos que implícitos nessa fé tão verdadeiramente viva estavam lá os ensinamentos e orientações de um homem que em matéria de fé tinha muita propriedade.

Aos poucos, a paisagem pedregosa e sem vida do Caldeirão dava lugar a um oásis de fartura, autossuficiência e liberdade para um povo até então muito oprimido. As famílias chegavam, enviadas pelo Pe. Cícero aos montes e ao passo que milhares continuavam a povoar à grande e não menos próspera Meca, a terra da luz, a terra de Padre Cícero a terra das romarias. Nessa altura, no grande arraial não haviam sido construídos apenas casas de moradia, além da grande, casa sede em que o Beato José Lourenço residia, outras construções, armazéns de cereais, horticultura, currais, coxeias, granjas, pois todos os animais que ali chegavam, eram, de certa forma incorporados ao patrimônio coletivo de tudo o que se produzia, cultivavam e criavam; assim como ferramentas, utensílios de todas as formas e usos.

Esse sistema foi responsável pela garantia de uma população durante todos os meses dos anos que, mesmo nos períodos tão conhecidos de seca, não representava tanta diferença dos meses em que a chuva os visitava, começaram a tornar realidade a existência de estoques de mantimentos e a prática de utilizar e usufruir somente o necessário, era uma prática naquela época. Nesse modelo tão sustentável e igualitário, em que a sociedade estava inserida em sua própria realidade, autovalorizando-se, as diversas potencialidades iam tomando espaço, os mais diferentes profissionais, os especialistas,



chegavam ao Caldeirão fortalecendo ainda mais essa comunidade e seu modelo sustentável. A partir daí, organizaram-se as oficinas e vários utensílios e ferramentas também passaram a ser fabricados no local; utensílios de couro com a instalação de um curtume; argila e madeira eram também realidade, dando uma maior ênfase à fiação do algodão largamente produzido nas terras do Caldeirão e fiados em teares, a confecção de roupas acontecia.

Os animais da região, que no começo eram caçados, passaram a ser preservados e/ou criados em cativeiros, assim como mocós, emas, tatus, entre outros, seguindo um rigoroso modelo de manejo e remanejo<sup>19</sup> em que muitos eram devolvidos à natureza mantendo assim, permanentemente, a população de fauna nativa. Tudo isso somado a uma organização mantida por um sistema desenvolvido a partir da relação do Padre Cícero e os romeiros, ampliado inicialmente pelo beato José Lourenço e agora com a ajuda de alguns assessores mais próximos, tocavam um contingente de pessoas que crescia e se auto organizava a cada dia.

Eram grupos sempre de mais de quinhentas pessoas, chegando ao número impreciso até pela carência de métodos mais eficazes para cálculos de capacidade de carga, porém, acredita-se que o Caldeirão tenha comportado mais de 2000 famílias organizadas, vivendo sistematicamente um dos modelos sustentáveis mais completos em uma época tão remota e tão opressora, por num período de mais de 10 anos.

Socialmente falando, é assim que devem ser configurados os sistemas, produtos, serviços voltados para essa atividade; aproveitar ao máximo as potencialidades locais, respeitando seus costumes, seu espaço quanto aos impactos inevitáveis mas minimamente possíveis, aumentar desenvolvendo seu potencial econômico e social, tudo isso com a integração, atuação das políticas públicas técnicas sem a intransigência de uma política ausente e desprovida de gestão,

---

<sup>19</sup> Baseado no terceiro preceito ecológico do Pe. Cícero. Os assim chamados preceitos ecológicos segundo o professor Daniel Walker, foram organizados pelo ecologista J. Vasconcelos Sobrinho.

mecanismos que nunca faltaram na visão, empreendimento e prática de um homem considerado um dos grandes enigmas, pois adorado por tantos, odiado e perseguido por muitos, deixou para a posteridade a profecia que muito tardiamente tentam fortalecê-la por meio de modelos e fórmulas aplicadas nos dias de hoje.

O protagonismo do beato Zé Lourenço, o Brasil vive um dos seus momentos mais maduros em termos de olhares voltados para a questão sustentável do planeta. Mudanças significativas ocorreram e continuam ocorrendo, principalmente nas questões envolvendo sustentabilidade, valorização e preservação desses valores e modelos tradicionais de subsistência. Em minha prática de campo, em Juazeiro do Norte, tive a oportunidade de conhecer o Pe. Vileci Basílio Vidal, hoje o referencial e responsável pela reabertura das questões do Caldeirão atuando diretamente na Pastoral nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Sempre no terceiro domingo do mês de setembro, realiza-se a romaria do Caldeirão, em homenagem à memória dos que ali viveram. Questões assim tão sensíveis, não seria surpresa alguma se Padre Cícero vivesse nessa época e o próprio Zé Lourenço; com certeza eles teriam muito que ensinar.

**A hóstia sangra na boca de Maria de Araújo; dos pés da Serra do Araripe, Juazeiro se inunda com um oceano de gente...**

### Figura 10

Beata Maria de Araújo. Fonte: Departamento Histórico Diocesano Pe. Antônio Gomes de Araújo – DHDPG



Quatro anos antes do que viria ser um dos maiores e mais estudados fenômenos ocorridos em Juazeiro do Norte, chegava à casa de Pe. Cícero a moça Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, aos 22 anos de idade; mais tarde, ficou conhecida como “Maria de Araújo” e beata do milagre. Segundo Diniz (1935) e Forti (1991) Maria de Araújo foi iniciada junto a mais 11 beatas, em uma ordem das “beatas penitentes” depois de um retiro de reclusão inspirado no modelo de Pe. José Antônio de Maria Ibiapina e orientado pelos padres Cícero Romão Batista e Vicente Soter de Alencar, e que depois passou a fazer parte dos afazeres e do convívio íntimo da casa do Sacerdote.

Todos os elementos somados ao “milagre da hóstia” a partir de 1º de março de 1889, colocam a beata Maria de Araújo em uma posição que lhe rendeu perseguições e uma reclusão nos últimos 20 anos de sua

vida, despertando estudos atuais e atenção de antropólogos, historiadores, parapsicólogos, psicanalistas e outros pesquisadores. Como explicação fenomenológica do milagre, Dumoulin e Forti (2018) consideram que “as crucificações e os estigmas miraculosos verificados em Maria de Araújo são o resultado, certamente, da imaginação emotiva dela, da influência de seu psiquismo sobre o organismo”, e que a presença do sangue pode ser atribuída a um “caso de aporte”<sup>20</sup>.

Sobre a beata Maria de Araújo, entrevistei, em setembro de 2018, a professora Maria do Carmo Pagan Forti que, desde 1983 pesquisa a beata e o fenômeno do milagre, apresentando uma objetiva definição da beata repetindo o que disse em entrevista ao Diário do Nordeste em 2013.

A mulher só aparece na história quando subverte as regras sociais. Senão, fica escondida, não tem registro. E a beata subverteu as regras da Igreja e da sociedade. Apareceu, em vez de ficar escondida em casa. Ainda hoje, pouco se sabe dela. Mas, sabe-se o suficiente para afirmar que essa mulher teve um papel político muito importante aqui, no sentido de recuperar a cultura religiosa do lugar, do povo da época. Dom Joaquim, bispo do Ceará (em fins do século XIX), queria implantar a cultura da religião romana, dizendo que a cultura do povo era supersticiosa. E a beata, uma mulher pobre, negra e analfabeta, foi uma representante principal desse povo que estava sendo discriminado, tachado de fanático, supersticioso. Ela foi ao altar da Igreja e mexeu com o símbolo mais importante da romanização, que é a eucaristia. Ela fez um milagre. (FORTI, 2013).

A Beata foi protagonista de um dos mais emblemáticos episódios que o Nordeste e o Velho Mundo<sup>21</sup> viram. No entanto, bem dentro de uma versão estereotipada, as características biológicas e sociais de Maria de Araújo, conspiravam a favor do que entendo ser

---

<sup>20</sup> Fenômeno em que se observa a possibilidade de indivíduos materializarem elementos orgânicos em objetos e coisas. No caso de Maria de Araújo, seria o sangue na hóstia.

<sup>21</sup> Aqui entenda-se como sendo Roma, a Diocese do Ceará e a Diocese de Olinda..

uma campanha difamadora dos acontecimentos ocorridos em Juazeiro do Norte do final do século XIX. Azarias Sobreira, em seu livro “O Patriarca do Juazeiro” vale-se de um documento que está guardado a sete chaves do arcebispado de Crato que, pelas características, mais parece um instrumento de inquisição, documento que teria sido encaminhando ao Pe. Cícero por ordem de D. Joaquim. Nesse documento, Azarias Sobreira (2011, p. 308) descreve uma mulher de “rosto algo assimétrico, cor bastante escura e estatura abaixo da mediana”[...] e continua... “não despertava a atenção a não ser pela simplicidade de maneiras, boa educação doméstica, fácil inteligência das coisas, apesar de analfabeta.” Assim, Forti (2018) complementa que, mesmo sendo negra, pobre, doente e mística, foi por meio de seu silêncio e suas manifestações que assustava tantos os poderosos e que inspira na contemporaneidade uma legião de intelectuais, acadêmicos e ativistas, guardiões de sua memória e incansáveis buscadores de seu paradeiro até hoje ignorado. Os romeiros sempre a acompanharam.

Quanto ao paradeiro de seus restos mortais que mesmo passados 108 anos e ainda é ignorado, existe um paradoxo quanto à sua profanação. Quando a beata morre, em 1914, Pe. Cícero lhe garante um enterro digno em túmulo construído no corredor direito próximo à entrada da capela do Socorro, onde permaneceu até a década de 1930. Dantas (2018) apresenta a versão de que tropas militares do governo Vargas foram os profanadores, “D. Francisca Assis Pires testemunhou”. Forti (2018) relata que a profanação tenha sido por mãos simples, de alguns trabalhadores que estavam no cemitério, na ocasião. O certo é que em ambas as versões, a ordem partiu do então vigário geral do Juazeiro Pe. José Alves de Lima, que, segundo Forti (2018) assegurou terem sido essas as palavras do sacerdote: “enquanto aquele fogão estiver dentro na capela, ela não será benta”. Até hoje, seu paradeiro é ignorado.

Pensando o conceito de Fenomenologia de Merleau-Ponty, a beata do "milagre" viveu como uma mulher ativa em sua época, certa de suas convicções e vida. Essa página que fundamenta o Juazeiro dos romeiros desde 1889, passou muito tempo amarelada e empoeirada pelo

esquecimento intencional por parte de forças institucionais eclesiásticas, quando Maria do Carmo Pagan Forti recebe a proposta de Irmã Annette Dumoulin em 1983, para que pudesse se debruçar em pesquisa sobre a beata do milagre, Maria Magdalena Araújo do Espírito Santo, a característica do milagre e a instantaneidade em que acontecia.

A grande dificuldade em tratar do assunto, era pela hegemonia externa que obscurecia o fenômeno e tudo que fosse ligado ao Pe. Cícero, à beata, aos romeiros e a Juazeiro do Norte.

Em 1989 - no centenário da Beata, ocorre o primeiro simpósio sobre a Maria de Araújo. O evento provoca uma reviravolta sobre o assunto; pesquisadores de Juazeiro aliviados, passam a ter novo folego epistemológico e científico para suas pesquisas.

Sobre a personalidade da Beata: uma lutadora e guerreira que recebia padres: Pe. Monteiro Reitor do Seminário do Crato, D. Quintino, 1º Bispo da Diocese do Crato quando ainda era padre, que iam ter com ela e usava seu misticismo em questões importantes; era ouvida por homens e tida como uma santa por devotos e peregrinos que sempre a viram como um oratório vivo e exemplo de nordestina. Era mulher de grande coerência de pensamentos; por isso, os grandes da Igreja iam à sua procura.

Azarias Sobreira (2011, p. 308) em sua obra - O Patriarca... “Havendo bem cedo perdido os pais, foi morar, ainda menina na casa do Pe. Cícero onde se manteve até a condenação dos fatos ditos portentosos<sup>22</sup> e dos quais ela havia sido protagonista”. A perda dos pais foi o desfecho para sucumbir à perdição de uma vida desgraçada pela realidade da pobreza que assolava a região, raça e analfabetismo que a cercava, mas havia um sacerdote, Pe. Cícero Romão Batista. Ela sempre despertou a atenção do Pe. Cícero, Pe. Monteiro, entre outros, pois aos 10 anos nutria um contato e adoração muito grandes ao sagrado coração de Jesus. Mais tarde, ela seria instrumento para fenômenos extraordinários. Por cerca de 3 anos, fenômenos ocorreram envolvendo Maria de Araújo, a beata do milagre, a Maria Preta também como era

---

<sup>22</sup> Que encerra milagre ou prodígio; maravilhoso, prodigioso, miraculoso.

conhecida.

Exemplo desses fenômenos que antecederam o mês de março de 1889 é relatado, Neto (2009) segundo o próprio Cícero Romão Batista, Maria de Araújo assistia uma missa como era de costume e repentinamente passa a ter sensações estranhas, como se alguém invisível a abraçasse fortemente um misto de sensação de dor física e ao mesmo tempo de um imenso consolo espiritual e logo depois se verificou algo extraordinário, uma cruz de sangue fresco teria ficado impressa nitidamente em seu peito. Inúmeros “outros fenômenos como os estigmas, visões e êxtases que aconteceram com a mesma beata” Forti (2006).

Outro exemplo desses fenômenos é relato escrito em carta por Monsenhor Monteiro a D. Joaquim, bispo do Ceará. Vale lembrar que nessa ocasião, Maria de Araújo havia sido isolada de Juazeiro em casa de caridade do Crato.

Ah! Sr. Bispo, estou escrevendo esta ainda impregnado, banhado de consolação pela scena amorosa á que hontem assisti na Capella deste Seminário! Maria de Araújo acha-se na Casa de Caridade há 3 dias, porque veio cumprir um voto, e hontem ella veio visitar a Igreja de S. José; pouco mais era de meio dia, conversando com ella e nos entendendo sobre a Paixão do Senhor e Dores de Maria, soffre um choque tão grande e violento na testa e ficou tão profundamente arrebatada de fazer horror e tanta Compaixão!!! Jesus Christo a feria com a Coroa de espinhos dizendo – entrega-te toda aos meos tormentos! Com um espaço(?) cravou uma mão; mas levemente, deitou pouco sangue, via-se a roda ensanguentada no centro da mão esquerda, ou direita, não estou bem certo. (...) As cartas são abertas para V. Excia. Rvma. ver e aprovar. (...)

Monsenhor Monteiro

Seminário de S. José, 20 de Abril de 1890.

Sobre o milagre, dentro do que possibilidades e hipóteses se debrucem, é totalmente descartada a teoria de embuste; ainda que se tenham instauradas duas comissões científicas/católicas inquisitórias entre 1889 a 1892 que estudaram as características fenomenológicas,

que desde o século XIX até hoje, no âmbito científico são analisados fenômenos muitos parecidos em religiões diferentes e doutrinas espiritualistas e espiritistas, não cabe aqui o seu aprofundamento, pois longe de ser a intenção, lembrando Forti (1999) quando escreve “Maria de Araújo fez o Milagre” principalmente por ser uma mulher de condição humana e social tão sofrida, se afirmou na história do Juazeiro e mais, anda no imaginário e memorial do romeiro alagoano como uma grande protagonista e percussora do que é o Juazeiro hoje.

Foi considerada santa pelos romeiros desde 1889. É interessante considerar que o Pe. Cícero alerta o Bispo D. Joaquim inúmeras vezes sobre as manifestações fenomenológicas que, dentro do inquérito, observa-se mais de cento e quarenta registros, mas esses são ignorados. O Padre protegeu a beata até quando pôde. Ela foi recolhida para Barbalha sob os cuidados de Pe. Manoel Cândido – vigário de Barbalha. Naquela cidade, podem-se observar nuances importantes da personalidade e do protagonismo da beata em cartas analisadas por Forti (2018).

O teor dessas cartas, segundo Forti (2018), deixa transparecer a resistência de Maria de Araújo pelo fato de ela saber de quem era e da posição que ocupava, sendo a protagonista dos fenômenos. Mesmo que a história “oficial” tenha jogado mais luz no Pe. Cícero, que teve papel vital em toda a vida da beata, seu protagonismo e independência são incontestáveis. Uma vez perguntada por padre Manoel Cândido sobre quem lhe dava as hóstias, se estes vestiam de preto, talvez tentando induzir a beata em dizer que eram padres de batina e de chapéu que ministravam o sacramento, ela responde com veemência “Não! Não eram ministradas por padres, e sim por Deus!”.

Existe outro caso interessante que é de sua fuga de Barbalha. Na ocasião, sendo coagida a retornar, retruca “não estou excomungada”? Por que preciso ser submetida a vocês?<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> D. Joaquim Bispo do Ceará, Pe. Manoel Cândido vigário de Barbalha, D. Arco Verde Bispo de Olinda, Monsenhor Pierre reitor do seminário da Prainha em Fortaleza.



Sobre a relação da beata com os romeiros e Pe. Cícero, Dantas, Casimiro e Forti (2018) são uníssimos ao relatar que, muito doente, escuta do Pe. Cícero o seguinte pedido “não morra agora, você é minha espada forte”. Esse pedido foi feito às vésperas da tentativa de invasão a Juazeiro por tropas de Franco Rabelo, resultando na vitória de Juazeiro pelos bravos afilhados/beatos/romeiros/citadinos sob a intercessão da Beata Maria de Araújo, as bênçãos do Pe. Cícero, a logística estratégica de Floro Bartolomeu<sup>24</sup>. O evento ocorreu em dezembro de 1913 e a beata deu seu último suspiro em janeiro de 1914.

Hoje, observa-se com maior clareza quem foi, o que houve e a posição que ocupou Maria de Araújo, como o verdadeiro milagre, não apenas eucarístico, mas por seu protagonismo em enfrentar, mesmo de forma involuntária, um processo de implantação por parte da igreja institucional de uma cultura romanizada, tendo como grande incentivador o bispo da época, D. Joaquim que, implacavelmente, tendia a exterminar a cultura do catolicismo popular em Juazeiro do Norte. Forti (2019) em comunicação recente fala “eles (os romeiros) são resistentes mesmo, o que se confirma inclusive para a igreja católica quando tentou expulsá-los daqui e quando tentou e executou a falsificação da história do Pe. Cícero e do romeiro através de obrigação de novos padres em sua formação a lerem apenas livros contrários à verdade das romarias e da relação o romeiro e Pe. Cícero” jamais conseguiram.

Lembrar-se da Beata Maria de Araújo é o mesmo que devotar o resgate e o ressurgimento do catolicismo popular ao seu feito, mesmo proibida de ser vista por romeiros, reclusa e mesmo depois de sua morte com a ocultação de seu corpo, hoje, a Beata é sinônimo de resgate e de luta.

---

<sup>24</sup> Médico baiano que chega ao Juazeiro em 1908 e conhece Pe. Cícero Romão Batista.

## Alagoanos são partícipes da construção de um legado...

Minha avó nasceu em Penedo Alagoas, filha de donos de engenho, teve escravos e foi testemunha da visita de D. Pedro II a Penedo. Contava, nessa época, de cinco para seis anos. Quando eu tinha mais ou menos 13 anos em uma visita à fazenda Lagoa Azul da propriedade da família Boris, conheci alguns descendentes dos escravos da minha avó que a chamavam carinhosamente de Sadona; era assim que ela era chamada; seu nome era Maria de Barros Correia. Conheceu o meu avô Joaquim Serafim de Lira, natural de Palmeiras dos Índios, na festa de Santo Antônio; ele já era viúvo e tinha dois filhos: Jose de Barros Correia e o outro que ele chamava de Dé.

Os pais de vovó dividiram a grande fazenda, cabendo a cada herdeiro um sítio muito grande que ficava à margem do rio São Francisco, com algumas cabeças de boi, caprinos e muita fartura de frutas; ela dizia que a fruta coração da índia, aqui graviola, era tão grande e tão branca que parecia tapioca. Em nome da Fé que tinham no Padre Cícero, o casal vende tudo o que tinha e parte, no lombo dos animais em busca da Terra Prometida, para eles onde vivia um Santo na terra.

Passaram anos nessa empreitada, e nessa jornada foi gastando tudo o que tinham apurado, e começaram a fazer paradas mais longas em alguns lugares, como no povoado Santo Antão hoje cidade de Pernambuco; minha mãe e minha tia Maria nasceram em Altim PE. Na estrada, também perderam um filho, mas nada detinha a Fé de encontrar o padre Cícero. Entrou no Ceará por Nova Olinda, aí já como pedintes, até chegarem a Juazeiro. “Como todo romeiro, arrancharam-se perto da casa do padre, tornaram-se compadres, e receberam do Padre quando soube da história deles, as seguintes palavras: “oh meus filhos não precisavam passar por tudo isso; o Deus daqui é o mesmo de lá”, disse para minha mãe, ainda criança, ‘vai lutar muito, mas não farás fortuna. Minha avó morreu aos 96 anos chamando pelo Padim. Mamãe contava que, na época, era um homem incompreendido por muitos, mas foi ele que trouxe de um tudo para Juazeiro desde o ofício do trabalho com o couro, até os mais modernos automóveis da época. (ALVES, 1996, p.38 *apud* LUCENA, 1989).

Assim como nessa família de alagoanos, a biografia do Beato Roque Pinto de Miranda levantada por Dantas e Casimiro (2018) por meio da descrição de seu bisneto Francinilton Rodrigues Vieira, fundador do Instituto Cultural e Social Beato Roque Pinto de Miranda (1880 – 1959) demonstra esse protagonismo alagoano.

### Figura 11

Beato Roque Pinto. Registro feito em julho de 2018



Descendente da realeza do Congo, o beato Roque Pinto de Miranda nasceu em 1880, natural de Anadia, município de Alagoas, chega a Juazeiro fugindo da opressão e da seca e atraído pelos primeiros manifestos sobre o milagre, depois de 1889. Contemporâneo do Pe. Cícero, foi um dos beatos que acompanhavam o sacerdote e um dos principais administradores da capela do Socorro a pedido do próprio padre. Roque Pinto, participava do apostolado da oração do Coração de Jesus, atuando na capela do Perpétuo Socorro; depois fundou na igreja de Nossa Senhora das Dores uma associação religiosa, irmandade em 8

de setembro de 1935 com 16 irmãos, que recebeu o nome em especial de Santíssimo Sacramento. Quanto às críticas dos ocorridos de 1889, Roque Pinto de Miranda rebatia, sendo ele um defensor.

A missa em memória dos 69 anos da fundação da Irmandade do Santíssimo Sacramento e seus membros<sup>25</sup> foi celebrada na igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores por Mons. Francisco Murilo de Sá Barreto em 5 de abril de 2004, sendo a data oficial de 8 de setembro de 1935 corrigida para a data da fundação da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Juazeiro. Durante 27 anos de sua vida, dedicou seus préstimos aos romeiros e ao Juazeiro na capela do Socorro; faleceu em 16 de abril de 1959, em Juazeiro, aos 79 anos de idade, na Rua União, no Bairro do Socorro, às 11 horas da manhã.



---

<sup>25</sup> Casimiro (2018) cita os nomes dos 16 irmãos membros da irmandade: Irmão Afonso Ferreira de Melo, Irmão Antônio Dias Sobreira, Irmão Albis Sobreira Landim, Irmão Francisco Neri Costa Morato, Irmão Francisco Dias Sobreira, Irmão João Marcelino, Irmão José Xavier de Oliveira, Irmão Josias da Franca, Irmão João Siqueira Filho, Irmão Joaquim Estevão Barbosa, Irmão José Tunico de Souza, Irmão José Sobreira da Silveira, Irmão Joaquim de Souza Menezes, Irmão José Taveira Paraguá, Irmão Dr. Manuel Belém de Figueiredo, Irmão Odílio Sobreira Figueiredo e Irmão Roque Pinto de Miranda.

O número de romeiros que jazem no cemitério do Socorro evidencia as muitas páginas escritas por alagoanos no contexto histórico e social de Juazeiro. Outra forma de evidenciar tal protagonismo é ouvir os nossos protagonistas atuais, suas histórias, suas idas e vindas de pessoas, como nossa principal protagonista Maria Regina com mais de meio século de vida, sendo filha e neta de romeiros, D. Luzinete, 79 anos, e tantos outros que antecederam fazendo e refazendo esse mesmo caminho.

## CAPÍTULO II

# O GRUPO DOS OITO E SUA HISTÓRIA DE VIDA, O ROMEIRO QUE SAI DE ALAGOAS, O RITUAL DE PEREGRINAÇÃO – PADRE CÍCERO ESTÁ MAIS VIVO DO QUE NUNCA, MAS COMO?

---

### Quem é o romeiro protagonista?

As romarias no Juazeiro do Norte surgem como movimento social de uma religiosidade popular muito pungente frente ao catolicismo romanizado<sup>26</sup>, na transição do século XIX para o XX. Guimarães (2011), ao citar Jacques Maître (1968), reconstrói com seu pensamento sociológico esse expediente da religiosidade popular. Em sua constatação, o conceito de religião ou religiosidade popular, tem seu sentido nas sociedades em que autoridades religiosas garantem forte regulamentação da ortodoxia<sup>27</sup> e da ortopraxia.<sup>28</sup>

Essa relação do catolicismo popular alimentada por uma religiosidade também popular e catolicismo romanizado sempre existiu, sobretudo, após uma sexta-feira, de 1º de março de 1889 em que a hóstia sangra na boca de Maria de Araújo publicamente depois de inúmeras manifestações, segundo Neto Lira (2009). Quatro meses depois, em 7 de julho do mesmo ano, no domingo que marcava o ápice da festa cristã do “Precioso Sangue”, Juazeiro do Norte recebe os primeiros 3.000 romeiros oriundos do Crato, cerca de dez vezes a população local.

Tem-se, então, o sacerdote acolhedor, conselheiro, o protagonismo e misticismo da beata que reacende o fervor dos

---

<sup>26</sup> Movimento dogmático praticado a partir de decretos da Diocese de Fortaleza a fim de exterminar práticas religiosas do catolicismo popular.

<sup>27</sup> Ortodoxia - interpretação, doutrina ou sistema teológico implantado como único e verdadeiro pela Igreja; dogmatismo religioso.

<sup>28</sup> Ortopraxia - procedimento ou ação prática. Geralmente usado para definir condutas religiosas, métodos, liturgias e vivência cristã. (CATOLICISMO DA IGREJA CATÓLICA).

movimentos religiosos e os romeiros sacralizando a pertença, formando, assim, as romarias de Juazeiro do Norte. Ainda sobre o catolicismo popular, Guimarães (2011, p. 05) escreve considerando J. Comblin (1968), “O Catolicismo puro não existe. Trata-se de uma visão do espírito e não de uma realidade concreta que se poderia observar”.

Entre não “existir” e não poder generalizar, dentro da Antropologia Social, fica mais claro particularizar dentro de uma estrutura aparentemente “homogênea”. Em uma perspectiva simbólica, a relação humana e mística/divina com o Pe. Cícero e social dos romeiros e o Juazeiro do Norte, é reflexo de uma construção em se tratando do catolicismo popular de Juazeiro, que é feita a partir da imaterialidade e da materialidade<sup>29</sup>, do saber e do fazer do romeiro.

Em tempos contemporâneos, inevitavelmente e de forma dinâmica, sentem-se os efeitos do que se chama de pós-modernidade, em que se dá uma maior atenção à micro-história, às diversidades e à subjetividade.

Manfredo Araújo de Oliveira, filósofo da Universidade Federal do Ceará, escreveu em (2004, p. 196) que é muito complexo o assim chamado “ressurgimento do Sagrado”, uma vez que o “modelo” de fé foi sempre moldado na perspectiva pré-moderna. Essa perspectiva pode ser analisada pela óptica dos três agentes de Stuart Hall: o iluminista, o sociológico e o pós-moderno. Penso que essa afirmação de uma “complexidade do ressurgimento do Sagrado” só se sustenta se não se diversifica; se considera-se apenas o sujeito centrado, unificado, eurocêntrico, etnocêntrico. Sobretudo após 1960 com uma “abertura” da Igreja Católica Apostólica Romana. Contudo, o romeiro bem antes, afirma-se com seu protagonismo.

Aqui, o sujeito é o romeiro, cidadão do mundo, não isolado, interconectado e atuante, alimentador das romarias e devoto do Pe. Cícero. Revela-me que é protagonista, atuante, dinâmico e deslocado a partir de uma fragmentação do que se pensava até então do conceito de

---

<sup>29</sup> Será abordado mais profundamente a questão da “imaterialidade” e da “materialidade” no capítulo na Parte III desta escrita.

estrutura a partir de mudanças nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e racionalidade. E por que não acrescentar aqui, nas paisagens religiosas. Refletir que o romeiro é um sujeito histórico e cultural acima de qualquer definição ou deslocado por forças fora de si mesmo.

Interessante notar a observância dessa constância sendo descentrada por “forças fora de si mesma” e como se percebe, esse fenômeno é mais antropológico que sociológico. Posso atribuir essa força exterior ao fenômeno da comunalidade percebida nas romarias, em que o romeiro se alimenta dos elementos simbólicos/místicos/religiosos e, portanto, culturais que, por meio de sua corporalidade, retroalimentam essa força.

Quando falo que este estudo é mais antropológico que sociológico, estou considerando que, bem mesmo antes de existir a romaria em sua coletividade/comunalidade, há um sentido de ir individual, uma intencionalidade e uma motivação que fazem os agentes das romarias se aglomerarem. O exterior é resultado do que interiormente é projetado na forma “dos passos longos...”, “dos benditos”, “da visita ao túmulo” entre outros aspectos observados.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele. Para o romeiro, o grupo dos oito, essas “outras pessoas” são o Pe. Cícero, a beata Maria de Araújo, o beato Zé Lourenço, a beata Bichinha, Roque Pinto e outros que, assim como eles, construíram e constroem a mística do que é Juazeiro do Norte.

Mencionei o que está em “Papel passado...” de Francisco Regis Lopes (2011) “onde o romeiro está, está o santo, e vice-versa”. Dentro dessa hagiografia<sup>30</sup>, posso considerar o que escreve Martine Kunz (2011, p. 11) quando afirma que o padrinho sagrado e o padrinho profano são o mesmo; ele também foi perseguido e oprimido, assim

---

<sup>30</sup> O termo hagiografia é de origem grega (hagios – santo; grafia – escrita)



como o romeiro que pede e, ao mesmo tempo dá, se oferece. Claro que nesse contexto, existem “outras pessoas, ou forças”, mas o que se trata aqui está além de qualquer força ou hierarquização romanizada, pois está no campo da “simbologia interacional”<sup>31</sup>.

Historicamente está registrado que os movimentos religiosos denominados romarias dos romeiros do Pe. Cícero e da “terra da mãe de Deus”<sup>32</sup>, ressurgiram há mais de um século, opondo-se às tentativas de extinção do catolicismo popular e à normatização da romanização eurocêntrica. Esse catolicismo inserido na religiosidade popular evidencia o que escreve Hall (2006), “sujeitos totalmente descentrados e avessos à ideia de uma unificação normatizada de centralidade impositiva”. Se escrevo de protagonismo antes e depois do século XIX, a ideia de modelo construído, moldado por forças superiores, o que se observa em Juazeiro, é que o contraponto dessas forças, “catolicismo popular” e “catolicismo romanizado” sempre existiu.

Talvez, aqui se tenha uma ideia mais clarificada do conceito de “comunalidade”, em que a estrutura religiosa do Juazeiro é formada pelo pluralismo de tradições culturais religiosas diferenciadas, mas todas no âmbito do catolicismo, como os “Ave de Jesus”<sup>33</sup> “os devotos de Pedro Batista e Madrinha Dodô”<sup>34</sup>, “os romeiros pedintes”<sup>35</sup>, além de muito pontualmente se observar também integrantes de religiões de “matrizes africanas e indígenas” por meio de uma espontaneidade<sup>36</sup>

---

<sup>31</sup> G.H.Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são a figura chave na sociologia que elaboram essa concepção “interativa” da identidade e do eu. (HALL, 2006).

<sup>32</sup> Devido à grande devoção mariana nordestina, tendo como padroeira do Juazeiro, Nossa Senhora das Dores.

<sup>33</sup> Membros de um grupo de penitentes que vivem sob o voto de pobreza e castidade, em Juazeiro do Norte, no Nordeste Brasileiro, região do Cariri. Bivar (2009, p. 31).

<sup>34</sup> Grupo de romeiros e devotos que alimentam a devoção em Madrinha Dodô que, acredita-se, ser contemporânea de Pe. Cícero e herdeira espiritual do Beato Pedro Batista. Amorim (2012).

<sup>35</sup> Grupos e grupos, às vezes individualmente, muitas pessoas que pedem pelo caminho, a sua penitência?

O “não” ou o “perdoe”. Essa prática está na oralidade de Dantas (2018) e foi observada por mim durante a prática de campo.

<sup>36</sup> Observo que o romeiro faz dos espaços no Juazeiro uma dimensão familiar,

muito próprias dos romeiros que encontram em Juazeiro a liminaridade e sua “*Communitas*” observada a partir de Tuner (1974) dentro da dimensão alterizada<sup>37</sup>. Complementa Oliveira (2004, p. 197) que “houve uma perda de força da institucionalização da religião” como algo de fora para dentro, e que se observa um movimento inverso, de interiorização de um fenômeno plural e multiforme, como são as romarias em Juazeiro do Norte.

Não cabe mais um entendimento teórico, vendo as dinâmicas das romarias atuais, de uma ideia de romaria com “limitações” culturais, religiosas, de formatações fechadas ou isoladas. Hoje, tanto o catolicismo romanizado quanto o catolicismo popular convivem nos mesmos espaços dessa dimensão comum que possibilita a convivência “alter”<sup>38</sup>, mesmo que em alguns aspectos, ritualísticos e culturais haja diferenças de olhar e corporalidade entre o espaço construído institucional e a espacialidade do romeiro conceituada por Dumoulin (2018).

Contudo eu lembro que essas relações durante anos estiveram na dimensão mais “alios”<sup>39</sup> onde era clara a existência de muros muito altos entre esses dois catolicismos, que a ideia de uma “rede social” não era possível. Hoje se observam muito mais as pontes de alteridade, do que os muros hegemônicos, normativos e institucionais. A análise do conceito de redes sociais ajuda nesse expediente.

Compreender o conceito de rede social é importante para que, baseado em meu objeto de estudo, o protagonismo do romeiro alagoano, etnografo os movimentos religiosos, a peregrinação e a visita ao túmulo de Pe. Cícero, a partir de intenções e motivações que levam esses

---

trazendo elementos populares, devocionais, elementos construídos e reconhecidos, a presença do Pe. Cícero, não seguindo uma sistematização ou ritualística canônica, embora essa espontaneidade seja cheia de respeito, admiração e familiaridade ao sagrado que ocupa espaço de honra entre o popular e o profano.

<sup>37</sup> SILVA FILHO, F.A.B; MARTINS, S. *O “eu” e o “outro” – estudo teórico contemporâneo acerca da alteridade como campo dinâmico do ser e fazer antropológicos*, 2018, p. 7.

<sup>38</sup> O outro, como deveríamos nos ver.

<sup>39</sup> Alienígena, ameaça. (CORTELLA, 2017).

romeiros de Alagoas a Juazeiro do Norte.

O entendimento do estudo sobre redes sociais é algo que Hennerz (2015, p. 168) vai dizer “A ideia de redes na Antropologia significa abstrair de algum sistema mais amplo, para objetivos analíticos, conjuntos de relacionamentos mais ou menos elaborados”. Esse expediente pela complexidade de um estudo dessa natureza, não é meu foco. Trago a ideia pós-moderna de rede social<sup>40</sup> para melhor clarificar o entendimento das conexões e interconexões e extra conexões<sup>41</sup> das relações em Juazeiro das romarias.

De forma objetiva, sabemos que a análise da rede social das romarias em Juazeiro do Norte, encontra fundamento em Hannerz (2015, p.168), com quem divido a mesma preocupação:

Tornou-se necessário ter uma mente mais aberta com relação à delimitação das unidades de estudo, já que, com frequência, não podíamos depender dos limites sociais “naturais”. De um lado, até a comunidade local podia ser uma unidade complexa e muito grande para ser analisada, e não necessariamente relevante de um modo geral para o tipo de análise que tínhamos em mente. Por outro lado, não podíamos deixar de considerar as conexões que estavam fora dela, com a região, com a nação, com o resto do mundo.

Sendo as romarias de Juazeiro uma rede social total<sup>42</sup>, mas não

---

<sup>40</sup> Ao pensar a análise dos textos etnográficos que dialogam no pensamento com os autores acima citados, quase todos em uma periodicidade entre os anos 1950 e 1970, chamou-me a atenção os termos usados e a ideia tão moderna de rede social, que só viria a ser conhecida após os anos 1990 e que, por esse motivo, ajudou para uma leitura mais fluente e que ajudou no entendimento tecnológico que possuo, pois, analiticamente, a ideia empregada é por demais semelhante à ideia de redes sociais no que conhecemos como rede mundial de computadores ou a WWW.

<sup>41</sup> Se entende respectivamente que as relações sociais no Juazeiro são ancestrais/familiares/afinidades, ocorrem nos ciclos das romarias no Juazeiro e interligam ainda municípios fora da rede central, mas que tem acesso a ela a partir dos signos e continuidade desse universo romeiro que acompanha o romeiro nos seus polos, principalmente nos últimos tempos com as romarias itinerantes.

<sup>42</sup> Sigo aqui com a ideia de Marcel Mauss do fato social total, segundo o qual, a partir de das romarias de Juazeiro, todos os fluxos se dão, chegadas e partidas, interconexões sociais, relações interpessoais.

homogênea, absorve automaticamente as outras e suas interconexões; duas dessas redes mais dentro da análise, formadas por romeiros e nativos (artesãos, comerciantes, etc.), um pouco mais distante, mas notada nessa rede social, o turista por exemplo, em que socialmente falando, essa totalidade possui um fluxo religioso, cultural, social, econômico, turístico muito intenso e produtivo.

Essa rede total (Romarias/Juazeiro) é alimentada principalmente pelos romeiros e suas redes externas, cidades do Nordeste e que também recebem, nos últimos tempos, fluxos de outras regiões. Segundo D. Gilberto Pestana de Oliveira, Juazeiro, em 2018, recebeu uma leva significativa de romeiros do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná que alimentam as romarias dentro do município cearense e que são grupos de pessoas que enxergam e possuem conexões com o mundo lá fora, mas possuem seus conjuntos de relacionamentos internos.

Essa relação em redes como interligação, inteiração e fluxo social, demonstra sua capacidade de interligar com maior afinidade seus membros e níveis mais abertos de interconexão, mas nunca são fechados, entre indivíduos que partilham experiências nos mesmos espaços e participam dos mesmos rituais. Essas redes que são simbióticas, são dinâmicas e em Juazeiro, se aglutinam e se espalham pelo movimento cíclico das romarias, podem ser lidas no grupo dos oito que protagonizam esta pesquisa.

Maria Regina, Carminha, Zé Izídio, Maria Rosângela e Nilzete são de Coqueiro Seco, D. Luzinete de Joaquim Gomes, D. Zezé e Dalva de Maceió, a Fátima (Fau) de Paripueira, todos com vidas distintas, trabalhos, relações familiares distintas, sociais distintas e comuns também entre seus familiares e relações sociais sem qualquer grau de parentesco. Em Juazeiro em época de romarias, formam essa grande rede total composta por tantas outras redes e interconexões, fluxos, sempre no movimento de chegadas e partidas. Outros agentes protagonistas que aparecem ou espontaneamente me abordaram durante a etnografia, foram: o Senhor Antônio Ferreira de União dos Palmares; José Maurício, Secretário de Assistência Social de Maribondo; D. Adalgiza de Jesus de Mar Vermelho; Dona Creuza Luiza Lima da Silva

de Maribondo, que alimentam essa rede social total com suas relações e acessam outras.

Primeiro, a rede dos romeiros, observamos um grupo social que se nutre e retroalimenta a mística de Juazeiro do Norte com seu catolicismo popular, que, por sua vez, está em peregrinação rumo ao túmulo de Pe. Cícero que pode ser vista como a espinha dorsal que canaliza essas redes de pessoas e grupos que surgem de vários lugares. Sentido de uma liminaridade.

Dessas redes internas ou grupos, que têm por função agregar e concentrar todo o fluxo social e, por sua vez, o ritual de partida, peregrinação, visita ao túmulo e retorno às suas origens, podem também ser vistos como mantenedores necessários para a tradição das romarias. É importante dizer que, nos últimos anos, várias mudanças ressignificam as romarias; contudo, é salutar dizer que sua tradição existe e é conservada por várias ações. Uma dessas ações mais evidentes é a existência do Círculo Operário São José que tem à frente a irmã Annette, que executa um trabalho de recepção, acolhimento e preservação da cultura mais tradicional das romarias. Outro exemplo é o museu paroquial Monsenhor Murilo.

Os turistas, para diferenciar e exemplificar as redes distantes, mas conectadas às outras, romeiros, nativos com relações comerciais e de serviços, seriam outros grupos e também podem trafegar na rede total (Romaria) com menos densidade, pois sua visão seria mais exterior (estereotipada) em relação aos eventos de Juazeiro, que consistiria no olhar mais exótico e, por que não dizer, ocidental. Os nativos, poderiam ser entendidos como membros locais, eles subsistem em Juazeiro e, nessa rede total, interagem com as duas redes internas mais diretamente. Nesse caso, esses indivíduos locais se conectam às redes internas da totalidade que fazem parte, por meio de produtos e serviços que oferecem, bem como nas relações sociais de afinidades entre esses grupos.

Em relação aos grupos de romeiros, é preciso acrescentar para esse entendimento que, mesmo estando localizados em uma camada intermediária e não local, suas relações com a rede total ou com o

universo romeiro em Juazeiro do Norte é bem mais intensa que as relações do turista com essa mesma rede total ou Juazeiro. Seus membros quase sempre mantêm uma relação social perene, em que seus atores são mais assíduos na conexão com essa totalidade, e cujas renovações, partem de uma ancestralidade e tradição que, em estudos, não se observa na rede interna dos turistas. Por outro lado, a rede interna dos turistas, embora mais transitória na maioria dos casos, com raríssimas exceções, movimentam a rede em sua camada total em sua economia de produtos e serviços turísticos que, por este grupo social, são bem mais apreciados em sua totalidade.

Por fim, fica mais claro responder ao que Hennerz (2015) escreve em relação a abstrair o sistema mais amplo, para objetivos mais analíticos e mais ou menos elaborados.

Estar em Juazeiro do Norte, na romaria com os protagonistas alagoanos, é estar conectado a essa grande rede social de várias interconexões, com atmosfera cosmopolita descentralizada de uma antropologia transcendental. Agier (2015).

Esse relato é uma forma introdutória para descrever o entendimento de quem é o romeiro alagoano, seu protagonismo e o porquê desse movimento humano social e suas relações na rede total Juazeiro do Norte e nas inúmeras redes que atendem ao chamado das romarias, aqui mais especificamente o de peregrinação e visitação ao túmulo de Pe. Cícero.

Ler o testemunho de que Pe. Cícero era um “santo na terra” é trazer à tona o que se revela na pesquisa “o santo existe e permanece vivo, porque existe o romeiro”; querer ir ao encontro até hoje em peregrinação e ritual é *performance* de uma imaterialidade; estar em Juazeiro do Norte, peregrinar e visitar o túmulo é a ação da imaterialidade.

Como explicar essa atração e caminhada alagoana ao túmulo de padre Cícero Romão Batista? Como entender o porquê de tantos alagoanos fixarem morada em Juazeiro e que contribuíram significativamente para seu desenvolvimento como foi o caso do senhor Aureliano de Atalaia – AL, comerciante e pai de 36 filhos, Cap.

Fernandes desenvolvedor da região também oriundo de Alagoas, senhor Roque Pinto de Anadia, Alagoas, primeiro administrador da capela do Socorro.

Mas, enfim, quem são esses protagonistas alagoanos que formam o grupo de romeiros que dão vida a esta etnografia? Maria Regina, a Maria da Xoxa, nascida em 1960, é enfermeira, ministra da eucaristia, neta de romeiros, romeira há quase meio século e, na ocasião da romaria de 20 de julho de 2018, fazia oito meses que seu filho mais velho havia sido assassinado. Enlutada, ela traz em sua voz, enquanto caminha para iniciar a subida do horto, o seguinte: “tem muita gente que vê a cruz como sinal de sofrimento; a gente tem que ver a cruz como exemplo e agradecimento”. Estando em Juazeiro, mais perto de “meu padrinho Cícero”, Maria Regina diz que, “além da dor do luto que diminuiu bastante, todas as outras dores se vão e até volto a sorrir após oito meses”.

Sua mãe era fretante<sup>43</sup> e lembra que desde os 12 anos vêm a Juazeiro do Norte. Faz sempre três romarias: a de candeias em janeiro/fevereiro, a de morte do Pe. Cícero em julho e a de Mãe das Dores em setembro. Peregrinando com seus passos longos de pedra e areia que se junta aos tantos outros, rumo ao santo sepulcro, equilibrando uma garrafa de água em sua cabeça, me diz, “professor, enquanto tiver força, não deixo meu Juazeiro e nem meu padrinho Cícero”.

Maria do Carmo dos Santos (Carminha) é aposentada, Mestra de Folgado, filha de fretantes, mãe de fretante (André Ezídio), exímia cozinheira, foi uma das primeiras a falar de suas histórias e memórias de tantas romarias. Conta que foi curada de uma grave enfermidade nas pernas por intercessão de Pe. Cícero e que recorre a ele para tudo. Na ocasião da peregrinação que fizemos juntos, durante a subida de quase 15 km ladeira acima, era visível o inchaço em seus pés, mas no seu

---

<sup>43</sup> Aquele ou aquela que freta o meio de transporte, geralmente é também romeiro e faz parte do grupo que transporta. D. Dalva que aparece na pesquisa é a fretante que organizou a viagem de julho de 2018.

ritmo completou a peregrinação dizendo que subia com fé e alegria.

José Ezídio dos Santos, 69 anos esposo de Carminha, é aposentado reformado da polícia militar do Estado de Alagoas, filho de romeiro, apreciador e versado na história do Brasil, a quem tive a grata satisfação de tê-lo como companheiro nas andanças por entre ruas e ladeiras de Juazeiro do Padre Cícero. Ele diz “ei professor<sup>44</sup>... escute muito bem... padre Cícero para mim foi-se embora depressão, desemprego, ele é um santo, não é Deus, mas é santo”.

Maria José dos Santos Silva (Nilzete) viúva, irmã da ex-prefeita da cidade, condição que é revelada pelos outros protagonistas, romeira de longas datas, embora tenha compartilhado comigo as duas poltronas do ônibus, é a mais reservada, que depois, na dimensão alterizada, me revelou um largo e sincero sorriso. Eu havia ultrapassado a dimensão no aceite dessa romeira que percebeu minha atitude ética em participar da romaria para ela e para mim, elaborando o método prático do campo.

Rosângela Maria de Lima Santos, professora, fazendo sua segunda viagem como romeira a Juazeiro do Norte, tem em suas primeiras palavras quando chegávamos ao horto a seguinte memória: “foi aqui professor, em 2017 que me encontrei com o Padre Cícero. “Sabe, professor, a fé do povo é a força do Juazeiro”.

D. Luzinete, de 78 anos, reside atualmente em Maceió, bisneta de romeiros e devota de Nossa Senhora do Monte Cabeça, é tirante de Benditos, isto é, é quem inicia, puxa os benditos que são acompanhados por outras pessoas e ao cantar o bendito de Santa Quitéria, olha para câmera como que olhando para meus olhos e pergunta: “tá vendo meu filho, que coisa linda? ”. D. Zezé, que reside em Maceió, e D. Fatima (Fau) da Paripueira, bem mais reservadas, mas solícitas de nossa atenção, acompanham D. Luzinete nos benditos.

O romeiro alagoano é puro toque, expressão, olhar. É interessante observar o grupo dos oito realizando a romaria do dia 20, dentro da perspectiva do processo ritual e da antropologia do corpo. É

---

<sup>44</sup> Foi assim que fui apresentado por Maria Regina ao grupo.



nessa corporalidade que se encontra e, onde o protagonista se coloca perante o mundo e do seu entendimento como agente formador de um processo a partir de sua sinergia, como ator cultural e não como objeto de sua corporalidade. Csordas (2008, p. 103) utiliza o pensamento maussiano para justificar a corporalidade em que o próprio Mauss sugere que “todos os humanos possuem uma noção de individualidade espiritual e corporal”, esse paradigma se reafirma ao observar os protagonistas das romarias, no processo ritual.

### **O romeiro peregrino, sua vida é andar...**

O sentido do verbo “andar” sempre fez parte do contexto nordestino, está nas canções, nos versos, nos benditos, principalmente na prática das romarias.

Cordeiro (2010, p. 55) escreve:

A noção de peregrinação incorporada no discurso religioso supõe um percurso em direção ao divino e é compreendida tanto em um sentido

material de um deslocamento geográfico quanto de um ponto de vista metafórico, correspondente a uma jornada interior.

O andar do romeiro peregrino considerando o recorte histórico a partir de 1889, pude observar que esse sentido do andar na prática, assume posturas diferentes em direção à cultura das romarias levando em conta “o sentido do pedir”, “o sentido do receber e retribuir” e “o sentido da manutenção dessa devoção”.

Nos estudos sociológicos, a peregrinação faz parte das práticas rituais características do sistema de crenças que constituem o aspecto religioso da vida.

Sua apreensão está voltada para as implicações dessa prática no processo social. Entendendo a religião como construção humana sob o “guarda-chuva” da cultura, os fenômenos de deslocamentos religiosos contemporâneos

envolvem várias perspectivas de interpretação a respeito das ações e sentidos evocados pelos agentes envolvidos. (CORDEIRO, 2010, p. 57).

Maria de Araújo, Zé Lourenço, os alagoanos contemporâneos ao Pe. Cícero Roque Pinto, Aureliano, Capitão Fernandes e tantos outros que peregrinaram até o Juazeiro depois de 1874 e 1889, buscaram por meio da peregrinação “o pedir” socorro o acolhimento, e dias melhores. Foram socorridos, acolhidos e encontraram dias melhores por meio de uma dinâmica e práxis igualitária que fez Juazeiro do Norte se desenvolver, do qual eles fizeram parte ativamente. Retomamos.

Até 1934, ano da morte do Pe. Cícero, o fluxo de romeiros vindos de várias partes do Nordeste viam o Juazeiro do Norte como “meca”<sup>45</sup> e o Pe. Cícero como o padrinho conselheiro, perseguido pela Igreja que ele tanto amou e preocupado com a causa dos mais pobres, oprimidos e desgraçados. Esse caráter provedor do Juazeiro aos que chegavam, entre romeiros, beatos e toda sorte de pessoas por meio da pastoral do sacerdote, permanece alimentando o fluxo das romarias. Dumoulin (2017, p. 247) afirma “e ele fez opção pelos pobres. Consagrou sua vida aos pobres”.

Sobre esse expediente, a opção pelos pobres, mesmo sendo nítido o desinteresse por parte do romeiro alagoano sobre qualquer elemento acerca da polêmica e controvertida “riqueza” de Pe. Cícero cabe aqui fazermos de forma muito sintética mas fundamentada, uma análise sobre a questão.

Para isso, vou utilizar inicialmente fragmentos do testamento do próprio Pe. Cícero que foi transcrito para um livro escrito por Manoel Bergström Lourenço Filho em 1926 e que tem teve sua 4ª edição eletrônica em 2002. Escreve Pe. Cícero:

Declaro que desde a minha ordenação, mesmo durante o pouco tempo que fui vigário da Paróquia de São Pedro do

---

<sup>45</sup> Local central que concentra os interesses, as atenções ou as ambições de um grupo de pessoas que têm alguma coisa em comum.

Crato, nunca percebi um real sequer pelos atos religiosos que tenho praticado como sacerdote católico. Declaro ainda que todos os dinheiros que me foram e continuam a ser dados, como ofertas a mim unicamente, os tenho distribuído em atos de caridade, que estão no conhecimento de todos, bem como em grandes e vantajosas obras de agricultura, cujo resultado tenho aplicado em bens, que ora deixo, na maior parte, para a benemérita e santa congregação dos Salesianos, a fim de que ela funde aqui, no Juazeiro, os seus colégios de educação para crianças de ambos os sexos. Desde muito cedo, quando comecei a ser auxiliado com esmolos, pelos romeiros de Nossa Senhora das Dores. (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 155).

E ainda continua:

Declaro, outrossim, que os dinheiros que tenho recebido para celebrar missas, conforme a intenção das pessoas que mo têm dado, os tenho distribuído com o maior critério, por intermédio dos padres e vigários desta e de outras dioceses e de algumas instituições religiosas do País e do estrangeiro. Devo acrescentar que os dinheiros que me têm sido entregues para eu aplicar como entendesse e quisesse, na intenção, louvor e honra de Nossa Senhora das Dores, sem nenhuma outra contradição, do mesmo modo os tenho aplicado com muita consciência em atos de caridade, em auxílios a obras e instituições pias e em bens que ora deixo, conforme vai adiante declarado, para Nossa Senhora das Dores, padroeira desta matriz, e para a Santa Congregação dos Salesianos. Particularizo, desta maneira, a aplicação à minha vontade, das importâncias em dinheiro, recebidas para distribuir na intenção de N. Sra. das Dores. Nunca me apoderei delas, ao contrário, ordenei sempre que fossem recolhidas aos respectivos cofres da igreja matriz, os quais estiveram sempre sob a guarda dos vigários daparáquia. Devo ainda declarar, por ser para mim uma grande honra e um dos muitos efeitos da Graça Divina sobre mim, que, em virtude de um voto por mim feito, aos doze anos de idade, pela leitura nesse tempo que eu fiz na vida imaculada de São Francisco de Sales, conservei a minha virgindade e a minha castidade até hoje. Afirmo que nunca fiz mal a ninguém, nem a ninguém votei ódio nem rancor e que sempre perdoei, por amor de Deus e da Santíssima Virgem, a todos que me

fizeram mal consciente e inconscientemente. (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 155).

Ainda destaco esse trecho:

Preciso ainda elucidar um assunto ao qual meu nome por circunstâncias especiais se acha ligado, porém no qual minha ação, aliás pacífica, conciliadora e sempre ao lado do bem, tem sido injustamente deturpada pelos que se deixaram dominar pelas paixões do momento ou não souberam interpretá-la. Nunca desejei ser político; mas em 1911, quando elevado o Juazeiro, então povoado, à categoria de Vila, para atender aos insistentes pedidos do então presidente do Estado, o meu saudoso amigo Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, e ao mesmo tempo evitar que outro cidadão, por não saber ou não poder

manter o equilíbrio de ordem até esse tempo por mim mantido, comprometer-se a boa marcha dessa terra, vi-me forçado a colaborar na política.

Não obstante aos desvios de caráter, condição nata dos homens, do desrespeito daqueles que posteriores ao Pe. Cícero usufruíram e não tiveram a hombridade de desconstruir as mentiras e equívocos bibliográficos, nesses três trechos de seu testamento, estão explicados a “riqueza” e o poder de Pe. Cícero. A intenção do sacerdote foi sempre a melhor, o desrespeito de muitos foi sempre maior. Na biografia de Pe. Cícero existe uma figura intrigante chamada Floro Bartolomeu que segundo Amália Xavier era uma pessoa perigosa e que de seus atos arbitrários como por exemplo a concessão de patente de capitão a Lampião e o pacto dos coronéis tenham respingado acidentalmente na batina de Pe. Cícero lhe maculando.

Luitgard Barros Cavalcante<sup>46</sup> (2008, p. 277) transcreve uma

---

<sup>46</sup> Antropóloga - Doutorado e Mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997 e 1980); Pós-doutorado em Ciência da Literatura pela UFRJ (2008); Pós-doutorado em Antropologia pela UNICAMP (1999); Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio de Janeiro (1968); graduação em Fisioterapia - Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro (1966).

resposta dada a ela

por romeiros adeptos ao beato José Lourenço sobre o comportamento do sacerdote em doar bens à igreja, a resposta foi essa: “o santo se completa nas provações, que por sua vez desmascaram aqueles que impõe estes sacrifícios. O Padre Cícero precisava mostrar ao povo quem eram realmente os bons homens da igreja, para que fosse visto que muitos sacerdotes são o anticristo”

Pe. Cícero ainda em seu testamento escreve:

Estou certo, não só porque conheço a índole deste povo aqui domiciliado, assim como das populações sertanejas que aqui frequentam e que por meio dos bons conselhos tenho educado na prática do bem e do amor a Deus, e mais ainda, porque o pedido que faço, estou certo, repito, que todos os romeiros aqui domiciliados ou de pontos distantes, como prova de estima e amizade a mim e em louvor e honra à Virgem Mãe de Deus, continuarão a frequentar este meu amado Juazeiro com a mesma assiduidade, e auxiliarão aos beneméritos padres salesianos, como se fossem a mim próprio, para manutenção aqui da sua obra de caridade cristã, isto é, dos seus colégios nesta terra para todo o sempre, será a maior tranquilidade para minha alma na outra vida.(LOURENÇO FILHO, 2002, p. 155).

Aqui se pode dizer que muito claramente, Pe. Cícero explicita que sem o romeiro, Juazeiro acabaria, ou seja, não bastaria os “beneméritos” padres salesianos.

Em contrapartida, para uma justa análise, destaco o que escreveu Otacílio Anselmo (1968, p. 501) através de um testemunho de Vicente Pereira da Silva, citado pelo também escritor Abelardo F. Montenegro, em que Pe. Cícero teria dito “O que Deus não quer, o diabo não enjeita. A igreja não me quer, pois eu me meto na política”. Essa opinião jamais encontrou coro entre pesquisadores como professor Daniel Walker, Renato Cassimiro, Renato Dantas, Marcelo Camurça, José Genildo Reges, Maria do Carmo Pagan Forti, entre outros e nem tão menos em publicações sérias sobre o Juazeiro segundo esses mesmos pesquisadores. Será a opinião dos romeiros diferente?

Fecho aqui essa questão tendo a consciência que essa sintética análise, nem ao menos abalou o campo denso dessa polêmica que se sustenta em dois pilares: O padre Cícero “santo” e provedor do social e o padre Cícero Coronel, concentrador de riquezas, sobre o qual paradoxalmente Professor Daniel Walker (2017, p. 21) escreve:

E assim, com altos e baixos, errando e acertando ao longo de quase um século de existência como religioso e político, Padre Cícero construiu e consolidou uma biografia de primeira linha, e seu nome, até hoje, é objeto de estudo, despertando ódio e amor. Ele teve a grandiosidade inerente aos grandes homens e as fraquezas comuns a todo mortal. Contudo, foi uma pessoa extraordinária, a figura mais estudada do clero brasileiro, o homem que colocou Juazeiro no mapa do Brasil e o mais carismático líder político e religioso do Brasil.

Retornando à escrita sobre os fluxos, após a morte de Pe. Cícero em 20 de julho de 1934, historicamente o fluxo de romarias aumentou sem precedentes, inicialmente pelo choque e sentimento momentâneo de orfandade física, que logo foi ressignificada em devoção. Cordeiro (2010, p.57) [...] além de sinônimo de peregrinação, o termo romaria é utilizado para designar uma reunião de devotos [...].

Com essa reunião e devoção, um sentido de pertença que era construído no processo de mistificação de 1889 passa a ser observado. Dantas (2018) fala até de uma questão mítica, construção oral na qual o Pe. Cícero havia sido levado por anjos ao céu e pedido aos romeiros que continuassem seu legado na terra do Juazeiro do Norte com as peregrinações. O movimento desse fluxo passa, então, a ser alimentado pela volta desse romeiro que devolve a dádiva recebida pelo legado de Pe. Cícero, pela escolha dos romeiros, pelo protagonismo contemporâneo a ele e pelo sentido de pertencimento do romeiro alagoano na atualidade. Mauss (2003).

Mauss (2003, p. 188) me ajuda a trazer algumas questões recorrentes durante toda a pesquisa: qual é a regra de direito e do interesse que faz que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa dada que faz o presente recebido,

ser obrigatoriamente retribuído? Isso me leva a problematizar o que leva romeiros de Alagoas retribuírem em forma de peregrinação/romarias, sacrifícios suportados com resignação e alegria, as graças alcançadas e mais ainda, o que faz essas graças serem dadas?

### **Para mim meu padrinho é...**

Maria Regina, lembra de uma cura de problema sério de aparecimento de verrugas; hoje fala que a dor de ter um filho morto tragicamente é a única que não vai embora totalmente, mas diminui bastante; todas as outras deixam de existir quando aromeira pisa na terra do Juazeiro. Carminha voltou a andar e José Ezídio recobrou a alegria de viver.

É um movimento que existe em ciclos que se abrem e fecham repetidas vezes, sempre necessários para renovação do sentido do receber e retribuir, oxigenando o sentido das romarias. Talvez aqui esteja o que Mauss (2003, p. 191) chamou de “Sistema de Prestações Totais” que, no entendimento etnográfico, é a troca dessa relação romeiro e Pe. Cícero aparentemente voluntária e obrigatoriamente necessário. De forma a investigar mais a fundo esse movimento que só aumenta com o fluxo das romarias e esse sentido do retornar e retribuir as dádivas de toda uma prática e sentido de pertença que vem de 1889, recorri a mecanismos metodológicos a partir da etnologia e da observação participante.

Ramos, F.R.L. (2011) escreve:

A partir daí padre Cícero será constantemente vigiado, mas as romarias continuarão a crescer. Assim como a hóstia, Juazeiro transbordava, aumentava de tamanho, dia após dia. Tornava-se sagrado e, assim seu território passava a ser uma espécie de anteparo diante das ofensivas.

Pe. Cícero, vigiado pela Igreja, o Juazeiro transbordando por romarias que continuaram a crescer, e o território visto como antídoto

às ofensivas. Com esses elementos abre-se uma questão dentro dos objetivos dessa pesquisa. Como se tornavam sagrados os espaços, elementos, saberes e fazeres?

Essa sacralidade é espontânea, no revés do processo institucional, que fez Pe. Cícero e os romeiros obedecerem e silenciarem, a beata desaparecer até depois de morta Dumoulin (2017, p. 248); ela é ressurgente, ela é popular.

O povo consagrou Padre Cícero, porque ele antes entregara a sua vida aos pobres. Amou sinceramente os pobres. Foi incansável defensor dos pobres, que o procuravam para solucionar todo tipo de problemas e questões [...] Antecipou em muitos anos as opções da Igreja da América Latina. É impossível negar a sincera opção pelos pobres de alguém que os próprios pobres proclamam. (DUMOULIN, 2017 apud COMBLIN, 2011, p. 41).

Existe no seio da cultura religiosa popular e, por isso, nas romarias, o reconhecimento proclamado popular dado à humanidade do Pe. Cícero. Durante a prática de campo, o senhor Francisco das Chagas Ferreira, romeiro alagoano, escreveu em meu diário de campo um pedido por sua saúde e ao me entregar disse “não sei o que o senhor está fazendo, mas se é para meu padrinho, então é importante”. Ao receber o diário de volta, abri na página escrita por ele, a qual dizia o seguinte “visitei Juazeiro com minha esposa, para mais uma visita”.

Walker (2018) relata que, acompanhando um pesquisador em Juazeiro, o mesmo entra em uma casa de santos e artigos religiosos e querendo levar o que no turismo se chama “souvenir<sup>47</sup>” para sua cidade e pediu “um quilo disso” se referindo às miniaturas do Pe. Cícero, o que causou um tremendo mal-estar entre ele e romeiros que ali estavam. O professor Daniel Walker comenta o fenômeno da afeição dos romeiros para com o Pe. Cícero, “nisso” se revela o terceiro sentido aqui analisado, o da manutenção dessa devoção a partir das lembranças e da

---

<sup>47</sup> Souvenir – lembrancinha ou artigo característico do local em que é vendido, geralmente para presentear alguém.



oralidade e da prática dos romeiros que fazem da peregrinação ao túmulo do Pe. Cícero a extensão de sua vida; afinal, o padrinho é da família.

Outro elemento antropológico por mim observado e que reforça a existência do sentido da manutenção, alimentação de uma romaria e de um Pe. Cícero vivo pode ser até um paradoxo, mas é o ritual de culto aos mortos em Juazeiro do Norte. Cordeiro (2010); Dantas; Casimiro (2018) reforçam essa tese. Existe um forte vínculo não só do romeiro em visita ao túmulo de Pe. Cícero, como também por serem as romarias de 20 de julho e a de finados, as romarias vistas como descentralizadas, deslocadas, pois ocorrem em vários locais, desde o santo sepulcro com os “santos beatos” à capela do Socorro onde estão os restos mortais de Pe. Cícero e a lembrança de Maria de Araújo.

Além das centenas, milhares de nordestinos enterrados no cemitério do Socorro entre eles, inúmeros alagoanos<sup>48</sup> conhecidos ou não que dão oralidade às romarias. Eu escuto da voz dos romeiros que os veem como afortunados, pois estarem enterrados em Juazeiro do Norte e próximo ao padrinho é estarem às portas do céu, criando a dimensão da romaria mística/espiritualista/religiosa popular. Dantas (2018).

Diante de tudo o que foi escrito, é importante ressaltar que pretendo estar mais próximo do povo, dos romeiros; só assim se consegue entender o Juazeiro do Norte em sua amplitude, ao mesmo tempo que suas particularidades. Ramos (2011, p. 15) complementa “entendo, então, que o que deve ser levado em consideração é antes de tudo, a sua hagiografia, constituída de modo coletivo e constante desde 1889, quando veio a primeira manifestação pública do sangue saído da hóstia”.

---

<sup>48</sup> Beata bixinha, Roque Pinto de Miranda, Aureliano, Cap. Fernandes, Beato Zé Lourenço (acredita-se que ele é alagoano, segundo professora Maria Isaura Pereira Queiroz).

E mais ainda, a primeira grande manifestação romeira após isso.

Não há santo sem devoto, assim como não há devoto sem santo. E desse modo se pressupõe, a própria existência do Pe. Cícero se torna uma espécie de figuração coletiva, encarnada e encantada conforme tradições atualizadas na concretude social do cotidiano. (RAMOS, 2011, p. 16).

Rosângela Maria de Lima Santos (2018) me diz “A fé do povo é a força do Juazeiro” ela, é romeira de Coqueiro Seco e uma dos oito integrantes do grupo que acompanhei.

### **Análise da corporalidade do romeiro alagoano em Juazeiro do Norte a partir de uma espontaneidade própria nos espaços e sua espacialidade...**

Antes de adentrar no foco central desse capítulo, vale lembrar a importância que tem o romeiro e sua corporalidade<sup>49</sup> no contexto das romarias e dos movimentos religiosos, motriz do “fenômeno Juazeiro do Norte. ”, onde sempre acolhido, protegido e agradecido, o romeiro encontra-se e se coloca perante o mundo a partir do seu entendimento como agente formador de um processo a partir de seu corpo como agente e não como objeto do seu meio por meio de sua corporalidade. Essa ação no Juazeiro do Norte, no âmbito das romarias e em uma perspectiva religiosa/simbólica, torna-se coletiva.

Csordas (2008, p. 103) utiliza o pensamento maussiano o qual sugere que “todos os humanos possuem uma noção de individualidade espiritual e corporal”, esse paradigma que indica uma espontaneidade própria, verifica-se entre os protagonistas das romarias, os romeiros que alimentam e usufruem, ao mesmo tempo, do fluxo coletivo.

---

<sup>49</sup> Corporalidade remete à relação fundamental e inseparável que se estabelece entre o corpo e o mundo sócio-histórico-cultural [...] na medida em que a pessoa é associada ao seu corpo e ao mundo que vivencia (CROSSLEY, 1995; CSORDAS, 1988; MERLEAU-PONTY, 2004,2005;SHILLING, 2003 apud FLORES-PEREIRA; DAVEL; ALMEIDA, 2017, p. 195).

Flores-Pereira; Davel; Almeida, (2017p. 196) escrevem:

Na Antropologia, a originalidade do estudo do corpo data do texto “As Técnicas do Corpo”, de Mauss (2003), que argumenta que as técnicas corporais não se explicam (pelo menos não apenas) a partir de uma natureza dada, mas sim por um processo de aprendizagem e adaptação ao grupo cultural de convívio. Antropólogos sociais, estruturalistas e simbólicos seguem esse legado de Mauss (2003) ao pensar o corpo como matéria que representa as constantes trocas de significados entre o mundo ‘natural’ e social (SCHEPER-HUGHES e LOCK, 1987). Nesse contexto, são constituídos trabalhos tradicionalmente classificados como uma Antropologia (Sociologia) do corpo.<sup>50</sup>

Portanto, o romeiro, entre eles os oito alagoanos, é alguém que integra os movimentos religiosos desde 1889 nas dimensões religiosa/mística/popular. Trata-se de todo o processo e aprendizagem que, sendo dinâmico, vem-se adaptando e ressignificando as romarias, seus espaços e espacialidades. “Várias interpretações circulam nos meios sociológicos e antropológicos para os fluxos religiosos e, de uma forma geral, são elaboradas sistematicamente por meio de explicações que atendem ao caráter polissêmico dessas práticas”. Cordeiro, (2010, p. 57).

Embora alguns tenham interpretado o fenômeno dos movimentos religiosos como escatológicos, fanáticos, Lourenço Filho (1926); Anselmo e Silva (1968) e para tanto, especula-se uma natureza inerte ou contemplativa desses movimentos em Juazeiro do Norte, percebe-se o que está sendo revelado como um protagonismo, em que a espontaneidade aplicada esteja voltada para fortalecer o fenômeno das romarias que ocorre todos os anos, em um ciclo que se inicia com a romaria de candeias em janeiro e encerra-se com a de finados, em novembro, que é a cultura desses movimentos. Essas inúmeras interpretações como mesmo Cordeiro (2010, p. 58) coloca:

---

<sup>50</sup> DOUGLAS, 1966; LE BRETON, 2002a; 2002b; SHILLING, 2003.

Podem render uma discussão profícua já que a realização de peregrinações tem sido uma prática recorrente nas religiões do mundo, desde tempos remotos. Por sua dimensão diversificada, oferece um amplo lastro de possibilidades de inferência em relação a contextos semelhantes de fluxos religiosos.

O empenho é explorar o ritual de peregrinação ao túmulo do Pe. Cícero, a partir do que me fala e é observado no romeiro alagoano e sua prática. Reconhecendo que o campo se abre de fato para várias possibilidades. É no diálogo com a antropologia do corpo e as teorias da religião popular que encontrei os fundamentos epistemológicos para escrever de forma mais clarificada sobre minha análise e o universo das romarias.

É importante pontuar as ideias seminais de Csordas (2008, p. 101) quando afirma que “o paradigma da corporalidade pode ser elaborado para o estudo da cultura e do sujeito” a partir da “premissa metodológica de que o corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é o sujeito da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura”. Csordas (2008, p. 102).

A tematização explícita do corpo na teoria social contemporânea recebeu impulso importante também da recuperação da fenomenologia (principalmente de Merleau-Ponty) por alguns cientistas sociais, na maioria antropólogos, e o termo corporeidade (embodiment) estabeleceu-se na literatura para enfatizar a dimensão encarnada – corporificada – da cultura e das práticas sociais (do conhecimento, das emoções, da moral, etc.) (RABELO, 2011).

O romeiro é agente de sua própria espontaneidade, que não segue necessariamente uma sistematização ou linearidade, embora tenha muito clara a consciência de que ocupa nos espaços de Juazeiro do Norte, espaços que ele mesmo sacraliza e o preenche com sua dualidade corporal e espiritual/mística/cultural.

O “embodiment” pode ser entendido no contexto romeiro como sendo a “incorporação”, o empoderamento do corpo como agente

social, moral e religioso. É o romeiro com seu corpo e corporalidade que alimenta os movimentos religiosos e as romarias, sendo ele mesmo criador e criatura, que programam sua viagem muito mais como extensão e mantimento de sua vida social, iniciando, ainda mesmo em seu núcleo familiar, em sua casa, nas suas comunidades locais que são extra-conexões ligadas a Juazeiro do Norte. Ele é o agente principal da cultura religiosa do Juazeiro, o Pe. Cícero, que se mantém mais vivo que nunca graças a ele, o romeiro.

O romeiro busca a romaria nos “passos tão longos de pedra e areia”, movido por essa corporalidade que, no entendimento de autores como Mauss (2003, p. 399), Csordas (2008, p.101) é uma fusão entre corpo e espírito, materialidade e imaterialidade, saber repassado e fazer do romeiro. Esse fazer começa em seu andar e no sentido de que, como apresentei no capítulo anterior, é por demais relevante. Ele é o “eu” como culturalmente constituído” (Hallowell *apud* Csordas 2008).

Como forma de dimensionar essa espontaneidade, no meu último retorno ao Juazeiro com Maria Regina e Carminha, em 19 de julho de 2019, fomos à missa de sétimo dia do professor Daniel Walker, onde uma cerimônia ocorreu na Basílica das Dores. Pela natureza da cerimônia, por toda comoção do momento, pois o professor Daniel Walker era muito querido, defensor do romeiro, a atmosfera era de solenidade fúnebre, profundo silêncio e sobriedade.

As laterais da basílica foram fechadas, coisa muito rara, de modo que se conservou ainda mais o silêncio, só o pórtico principal permaneceu aberto, presentes a família, amigos, autoridades, pesquisadores, professores e pessoas da sociedade. A cerimônia tem início e não demora muito para aparecer o primeiro grupo de romeiros, uns 12, todos de joelhos, entram aplaudindo, chorando, gritando “viva meu padrinho Cícero, viva a mãe das Dores”, mãos para o alto. Durante toda a cerimônia, isso se repetiu inúmeras vezes. Em qualquer lugar do mundo, isso seria visto como falta de respeito, no Juazeiro é a marca registrada dessa espontaneidade romeira que há entre ele, Pe. Cícero e o sagrado, todo o restante se abstrai.

Ainda sobre a corporalidade, Rabelo (2011) escreve que “não é muito difícil perceber a centralidade do corpo nesses contextos rituais”. “Entretanto, a ênfase na questão da corporalidade não é apenas um reconhecimento de que as pessoas são sujeitos encarnados e de que os rituais agem sobre seus corpos para produzir emoções e reorientar o entendimento, aqui nesse caso, o corpo está consciente, não há possessão, e sim uma iluminação dele que chegando à terra do Pe. Cícero, ele pode simplesmente entrar. Seus gestos, movimentos, comportamento estão voltados para legitimar esse encontro e retroalimentar os espaços que se preenchem desse encontro, dessa relação semiótica.

Varga Llosa, em seu romance “A Guerra no fim do mundo” (1983), descreve uma das formas mais tradicionais dessa espontaneidade que ultrapassa, por exemplo, alguns limites da condição humana em descrever a figura de sua personagem Maria Quadrado em peregrinação pelos sertões da Bahia, em que traduz em linguagem muito clara que embora seja muito pessoal, ressoa em tantos romeiros que vão ao Juazeiro do Norte e que se pode perceber que seu ponto de partida é o corpo e sua corporalidade, em uma espontaneidade alimentada pela vontade de estar em Juazeiro.

Visitar o túmulo do padrinho, tocá-lo e se tocar em seguida, ajoelhar-se como José Ezídio de Coqueiro Seco, deitar-se como Antônio Ferreira de Lima de Marimbondo por horas na mesma posição em que se acredita estarem os restos mortais de Pe. Cícero mostrando as pernas curadas de uma paralisia, Maria das Graças de Lagoa Salgada, Rio Grande do Norte que faz o percurso a pé trazendo sua filha também curada; Dalva, que deixa ser fotografada vestida de preto e senta por horas perto do túmulo como alguém que se aconselha.

Até um certo tempo, era comum o uso de animais e os famosos paus de arara<sup>51</sup> equipados com bancos de tábuas e cobertas de lona, hoje não mais permitidos, que deram lugar a ônibus nada confortáveis. Sua alimentação é o que traz na viagem e poucas vezes a faz em pequenos

---

<sup>51</sup> Veículos utilitários adaptados para acomodação de passageiros em sua carroceria.

estabelecimentos da cidade. Esse romeiro, muitas vezes desprovido de qualquer sorte, coloca como satisfação pessoal e principalmente espiritual o que, para muitos, é visto como sacrifício, mas para ele é um compromisso com a sua fé em Deus por meio de seu filho Jesus, de sua mãe Maria, que tem como ponte para essa aproximação, o homem muito mais santo para ele que para qualquer outro, o Padre Cícero Romão Batista, vivendo, assim, sua vida em graça e comunhão com o Divino, passando essa herança a toda uma geração.

A importância das Romarias no contexto religioso é vista como a ligação mais pura e direta entre os homens e mulheres denominados romeiros e sua crença em seus vultos e mitos. É algo em que a disciplina antropológica como humana vislumbra a simbologia “etérea” se aprofundando mais, que outras disciplinas exatas e até sociais ainda não conseguem totalmente, pois, para estas, não se pode crer no que não se vê; o que acontece inversamente no campo da Antropologia, em que a oralidade, imagens e lembranças possuem seu valor.

Como foi dito, essas peregrinações ou romarias no Cariri cearense têm seu motivo primordial ainda no século XIX. Desde então, os movimentos religiosos só se intensificaram, atraindo uma leva de romeiros para o Juazeiro do Norte. Para Turner (1974) esse universo, campo de símbolos e signos, considero ainda os aspectos da corporalidade do romeiro no caminhar, no falar de Maria Regina equilibrando uma garrafa em sua cabeça, na sensibilidade de Carminha e Rosângela ao falar do Juazeiro, na reza, nos benditos de Dalva, Luzinete, Zeze e Fau da Paripueira em que identifico também nos grupos de romeiros devotos ou tradicionais, considerando o olhar antropológico sobre essa espontaneidade corporal que levam esses grupos a Juazeiro do Norte por meio de peregrinações e romarias.

Pressupõe-se que esses movimentos, alimentados pelas romarias, atraídos pelo Pe. Cícero, que, para os romeiros está mais vivo que nunca no núcleo das romarias e no saber e fazer do romeiro. Chama a atenção que a cultura dos movimentos religiosos alimentada pela leva de devotos diversificados, atualmente cresce e se desenvolve revelando

aspectos antropológicos/culturais observados por meio da ação de cada protagonista envolvido.

Toda devoção, cultura religiosa, grupos religiosos (romeiros devotos de tradição, peregrinos), por meio de sua corporalidade como agente central nessa centralidade do corpo e em sua espontaneidade alimentam contemporaneamente o Juazeiro do Norte que nos últimos tempos, segundo Casimiro (2018), a Igreja Católica Apostólica Romana, a Igreja romanizada vem dando sinais de uma inversão dos fatos totais do Juazeiro, reconhecendo a espontaneidade desses corpos, que entende que qualquer forma de uma sistematização não se aplica em seu contexto ritual e simbólico, como é o caso de outros centros religiosos e de peregrinação em que a docilidade dos corpos é notória, quanto às regras e sistematização de visitação desses centros de peregrinação.

Estando dentro da capela do Socorro, tendo a missa iniciado, logo após adentra uma comitiva de romeiros com uma banda de pífanos; o dirigente celebração espera que eles se apresentem e se sentem para dar continuidade aos ritos, sem que isso atrapalhe a pois (se está em Juazeiro), nem havendo repressão tal comportamento.

Durante todo o percurso da peregrinação observo elementos dessa corporalidade, o romeiro se comunica com seu corpo, é o seu olhar, é o seu caminhar, nos passos tão longos de pedra e areia. Mas nada se compara ao seu toque, tudo que o romeiro toca, se personifica dentro da comunalidade, isso não quer dizer que todos os elementos existentes no Juazeiro sejam reconhecidos e tocados por esse romeiro.

Exploro com maior profundidade esse expediente. Apenas lembro que se trata de uma construção a partir da relação romeiros, beatos e Pe. Cícero. Constatado que a ancestralidade cultural explicada, ela sempre é diacrônica e necessária para entender essa questão do toque e da corporalidade dentro a comunalidade do romeiro. Dentro do processo ritual, alguns elementos dessa construção são perpétuos, o caminho feito pelos beatos João e Palmeira que hoje é percorrido pelo romeiro alagoano, a pedra do Joelho, a pedra das Costas, as pedras do Pecado, são alguns desses elementos e todos estão diretamente



relacionados ao corpo e expressão do romeiro.

A corporalidade do romeiro em sua *performance* ritual na ideia de Turner, onde observo rituais, processos e ritos do conceito devolvido como a comunalidade a partir da espontaneidade baseada em outro conceito, o do espaço – espacialidade. Dumoulin (2018). E na peregrinação, encontro e fusão dessa relação que mesmo passados mais de oitenta anos da morte do Padrinho Cícero, permanece mais vinculada do que nunca, é a ideia da complementariedade entre “imaterialidade e materialidade” Gonçalves (2003), o que Rabelo (2011) escreve “mas a compreensão que se produz aqui é menos captação de significado do que prática corporal: o estabelecimento de uma sintonia entre corpo e entorno pelo qual o primeiro integra a si uma situação, respondendo e ajustando-se a ela”.

Esse “entorno” no caso de Juazeiro do Norte, na espacialidade do romeiro, pode ser entendido pelos espaços, elementos, objetos criados, construídos por uma ancestralidade cultural, alicerçada pelo catolicismo popular, alimentado e mantido pelo próprio romeiro. Etnograficamente, nota-se esses espaços por exemplo no caminho ao Horto e ao Santo Sepulcro, pela importância que os “passos” têm na parada obrigatória na pedra do Joelho, na capela do Santo Sepulcro e de Sant’Ana, no túmulo do Pe. Cícero principalmente como descrevemos. No revés dessa perspectiva há lugares que não pertencem a essa espacialidade do romeiro, mesmo estando no contexto das romarias como o Memorial Pe. Cícero, a Praça Padre Cícero, as demais dependências da Casa Museu, entre outros lugares.

Buscando no lugar de recomeço e paz, que vai se constituindo no fenômeno da dádiva alcançada e logo após numa sacralidade a partir de uma “espontaneidade” do corpo do romeiro como constituído de seu papel e lugar nesse espaço, de sua corporeidade ativa que, por meio da memória, imagem e oralidade retroalimentam o Pe. Cícero é que vai se construindo o que Dumoulin (2018) chama de “espacialidade” romeira, conceito criado a partir desses espaços.

Após a morte de Pe. Cícero, em 1934, essa espontaneidade corporizada do romeiro intensifica-se, uma vez que era perene essa

presença no Juazeiro do Norte, principalmente de alagoanos. Metodologicamente, entender a corporalidade do romeiro alagoano na romaria de morte do Pe. Cícero através de uma espontaneidade nos espaços e sua espacialidade, merece uma análise fenomenológica mais sensível e não apenas descritiva, como nos sugere Rabelo (2011, p. 19):

Tratar do papel da sensibilidade no aprendizado e na prática religiosa, entretanto, requer mais que uma simples descrição das experiências sensíveis produzidas nos rituais – é preciso traçar os fios que conectam essas experiências a outras arenas da vida social, encontrar os caminhos pelos quais elas desembocam, com maior ou menor força, na vida cotidiana.

Turner (2005) sugere um método analítico para o entendimento mais profundo, específico e menos estrutural e generalizado das descrições existentes. Com a antropologia simbólica, esse método analítico de apoia em três análises:

A interpretação nativa/romeira, a exposição do fenômeno em seu aspecto mais puro, a partir do entendimento do protagonista que está inserido no ritual, nos espaços, etc. Nesse primeiro aspecto aciona-se um dispositivo que alerta para quem o utiliza, o cuidado de não se deixar mistificar pelo relato do “senso comum” a partir de /romeiros/viajantes aleatórios ao processo ritual. Dando a esse tipo de relato a importância e a preocupação, bem como o suficiente distanciamento para melhor discernir sobre o que pode ser uma explicação que represente o que realmente acontece e não uma opinião pessoal ou leiga sobre aquilo que se está vivenciando.

O significado operacional consiste na análise da ação **versus** a utilização ou para que os romeiros fazem dessa espontaneidade a partir de uma corporalidade. Principalmente, o significado posicional, em que se pode entender qual posição esse elemento observado ocupa no panteão simbólico das sociedades e aqui, na sociedade romeira de Juazeiro do Norte.

O que se evidencia é que nessa espontaneidade do romeiro alagoano, sua corporalidade manifesta-se nos processos rituais autônomos observados nas romarias que seguem na contramão de qualquer tentativa de uma docilidade na perspectiva foucautiana.

“O Homem-máquina” de La Mettrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.

Desses corpos, quando, do contrário, tudo que se observa em Juazeiro do Norte dentro dos espaços, ritos e processos rituais do catolicismo popular em sua religiosidade popular, é resultado de uma construção oriunda da relação do romeiro e o Padre Cícero em que não está ligada diretamente à estrutura normativa representada na Igreja Católica Romanizada até fins da década 1970 e que hoje apresenta sinais do reconhecimento dessa espontaneidade. (FOUCAULT, 1987, p.163).

Como escrevi no Ceará do século XIX e XX, havia uma preocupação eminente por parte da igreja católica romanizada em extinguir qualquer sinal de catolicismo popular ou qualquer insurgência dessa cultura tida como “atrasada e selvagem”.

Foucault (1987) vai escrever que em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Em Juazeiro do Norte de 1889 até início da década de 60 do século XXI, Bispos não pisavam em solo juazeirense, era nítida uma disciplina dentro dos seminários que vai se chamar de “ascetismo” e das “disciplinas” de tipo monástico, que têm por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade e que, se implicam em obediência a outrem, que têm como fim principal um aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo”, mas a partir de uma doutrina que criava “padres soldados” que deveriam se sujeitar ao “rebanho” uma disciplina do tipo da “domesticidade, que é

uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão, seu “capricho”.

Rabelo (2005) escreve sobre um investimento por parte dos fiéis que implica medidas sobre o corpo que o torna dócil para ser vetor da ação divina. Seria uma espécie de advento que, segundo os fiéis, se faz sentir por todas as dimensões da vida, que é fonte de saúde, prosperidade, harmonia nas relações familiares, sucesso, e bem estar no trabalho, etc. O que ocorre principalmente nos modelos dogmáticos, doutrinários e tradicionais católicos institucionais é que essa docilidade vem precedida de uma imposição doutrinária e normativa, onde a sistematização de um modelo de uma estrutura universal é compreendida e seguida.

No entendimento de uma antropologia do corpo, nas romarias e na *performance* ritual do romeiro alagoano, observam-se as mesmas dimensões da vida que é fonte de saúde, prosperidade, harmonia nas relações familiares, sucesso e bem-estar no trabalho, mas a partir de uma espontaneidade que nunca seguiu uma normatização institucional, mas resistiu duramente conservando uma relação de respeito à Instituição Igreja. Mas que a ressignifica em parte, e o que sobra é a relação da construção entre o romeiro e o Pe. Cícero sem que necessite necessariamente da influência canônica/dogmática/normativa da Santa Sé. Tanto que na concepção dos romeiros, onde se destaca quantitativamente e qualitativamente o alagoano, Pe. Cícero há muito é santo, canonizado no saber e fazer do romeiro.

Entender essa relação entre o catolicismo popular e o catolicismo romanizado, hierárquico, chega a ser dicotômico, ao passo que hoje se pode dizer que coexistem “harmonicamente” que se percebe o movimento de uma maior espontaneidade da corporalidade do romeiro alagoano em Juazeiro do Norte na romaria de morte do Pe. Cícero nessa espontaneidade nos espaços e sua espacialidade ou comunalidade.

Essa espontaneidade em nada pode ser associada a uma obrigação, o romeiro não está obrigado a fazer o ritual por exemplo, ele não está

obrigado a passar na capela do Socorro onde está o túmulo de Pe. Cícero, entende-se melhor essa espontaneidade por meio de uma antropologia do encontro.

O romeiro faz e refaz o ritual, primeiro pelo encontro com seu amigo e padrinho, segundo porque ele se encontra com ele mesmo. Não é um sacrifício, é depuração, graça, dádiva alcançada e retribuída.

O que leva essa compreensão da espontaneidade do romeiro Alagoano, que alimenta e mantém a romaria em Juazeiro do Norte é compreender que: ao contrário dessa visão ocidental, que tem no corpo como um objeto, como uma “tábua rasa” a ser controlado e dominado por meio da institucionalização dessa vontade, as manifestações de cura e aqui no caso, os processos rituais das romarias que incluem também processos de curas, a libertação das pressões e limitações impostas ao corpo para ser reproduzido como um instrumento de produção de papéis sociais determinados e sistematizados, produzem um efeito contrário em que prevalece a vontade do romeiro dentro do que ele mesmo reconhece como sacralizado e construído por ele e por seu padrinho.

Ainda sobre a *performance* ritual do romeiro alagoano, existem os elementos e objetos que, na ideia maussiana são apenas objetos até serem manuseados por seus donos por meio de seus corpos. Esses elementos e objetos traduzem-se, como o terço, imagens, rosários, roupas, chapéu de palha, pedras, cruzes de madeiras.

Rabelo (2011) escreve usando a terminologia de Latour (2005) que esses objetos e elementos “valem apenas como intermediários, ou meios, segundo os quais o significado (religioso, social ou sociopolítico) transita, mas que não fazem nenhuma diferença em termos do próprio significado – nenhum deslocamento ou transformação advém do fato de que o significado circula ou é encarnado em determinados objetos”. Quando se entende que um objeto, por si só, não representa nenhum significado, até ser manuseado pelos corpos. Contudo, concordo mais com a ideia de complementariedade de Gonçalves (2003) quando trata dos objetos e elementos, como extensões desses corpos, o chapéu de palha do romeiro é um exemplo clássico e muito presente daquilo que estou escrevendo.

Quando o romeiro chega à capela do Socorro, local do “encontro” com o padrinho, um gesto é emblemático a todos os romeiros, ele retira seu chapéu da cabeça e coloca demoradamente no túmulo. Nesse instante, o romeiro se estabelece de forma mais liminar e dessa forma há o que Mauss vai chamar de dádiva. Nesse gesto, onde o chapéu do é uma extensão de seu corpo e de sua corporalidade, esse chapéu na ótica romeira é abençoado, remagnetizado e passa a ter um espírito que se coloca como uma centelha que se une à “grande força” na perspectiva de Mauss que lanço mão para fundamentar a importância desses objetos para o romeiro e para as romarias.

No Juazeiro existe um costume singular nas relações comerciais nas casas de santos, explicado por vários romeiros que é “trocar o santo”<sup>52</sup>. Essa imagem, esse terço, esses objetos que são adquiridos, são colocados no túmulo, na cama do Pe. Cícero, eles tocam esses locais com a ação do romeiro e passam a receber um “espírito”. Quando por exemplo esse objeto se quebra, a imagem é depositada em uma igreja onde existem locais próprios para isso, em cruzeiros, capelas e até cemitérios.

O santo se quebra, o “espírito” se esvai. Segundo o romeiro, faz até mal manter a guarda desse objeto. Do contrário, esse objeto perdura até após a morte de seu primeiro detentor, pois passará a ser elemento da ancestralidade cultural, da comunalidade do universo romeiro. Não se imagina o romeiro sem seu chapéu, não se pensa Candeias sem as lamparinas, não se é romeiro se dia 20 não se usa o preto em suas vestimentas.

Concluo que os corpos romeiros são inquietos e nada dóceis, são espontâneos, o que não implica dizer que sejam transgressores ou infiéis. Eles são autores de sua *performance*, dos elementos que identificam ou não em sua comunalidade, que se mantém e alimenta as romarias de Juazeiro do Norte.

---

<sup>52</sup> Relação comercial, onde o romeiro compra uma imagem, mas não trata como uma compra meramente, pois a “imagem” é do Pe. Cícero, de outros santos de sua devoção e que essa imagem receberá um força, um “espírito”.

Esses elementos construídos em sua perspectiva romeira, que garante uma autenticidade que diferencia Juazeiro do Norte de outros centros de peregrinação, coloca de forma muito particular a espontaneidade principalmente do romeiro alagoano que quantitativamente e qualitativamente alimenta as romarias, como característica cultural vital para existência e subsistência delas.

### **De Maceió a Juazeiro – vozes romeiras de Alagoas e os sentidos do ir...**

O ofício de antropólogo desvela no ver e ouvir dos oito protagonistas e outros agentes da rede social Juazeiro do Norte. Uma etnografia é possível a partir de três elementos metodológicos: a etnologia (Antropologia de Gabinete), a prática de campo, J. Clifford (2002) do legado de Malinowski (1922) e um terceiro elemento não menos relevante que move a antropologia como ciência, que é o aceite<sup>53</sup> daqueles que observamos e que por eles passamos a ser observados.

Nesse ponto é oportuna uma explanação mais clara do conceito “dimensão alterizada” que Geertz (2008, p. 212) escreve “a cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem”.

Esse conceito clarifica a relação dos protagonistas, de outros romeiros que interagem durante a prática de campo com o pesquisador que deve abstrair-se de qualquer estrutura de hierarquia, questões pétreas ou unilateralidade de olhares.

Goldman (2003, p. 167):

Sublinho apenas que a posição de Geertz significa que os antropólogos são um tipo de cientista social para quem a socialidade não é apenas o objeto ou o objetivo da investigação, mas o principal, se não o único, meio de

---

<sup>53</sup> Processo no qual Turner (1974); Boas (2005); Geertz (2008, 2013); Fleischer (2011) descrevem suas experiências de encontro, “estranhamento”alteridadee por fim o aceite entre “eles”.

pesquisa. O cerne da questão é a disposição para viver uma experiência pessoal junto a um grupo humano com o fim de transformar essa experiência pessoal em tema de pesquisa que assume a forma de um texto etnográfico. Nesse sentido, a característica fundamental da antropologia seria o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal. <sup>54</sup>

Trato sobre esse conceito, considerando não apenas como um efeito posterior ao encontro do “eu” (self) com o “outro”. Um experimento antropológico posterior à relação de bilateralidade que se apresenta como a dimensão comum entre observados e observadores, só possível após o estabelecimento do processo em que desencadeia a alteridade.

A ideia de dimensão alterizada da pesquisa serve-se de Geertz (2008); Goldman (2005). É considerada como a vivência posterior ao encontro do “eu”<sup>55</sup> com o “outro”<sup>56</sup>. A condução da realização da pesquisa etnográfica é um fenômeno antropológico que se dá dentro da prática dessa pesquisa no processo que desencadeia a empatia dentro da prática de campo e no campo da antropologia social ou cultural.

Considero nesse paradigma os “conflitos” ou diferenças que possam surgir ou não no saber e fazer antropológicos que na alteridade passam a ser diversidades nessa prática de materialização dinâmica dessa dimensão, não considerando a exaltação dessa diversidade, mas a de descrevê-la analiticamente, refletindo hermeneuticamente Geertz (2008). Além disso, “dimensão” deu um caráter mais humano e holístico, como sendo o resultado dessa prática do ser e fazer antropológicos, onde que no Juazeiro do Norte como li no caminho dos peregrinos, uma placa em um pé de Umbuzeiro<sup>57</sup> que dizia “sejam todos bem vindos, aqui somos todos irmãos”.

---

<sup>54</sup> O pesquisador explica que esta formulação a Tânia Stolxe Lima, a quem agradeço.

<sup>55</sup> Considerado enquanto self, o antropólogo enquanto pesquisador. Rohden (2005)

<sup>56</sup> Enquanto aqueles que são sujeitos de pesquisa do antropólogo. Rohden (2005). O grupo dos 8.

<sup>57</sup> *Spondias tuberosa* L - Planta nativa do sertão brasileiro que no período de seca, perde suas folhas e acumula água em suas raízes.



A construção dessa dimensão se deu primeiramente com tomada de consciência qualitativa desvelada em que o etnógrafo se predispõe àquilo que Goldman (2003, p. 167) diz “os antropólogos são um tipo de cientista social para quem a socialidade não é apenas o objeto ou objetivo da investigação, mas o principal, se não o único, meio de pesquisa”. Dessa desconstrução de uma ideia racionalista clássica, em que o “eu” (self, constituído na cultura como pesquisador) considera a experiência pessoal, a disposição de ir ao encontro do “outro” (outras culturas também constituídas) e suas experiências humanas. Analiticamente falando, até hoje persiste o embate epistemológico acerca de quando, onde e como se dá essa “socialidade” de maneira hoje mais diversificada através de métodos diversos da prática antropológica.

Somado a isso, e por fim, a construção dessa dimensão é menos complexa, mas nunca inexistente, nos campos de afinidades existentes entre os que são observados e os que observam, sem haver uma ordem ou sistematização de quem ocupa esses espaços.

Goldman (2003) fala da centralidade e característica fundamental da ciência antropologia, onde complemento dizendo muito mais evidente na etnografia é essa disposição para viver uma experiência pessoal em tema de pesquisa que assume a forma de um texto polifônico. Numa perspectiva da ação, em que os grupos são dinâmicos e a observação participante segue esse paradigma, o além-mar não mais existe, o que evidencia muito mais estreitas as ações no vivenciar experiências humanas. No meu caso entre os protagonistas e o universo das romarias, tendo como ponto de partida a experiência pessoal.

No desenvolvimento dessa dimensão alterizada, se faz necessário uma análise acerca dessas dinâmicas que são do romeiro, do grupo dos oito e sua relação com o universo do Juazeiro do Norte dentro da comunalidade e assim, analiso da seguinte forma. Essas dinâmicas estão presentes mais que nunca nas romarias alagoanas ao Juazeiro do Norte. Elas acompanham as dinâmicas de tempo ao longo de uma

diacronia<sup>58</sup> porque o seu agente protagonista, o romeiro alagoano vive essas dinâmicas ao longo do tempo e do espaço sem que percam sua tradição.

Observei que essas dinâmicas podem ser investigadas através dos fluxos de viagem e deslocamentos que permeiam essa investigação.

Nesses fluxos e deslocamentos, identifico o romeiro como “um ser em constante movimento” Agier (2015). Onde seu lugar é visto como indefinido, em que historicamente falando, ele, até a década de 70 era visto à margem da estrutura social de Juazeiro. (FORTI, 2018). Ele passa por um longo período em que era visto como “métèque”<sup>59</sup>. O homem, mulher e crianças que chegavam ao Juazeiro do Norte até a referida década, era considerado pelas Instituições, e muito especificamente pela Igreja Católica Romanizada, como uma ameaça ao processo de docilidade empreendido pelas ordens bispais da época até 1934, e pela campanha difamatória contra esses protagonistas, contra a memória de Cícero Romão Batista e contra o próprio Juazeiro do Norte.

A partir do entendimento de protagonismo operacional de alguns desses romeiros descritos nessa etnografia, Maria de Araújo, José Lourenço e os alagoanos Roque Pinto de Miranda e Aureliano por exemplo, esse mesmo protagonismo, agora mais simbólico, permanece alimentado por esses fluxos e sua descentralização em que o grupo dos oito sai de suas casas e encontram em Juazeiro a extensão dessa casa, voltam para ela e nos seus espaços encontram o Juazeiro. Aquilo que escrevo sobre as redes sociais nessa pesquisa, ajuda a compreensão dessa ideia de descentralidade em que o romeiro se sente em casa estando em Juazeiro e encontra Juazeiro em sua casa.

Aprofundo esse entendimento dos fluxos, deslocamentos, ação social no peregrinar do grupo dos oito e seu dinamismo. Claro que não se vive em um mundo acabado, nem relegado ao abandono, excluído do mundo, nem tão pouco os agentes sociais que nele ocupam. Entende-se

---

<sup>58</sup> O conjunto de fenômenos sociais, culturais, etc. que ocorrem e se desenvolvem através do tempo.

<sup>59</sup> Termo usado por Agier (2015) para definir a marginalidade dos agentes sociais.

melhor os processos humanos e depois sociais e por serem sempre dinâmicos, conseqüentemente são socialmente inacabados.

As questões sociais sempre foram dinâmicas e processuais, pesquise o grupo dos oito na romaria do dia 20 de julho dentro da teoria do processo ritual de Turner. Essa romaria e sua peregrinação que também é processual se repete há mais de 80 anos desde a morte de Pe. Cícero. Mas se for considerado o fluxo que existia desde 1889, percebe-se que desde de então até a sexta feira de 1934, o romeiro tinha acesso direto ao Pe. Cícero, juntos construíram as bases do que foi e é o Juazeiro, por isso a ideia de protagonismo operacional. Quando me refiro ao protagonismo do grupo dos oito por exemplo, questão que a antropologia simbólica se ocupa, estou falando que a construção do Juazeiro continua, mas muito no âmbito da memória, da imaterialidade que se materializa na ação romeira de hoje. O Pe. Cícero não existe mais fisicamente, o romeiro sim e continuará quiçá existindo.

Ainda sobre esses fluxos humanos e sociais, é sempre certo, o que se ganha num lugar, não necessariamente se perde na origem Hannerz (1997). A cultura romeira vem se construindo ao longo de mais de 130 anos, ressignificando elementos<sup>60</sup> de seu catolicismo popular, inserindo nova oralidade aos elementos existentes, revendo outros em sua memória. Os oito romeiros que acompanho significam essas mudanças culturais, coisa que se observa em outros romeiros que também observamos durante a prática de campo.

Existe alguns diálogos interessantes com os romeiros sobre essas mudanças, em que Carminha por exemplo, faz um elogio à praça Pe. Cícero recém reformada, no entanto, deixa transparecer seu estranhamento em relação à nova praça no contexto romeiro, do chafariz que não existe mais, do coreto que foi também retirado e algumas árvores que eram usadas como armadores pelos romeiros. Se vê a necessidade do romeiro em reativar o tempo e o espaço; na sua

---

<sup>60</sup> A inserção de estereótipos por exemplo nas roupas, no chapéu de palha, nas indumentárias litúrgicas, nas acomodações dos ranchos, das práticas mais contemporâneas como o desfile de andores trazidos pelas caravanas e a procissão de carros com a distribuição de bombons, confeitos, pirulitos e pipocas, etc.

memória individual ele rememora, a coletiva confirma e na sua oralidade se percebe o valor operacional e situacional que esses elementos possuem nessa construção. Halbwachs (1999).

Não é uma questão de parar no tempo, nem tão pouco musealizar o que é dinâmico e que está em constante ebulição como as romarias. A academia muitas vezes nos faz pensar assim. Em diálogo, Fagner José, pesquisador da UFPE entre os dias 14 e 18 de Julho de 2018, o mesmo estranhava o fato de ter tido duas experiências paradoxais com um mesmo casal de romeiros, quando durante o dia, os via como os Ave de Jesus no Santo Sepulcro, imbuídos de suas semi-burcas azuis, rosários, chinelos xô boi e com *performances* penitentes e, à noite socializando com os espaços comuns do Juazeiro como bares, praças e restaurantes. Relações sociais do pós-modernismo ou modernismo tardio. Certamente, não nos cabe essa tentativa de analisar as romarias como quadros estáticos, nem tão pouco insistir nesse expediente, ao passo que é relevante perceber a preocupação por parte do romeiro em conservar elementos que mesmo não existindo mais, se mantêm sacralizados e que fazem parte da comunalidade dentro do seu espaço e espacialidade.

Retomando a construção dessa dimensão alterizada, a mesma seguiu se materializando a partir de alguns contatos que tive com Maria Regina através de uma irmã de Comunidade, a Aparecida Nogueira, trocamos contato e ficamos nos comunicando até a viagem. O encontro, por volta das 15h do dia 13 de julho de 2018, numa residência no bairro de João Sampaio, em Maceió, pertencente à romeira Tânia, marcou o processo de aceite entre “eles”. Maria Regina me recebe e logo diz “pelo chapéu e bolsa, só deve ser ele mesmo, o professor” e me recebe com um abraço e continua “esse é romeiro também”. Lembro do que escreve Turner (1974) e sua entrada entre os grupos etnografados na África e de como essa relação de soma de interesses e troca de potencialidades se deu e de como é possível.

Não tão diferente do que “o processo ritual”, como toda etnografia, ou pelo menos, espera-se que assim seja, assim como Turner

passou no aceite<sup>61</sup> dos Ndembo com auxílio de sua esposa que era filha de médico, no processo de construção de uma relação de confiança que envolveu aprender o dialeto, o dialeto específico dos rituais e a troca de medicamentos que os colocaram em situação confortável entre os nativos, eu, ao me apresentar como pesquisador do catolicismo popular e trazer comigo elementos dessa cultura, me garantiram um reconhecimento do grupo.

Na residência, pelo alpendre, habituando-me ao ambiente e ao grupo que estava formado por eles, os romeiros do Pe. Cícero Romão Batista e da Mãe das Dores é assim que se denominam oriundos de Coqueiro Seco. Entre eles, estavam Maria Regina (Maria da Xoxa), meu primeiro contato, Carminha, José Ezídio, Rosângela, Nilzete e Fau da Paripueira. Na casa, descobri que Carminha e Zé Ezídio eram os pais de André outro romeiro com quem viajei em seu grupo, em setembro.

Eles logo me deixam à vontade, contando-me que esse caminho fazem juntos há mais de quarenta anos, período que compreende só o matrimônio, que bem antes percorriam com familiares. Carminha, em conversa, fala de como ficou curada de um mal súbito que acometeu, o qual a debilitou durante dois anos e conforme ela mesma diz, “graças a Deus, minha Mãe das Dores e o Padrinho Cícero” se reestabeleceu nas suas forças dando-lhe a dádiva de voltar a caminhar.

Estamos ainda sentados no alpendre de casa, Maria Regina sempre muito atenciosa, como uma anfitriã, vez ou outra, aproxima-se e pergunta se eu estava bem. Percebo que ela veste uma camisa com foto de um rapaz, mais tarde, primeiro por Rosângela, sua cunhada, e depois pela própria, conheço mais de perto seu drama de ter perdido um filho há apenas oito meses.

O grupo aumenta nas falas, saudações, nos diálogos, uma oralidade em que percebo a força de uma ancestralidade, de um ciclo que se inicia e que se materializa nas romarias todos os anos. Maria

---

<sup>61</sup> Turner foi gradualmente galgando sua entrada entre os “nativos” a partir da antropologia de gabinete, depois busca de “interlocutores” até estar com sua família onde sua esposa teve um papel fundamental nessa fase inicial da etnografia do processo ritual.

Regina, apresenta-me D. Fátima (Fau da Paripueira), ex-evangélica, cantora de benditos e uma referência nos saberes e fazeres de práticas populares, como rezadeira. Chama atenção o fato de uma senhora com seus setenta anos, com desenvoltura e a propriedade com que se apodera de assuntos e práticas da medicina popular.

Maria Regina aproxima-se novamente e me diz “o ônibus chegou”. Senhor Carlos, depois soube que ele é um dos motoristas, desce do veículo ensaiando alguns passos do guerreiro e cantarolando “... mestre Pedro, eu sai de Penedo domingo bem cedo às seis horas... só agora estou retornando, sou alagoano onde o guerreiro mora...”.

### **Figura 12**

Embarque em Maceió. Julho 2018.



Dentro do veículo, ocupo minha poltrona ao lado de uma senhora franzina que mais sorri do que fala, Nilzete é seu nome. Maria Regina está ao meu lado com Rosângela de companhia, Carminha e Zé Ezídio logo nas poltronas à nossa frente. Com o sinal da cruz, iniciamos

a viagem rumo a Juazeiro do Norte, passam das 18 horas.

Uma próxima parada acontece, por volta das 20 horas, mais um grupo, é o último que completa as poltronas, entre esses conheço D. Dalva, brincante de guerreiro como estrela radiosa e fico sabendo, por Maria Regina que ela, Dalva, é nossa fretante.

### **Figura 13**

D. Dalva. Registro – julho2018



Além dela, sentam na poltrona logo atrás de Maria Regina e Rosângela, D. Luzinete de 79 anos e D. Zezé que logo me oferece um copo de café, após sermos apresentados por Maria Regina, que me diz, “olhe, professor, esse café eu fiz era umas 3 horas da tarde, olha como ainda tá fumaçando”, eu elogio a garrafa vermelha e o café e seguimos viagem.

No ronco do motor, sinto que a viagem embalou, o veículo assume certa velocidade e, em seu interior, uma atmosfera familiar mais de afinidades do que de parentesco toma conta do corredor, o vai e vem de comadres e compadres, amigos de muitas romarias confirmam-se pela oralidade e pelos sorrisos; eu observo tudo com um ar de familiaridade, com um sentimento, de modo a não parecer estranho entre eles.

**Figura 14**  
chegada em Juazeiro. Registro – julho 2018



Os cheiros do café de D. Zezé, da macaxeira, do cuscuz com charque, da macaxeira com manjuba, ocupavam não só o olfato, mas todos os sentidos; era a hora do jantar e da partilha; era momento de acolhida e celebração, estava eu entre os romeiros, estava eu iniciando, de fato e de direito, os longos passos de pedra e areia.

Refeitos da janta, não demora muito e começa a primeira recitação de terços, D. Luzinete fala em tom altivo, “vamos rezar o terço, minha gente!!!” Pelo sinal da Santa Cruz... todos... livrai-nos, Deus, nosso Senhor, de nossos inimigos...” pelas andanças em Juazeiro do Norte, desde 2012, reconheço logo que se trata do terço em honra ao Pe. Cícero, prática confiada ao Sr. Aureliano, alagoano de Atalaia, pai de trinta e seis filhos, onde tive a oportunidade de entrevistar em Juazeiro do Norte a senhora Maria Luíza, a trigésima quarta filha e seu esposo, Manuilson, administrador do cemitério do Socorro. A recitação desse terço foi amplamente difundida entre os romeiros.

“Pai do céu, nos dê força... Jesus, me dê poder...

Nossa Senhora das Dores, me dê coragem para essa batalha vencer...”

“sem morrer, sem me abater, sem enlouquecer...” “Deus pode, Deus quer... hei de vencer”.



Durante a prática, pude observar que as últimas recitações “... me dê coragem para...” vai-se modificando ao passo que as necessidades de cada romeiro vai surgindo. “que me dê força e saúde” “que eu consiga aquele emprego” “meu filho se cure...”

Importante considerar traços de inovação dentro do ritual de reza, e a íntima relação entre a fórmula deixada pelo Pe. Cícero e o uso feito pelo próprio romeiro.

Às 22h56min, os benditos começam, D. Luzinete como uma maestrina inicia um bendito em honra à Santa Quitéria.

“Raiiiiiinnnnhhhhaaaa Santa Quitéria...

quero ver o meu padrinho...Santa Quitéria... respondeu... meu padrinho viajou...na era de trinta e quatro,

papai dooooo céu lhe chamou... raaaiiiiiinnnnhhhhaaaa Santa Quitéria...

No Ceará, se aproximando do Juazeiro, pode ser observada uma certa calma dentro do ônibus, percebo que ao passo que se aproxima do destino, o romeiro se volta mais para si e observa mais pela janela, ele está chegando à terra do Pe. Cícero, onde todos se sentem em casa.

## **O caminho - Ritual de passagem e Liminaridade na subida do Horto...**

Se aprofunda o entendimento de uma descrição densa numa perspectiva antropológica, onde o professor Roberto Cardoso de Oliveira (2000) escreveu em “o trabalho do antropólogo – olhar, ouvir e escrever”, seria prudente considerar que para que haja uma produção da ação<sup>62</sup>, a percepção e interação fomentando o entendimento para ser teorizado não bastam apenas mergulhar em águas mais profundas, é preciso descer aos abissais empíricos, usando a cápsula da antropologia, a etnografia.

O Juazeiro do Norte é uma cosmologia, sobretudo nos períodos das romarias, é o encontro de culturas: nordestina, religiosidade

---

<sup>62</sup> Ideia presente na teoria da piscadela de Geertz (1989). A etnografia a partir do protagonismo do romeiro.

popular, cultura alagoana, gastronomia, artesanato, de cores, de manifestações religiosas: Católica Apostólica Romana, Católica Popular, elementos pontuais = das religiões de matriz africana e indígena de praticantes ou integrantes dessas religiões que alimentam o catolicismo popular e algumas igrejas protestantes. De sons, de cheiros, de memória e oralidade. Todos esses elementos observados e perceptíveis são frutos da ação/relação/olhar humano, cultural e social dos romeiros em movimento, em boa parte pelos autóctones de Juazeiro do Norte e de forma mais periférica de outros agentes como turistas, passantes, etc.

**Foto15**

vai e vem. Registro  
– julho 2018



**Foto16**

comércio Registro  
– julho 2018



**Foto17**

Arcos Basílica  
Registro – julho 2018.



De toda essa efervescência, faz-se relevante considerar esses grupos sociais e seus relacionamentos à luz da Antropologia Social a partir do entendimento de “ensaio gráfico de redes sociais”<sup>99</sup> de Hannerz (2015); esses grupos que não podem ser vistos como aquários isolados, embora deixem evidenciar por suas motivações, intenções e olhares distintos.

Os problemas com que lidam os antropólogos sob o rótulo de análise de redes envolve os mesmos tipos de princípios e realidades que influenciam o envio de cartas-corrente. De que maneiras os relacionamentos sociais estão conectados uns com os outros? Como é que a situação em que duas pessoas em contato direto conhecem os mesmos outros se compara com aquela em que elas conhecem outros diferentes? Quantas pessoas você conhece e que tipos de pessoas? Essas, formuladas de uma maneira muito geral, são algumas das perguntas feitas. (HANNERZ, 2015, p. 158).

A ideia inicial de “cartas-correntes” pode, de forma mais atualizada, ser entendida no linguajar tecnológico, por exemplo, como a relação de envios, recebimentos e redirecionamentos a partir da ideia de redes intranets<sup>63</sup> e internet<sup>64</sup> para depois se desenvolver a ideia de redes sociais envolvendo os agentes humanos.

A questão pontual é refletir a preocupação que ainda ocupa a Antropologia “em fazer a análise relacional mais adaptável no estudo de um conjunto cada vez mais variado de estruturas sociais” segundo Hannerz (2015) considerando também a complexidade de sociedades estudadas, suas conexões e interconexões humanas e sociais, em que Juazeiro do Norte, após 1889, foi-se configurando como tal.

Hannerz (2015, p. 168) ainda considera “a ideia de que redes na Antropologia significa abstrair de algum sistema mais amplo, para objetivos analíticos, conjuntos de relacionamentos mais ou menos

---

<sup>63</sup> Conjunto de redes internas e limitadas geograficamente que alimentam e usufruem a rede mundial de comunicação.

<sup>64</sup> Rede mundial que interliga todas as outras redes compreendidas como intranets.

elaborados”. Aqui, escrevi que esse é o intuito analítico, considerando que o universo das romarias é formado por particularidades culturais embora ao olhar menos preparado se possa ver apenas a totalidade estrutural de uma “aparente” homogeneidade.

No grupo dos oito, seus integrantes ocupam as mais variadas posições sociais, ocupam grupos religiosos distintos embora todos estejam no seio do catolicismo e possuem devoção diversificada a vários santos, tendo em comum Nossa Senhora das Dores, São Francisco, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o próprio Pe. Cícero. Profissionalmente, existem servidores públicos, aposentados, ativos. Alguns são representantes de grupos de folguedos e brincantes como é o caso de Carminha uma das integrantes do grupo dos oito e D. Dalva que é fretante.

O universo religioso popular, em seu ritual, agrega inúmeros grupos, fraternidades, movimentos, elementos de matrizes africanas, indígenas, que são pontuais e não são operacionais ou posicionais na maioria dos romeiros. Constituem uma riqueza de detalhes intrigantes, em que a sabedoria e o fazer imaterial da cultura popular se confunde com o fenômeno da romaria de morte de Pe. Cícero e me instiga a entender seus significados e ressignificados atribuídos pelos agentes e protagonistas que os praticam que tendem a diferenciar-se de outros grupos culturais que não comungam do universo católico popular.

Forti (2019) lembra que várias outras religiões tentaram se estabelecer em Juazeiro e mais que isso, acabar com essa hegemonia do catolicismo popular formado por heterogeneidades. Relatou-me por exemplo que a Igreja Universal do Reino de Deus IURD entrou em Juazeiro do Norte com um projeto de mudar a realidade religiosa, chegaram alugar a rádio Iracema e compraram um terreno para construir o maior templo norte nordeste. Não conseguiram. Ela ainda completa “dentro dos estudos de mobilidades religiosas, no âmbito do catolicismo popular, sobretudo na devoção ao Pe. Cícero esse trânsito é infinitamente menor, eles são católicos, continuam católicos e resistentes”.

Mesmo após 1934, ano da morte do padre Cícero, a demanda de romeiros vem aumentando a cada ano, reforçando as hipóteses acima apresentadas. A partir desse ponto, passo a analisar e a descrever o processo ritual de peregrinação do grupo dos oito e de outros romeiros ao túmulo de Pe. Cícero Romão Batista.

Baseando-se em Van Gennep (1909), e o que ele chamou de “fase liminar”, a ideia de liminaridade ou antropologicamente falando estar no limiar, que caracteriza todos os “ritos de passagem” que segundo o autor citado apresenta em três fases: separação, margem ou “limen”, em latim, ou preferindo limiar e agregação.

Dentro do processo ritual da romaria em que o grupo dos oito está inserido, a separação pode ser observada desde o afastamento do romeiro dos seus afazeres cotidianos e passa a se organizar no sentido da ida ao Juazeiro. A liminaridade está ligada diretamente à peregrinação do grupo dos oito no Juazeiro, onde iniciam a subida do horto, a ida ao santo sepulcro, as pedras do pecado para refazer o caminho até a capela do socorro onde pode-se falar da *communitas* ou encontro. Essas três fases apresentadas que caracterizam a liminaridade estão presentes nessa etnografia, além disso, extraio exemplos nos processos observados em campo.

O romeiro chega ao Juazeiro, acomoda-se no rancho, vai até a Basílica de Nossa Senhora das Dores, quando já é metade do dia seguinte da viagem de Maceió até o Juazeiro e, só no dia posterior seguirá para peregrinação.

## Foto 18

Maria Regina na Basílica.Registro – julho 2018



Após a missa das dezoito horas, o grupo segue de volta para o rancho que fica na rua São José, em frente à lateral direita da Basílica, pelo longo corredor que passamos, pois os oito e eu ficamos no último quarto, dá para se ver toda a dinâmica de preparativos da janta que é sempre compartilhada com os integrantes de cada quarto.

Conosco ocorre o mesmo, garrafas de café, cuscuz, ovo, Maria Regina e Carminha organizam tudo, Carminha oferece o camarão seco que gentilmente preparou para ocasião de nossa primeira noite no Juazeiro, tudo é preparado com muita alegria, porém, num ar mais solene, introspecto, a estrada que liga sua casa ao Juazeiro parece não existir mais momentaneamente, os assuntos contemporâneos vão dando lugar à uma expectativa do que estar por vir, percebo que o não estar lá, nem aqui, pode ser descrito no comportamento dos oito que estão no quarto, Juazeiro de noite é um misto de religioso e profano<sup>65</sup>, os oito se

---

<sup>65</sup> Enquanto missas ocorrem, várias atividades relacionadas à serviços de consumo de bebidas, comidas, produtos eletrônicos, inclusive a presença de carros com paredes

afastam, estão no quarto, deixam o contexto social para traz, se isolam logo após o café que partilhamos, pois a saída é às quatro da manhã. Essa separação e primeira fase da liminaridade consiste de uma simbologia do afastamento de um indivíduo ou de um grupo do ponto fixo da estrutura anterior ao ritual ou o seu completo isolamento em local devidamente preparado para isso.

São três e quarenta da manhã do dia 17, no Juazeiro em tempo de romaria, se levantam praticamente todos juntos como numa sinergia. Após um rápido café coado no pano alvo como algodão, saem do rancho Maria Regina e Carminha na frente, Rosângela e Nilzete logo atrás, Zé Izidio mais atrás ainda com duas sacolas e eu um pouco mais afastado observando e registrando, D. Luzinete e Fau da Paripueira ficaram para subir depois com o grupo de D. Zezé.

Subimos sentido Igreja dos salesianos<sup>66</sup> pela Av. Pe. Cícero e logo pegamos a Rua São Pedro, mesmo sendo inaudível entender o que estão conversando, percebo que são coisas ainda do cotidiano. Muito mais se escuta o canto de galos e os latidos da cachorrada que como anunciadores, avisam que vamos passando, a rua está deserta de cima a baixo. Em meio aos sons percebidos, os passos marcam o ritmo e o norte. Chegamos à Praça do Socorro, todos fazem o sinal da cruz e, aos poucos, o grupo vai se distanciando da cidade, o pé da ladeira que leva ao horto está próximo.

Por uma estrada estadual, a Ce - 060 Leandro Bezerra de Menezes que dá acesso ao Crato e à Barbalha, muito bem sinalizada com uma cor diferenciada, característica da sinalização turística, avistamos a placa “Horto Padre Cícero”. O grupo segue confiante; no horizonte, a aurora ainda acorda com o véu da madrugada encobrendo seus tons laranja e amarelo claro; no alto se vê uma estrela cadente passando, Regina faz o registro com espanto porque nem todos do grupo viram, até então os passos dividiam seu som com os

---

de som, uso de bebidas no interior de pousadas e ranchos.

<sup>66</sup> Ordem trazida por Pe. Cícero após seu segundo retorno de Roma, onde se tratou de uma estratégia de Pe. Cícero, assim também, como a vinda dos franciscanos que ocupou o sacerdote em concentrar esforços e vaga em seu testamento.

outros que foram ficando para trás. Agora só os passos se escuta e suas sombras observadas e registradas.

O grupo com seus terços retirados dos bolsos e bolsas a partir desse instante balançam no ar em cada mão, o silêncio agora é bem maior, os sons dos passos aumentam, o grupo vai deixando os sinais de agitação para trás, percebo que se aproxima um monumento<sup>67</sup> à frente. O grupo pára e vê próximo à cruz que possui na base do monumento, imagens de santos populares<sup>68</sup> e uma vela acesa indicando que ainda mais cedo, outros passos estão à frente. Maria Regina toma a palavra e diz “tem muita gente que vê a cruz, como sofrimento, nós temos que ver a cruz como um exemplo”.

**Foto 19**

Nos passos longos Registro –  
julho 2018



**Foto 20**

aos pés do Cruzeiro. Registro  
– julho 2018



---

<sup>67</sup> Um dos 15 que existem pelo caminho, simbolizando a via sacra de Jesus.

<sup>68</sup> Nossa senhora de Fátima, Imaculada Conceição, Frei Damião, São Francisco do Canindé e claro Pe. Cícero.



## Foto 21

Percurso feito pelos romeiros, o grupo dos 8.Registro – julho 2018



Nesse momento percebo que o grupo se volta para cada gesto, olhar, reza e palavra dita em direção ao horto onde se encontra a estátua de Pe. Cícero Romão Batista<sup>69</sup> e bem no início dos quase 14km e cerca de 2.650 metros de subida, em frente à casa de madrinha Dodô<sup>70</sup>, percebo que agora os passos seguem por um caminho de pedras e areia, estamos na estrada no caminho do Horto<sup>71</sup>. O grupo inicia o processo de peregrinação, estão iniciando o ritual que dá seus primeiros passos saindo do isolamento para a fase limiar.

---

<sup>69</sup> Monumento de 27 metros, construído ainda em 1967 na gestão do prefeito Dr. Mauro Sampaio que teve como artista o pernambucano Armando Lacerda e inaugurado em 1969. Walker (2017).

<sup>70</sup> Herdeira espiritual do Beato Pedro Batista que faleceu em Juazeiro do Norte em 1998. Amorim (2012).

<sup>71</sup> Essa sacralidade e misticismo do caminho do horto tiveram como construtores culturais os beatos João e Palmeira, contemporâneos do Pe. Cícero que o acompanhavam em muitas subidas e depois com levas de romeiros.

A partir de Turner (1974) Liminaridade é uma passagem, o limiar do não estar, do “*status*” para o estado cultural que foram estudados com propriedade de conhecimento e lógica pela abordagem não tradicional e inovadora do autor, enquanto que “*communitas*” trata de um relacionamento “estruturado”, feito por indivíduos dentro do limiar e que por sua natureza, dentro da liminaridade, se colocam como indivíduos diferenciados ou anti-estruturais. A ideia aqui de anti-estrutura pode ser entendida se voltando ao próprio protagonismo do romeiro que se coloca como o inverso à “estrutura” que pode ser vista como a Igreja Romanizada por exemplo.

Baseando-se em Van Gennep, e o que ele chamou de “fase liminar” que acompanha estágios de vários rituais, iniciações, posição social e de puberdade.

O grupo dos oito se insere no limiar da peregrinação aos primeiros passos madrugada do dia 17 de julho de 2018, antes das 04h da manhã. Saindo pela Rua Pe. Cícero, o grupo se encaminha ao processo ritual. As orações, única comunicação agora entendida e os passos, sempre os passos subida acima, vão cada vez mais se mostrando rítmicos e pesados, como que abrindo uma dimensão atemporal, como que os passos observados e ouvidos agora se unem a todos os passos de uma história, de uma cultura católica popular e da cultura muito particular romeira. Regina sempre à frente, fala agora do caminho, agradecendo por estar ali, em voz alta, pede que todos também façam agradecimento pelo que estão vivendo agora e que esse caminho fortaleça cada vez mais a vida de cada um.

Alguns metros percorridos volto o olhar para trás e vejo que a cidade agora está distante, só o caminho de pedras e areia ainda em seu começo ladeado por casas quase uniformes em sua maioria brancas ou azuis, me fazendo entender que a devoção à “Nossa Senhora” é explícita não só nas missas, rezas ou terços, também na estética das casas e mais ainda, por ter sido um pedido muito especial do Pe. Cícero me fala Dantas (2018), em entrevista.

Passam algumas horas e logo outros grupos se encontram com o grupo de Maria Regina e um fato interessante acontece, muito espontaneamente viro a câmara de lado e vejo que Rosangela me fotografa e automaticamente lembro do que de várias formas descreveram Clifford (2002), Wagner (2012), Geertz (2008, 2013) ao constatarem que “observamos e somos observados”.

Ainda na subida do Horto quase sem nenhuma parada além das estações, há uma obrigatória, na “pedra do joelho”<sup>72</sup> que após observar e ser convidado a experimentar elementos do ritual, sigo novamente com o grupo.

Outro fato interessante ocorre durante o trajeto, mas antes escrevo que há muito noto que em cada base de cimento em que se localizam as estações da via sacra, um amontoado de pedras de vários tamanhos e formas se apresentam, pergunto a Maria Regina e a mesma me explica:

(...) essas pedras são trazidas pelos romeiros, são pedras que compartilham dores, alegrias, sofrimentos, vitórias, pesos e pecados que precisam serem vencidos. Essas pedras simbolizam uma coletividade de lutas e vitórias, de lágrimas e sorrisos, pois meu padrinho sempre disse que Deus nunca deixou trabalho sem recompensa, nem lágrimas sem consolação (REGINA, 2018, subida do horto do Pe. Cícero).

D. Edite ainda ensina a oração que deve ser dita logo após se colocar o joelho na pedra “estou na luz, estou na cruz, estou do colo de Jesus, valei-me meu padrinho Cícero e o sagrado coração de Jesus”.

---

<sup>72</sup> D. Edite romeira guardiã da Pedra do Joelho conta que seu avô combatente na guerra de 14 (sedição do Juazeiro) que passava por essa pedra como sacerdote e as levava de romeiros, onde colocam todos, os joelhos na marca dessa pedra. Toda a narrativa é acompanhada pelo grupo dos protagonistas e confirmada por Maria Regina.

**Figura22**

A pedra do Joelho. Registro –  
julho 2018



**Figura23**

As pedras no  
caminho.Registro –  
julho 2018



Percebo logo que não só a ideia de coletividade, como a de ação coletiva se faz presente em cada passo, gesto, em cada elemento do ritual, cada romeiro pega uma pedra que foi depositada pelo caminho por outro romeiro e a leva para outra estação, fazendo com que a pedra que agora é de todos possa seguir seu caminho, simbolizando o que Turner vai chamar de “coesão social”<sup>73</sup> após o que se vive em forma de “drama social”.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> Conceito desenvolvido por Turner ao estudar o processo ritual dos Ndembus que pode ser entendido como resultado ou “desfecho” do processo ritual vivido por uma coletividade que pode levar a harmonia ou cisão social de um grupo.

<sup>74</sup> Etapas vividas também por uma coletividade que no conceito de Turner se subdivide em ruptura, crise de intensificação, ação reparadora e o desfecho.

As pedras do caminho que se movem no movimento cíclico de cada romeiro em cada romaria materializam histórias, anonimatos, pedidos, graças, curas, enfim, materializam a fé e a tradição romeira. Essas pedras no caminho são salas de ex-votos ao ar livre, mas que precisam da ação coletiva para que sejam alcançadas o que cada uma representa.

Voltando ao fato, no mínimo curioso, ocorreu quando eu resolvi experienciar e levar uma das pedras de uma estação a outra, pois nunca se leva a pedra até o topo, quando coloquei a pedra no local Maria Regina pega a mesma pedra e diz “a pedra está quente” passa para mão de Carminha que confirma “a pedra ainda está quente” Zé Izidio indaga “a que ele pegou?” e Carminha afirma “sim, a do professor, só a dele”.

### Figura 24

Pedra quente no altar Registro – julho 2018



Achei muito relevante descrever esse fato que ocorreu espontaneamente dentro de um ritual de peregrinação, revelando o dinamismo de novos elementos que podem ocorrer, me fazendo

reconsiderar o que li há um tempo atrás sobre o “duplo vínculo” ou “double bind”<sup>75</sup> e sigo concordando com o próprio Márcio Goldman quando escreve:

Entre a noção objetivista de uma realidade última a que apenas nós temos acesso e saber e em relação à qual os outros tem apenas crenças (“bruxos como os Azande os conhecem, não podem existir...”), e a hipótese idealista de que qualquer coisa que digamos não passa de crença (“nesse ponto, o teólogo toma lugar do antropólogo...”) é que se joga a antropologia. (GOLDMAN, 2003, p. 166).

Por isso que escrevo, fico com o que vivenciei e os romeiros deram fortes risadas.

**Figura 25**

Vista da estátua Registro  
– julho 2018



**Figura 26**

Penitentes pedintes . Registro  
– julho 2018



---

<sup>75</sup> Espécie de armadilha em que somos apanhados quando nos defrontamos com injunções conflitantes que nos deixam margem de manobra porque “não importa o que se faça, não se pode vencer”. Goldman (2003, p. 166).

## Figura 27

Comércio no Horto Registro – julho 2018



Alguns metros agora nos separam do Horto e da estátua do Pe. Cícero, aonde o grupo chega até o topo. Outros sons voltam a integrar o ritual e a peregrinação, o grupo de romeiros alagoanos se encontra com outros vários grupos. Comércio e fé ocupam espaços comuns, vozes, estouros de fogos são ouvidos, e um som muito peculiar seguido por uma *performance* muito comum no horto é observado por todos que ali passam, trata-se dos penitentes pedintes<sup>76</sup>. No local onde se localiza a estátua do Pe. Cícero, se observa uma estrutura básica bem edificada<sup>77</sup> onde se servem romeiros em sua maioria e turistas.

Esses penitentes ficam todos sentados um ao lado do outro na calçada que dá acesso à estátua do Pe. Cícero com pratos, compotas de doces, canecos de alumínio com moedas e numa *performance* ensaiada agitam as mãos com os recipientes produzindo um som todo

---

<sup>76</sup> Trata-se de pessoas que não necessariamente pertencem ao mesmo grupo social, onde uns não precisam da condição de “pedintes”, mas se equiparam na condição de “penitentes” em que sua penitência é muitas vezes receber um não por parte daqueles que os mesmos pedem auxílio. Dantas (2018).

<sup>77</sup> Ruas asfaltadas, calçadas, banheiros, lojas de artefatos religiosos e artesanato, lanchonetes, um restaurante, estacionamento para carros e ônibus, bancos, iluminação, lixeira, arborização, etc.

característico. Alguns estilizam e ressignificam a *performance* com roupas características de franciscanos e colocando música chamando mais atenção. O que se percebe dos resultados positivos no prato cheio de moedas e algumas notas de valores menores.

No vai e vem dos muitos passos, dos grupos que agora são dezenas, com centenas de romeiros que vão formando a densa paisagem da romaria, os sons e *performance* dos penitentes são absorvidos dentro do ritual de peregrinação. O grupo dos alagoanos segue em frente, passa direto pela grande estátua, parada só na volta, e segue para o caminho que dá acesso à igreja dos salesianos e ao santo sepulcro.

**Figura 28**  
Pedras no caminho, ícones. Registro  
– julho 2018



O chão de pedra e areia, o cenário de caatinga e vegetação típica<sup>78</sup> e o grande cruzeiro que se apresenta a frente no caminho relembra ao pesquisador o porquê do título dessa pesquisa, retorna-se a

---

<sup>78</sup> Angico, Bromelia, Cacto, Carnaúba, Caroá, Camuru, Juazeiro, Jurema, Sabiá, Umbuzeiro, entre outras, essas foram identificadas.



dimensão mística, católica popular, a peregrinação continua. Em meio a muitas pedras, inúmeras pedras, imagens, fitas, ex-votos e vegetação, um flagra no meio do caminho, que possibilita com maior clareza o que escreve Geertz (1983) “agora somos todos nativos”, onde estava escrito: “somos todos irmãos, bem vindos entre nós”.

O fluxo no caminho é intenso, passos vão e vêm, pessoas de todas as classes como que leram a pequena placa, caminham sem pressa, o contraste dos passos, corpos e sombras revelam as particularidades do ritual de peregrinação em que da observação participante se tira vários elementos. Não há comunicação oral durante um bom tempo, só o vai e vem de romeiros, o grupo de protagonistas segue por entre a estrada, observa-se por entre os rostos inúmeras expressões que falam de um povo de muitas etnias, de muitas culturas.

**Figura 29**

Caminho do Santo Sepulcro  
Registro – julho 2018



**Figura30**

Pedras sobre pedras. Registro  
– julho 2018



No caminho uma parada do grupo que se une a outro grupo que está parado à beira do caminho, uma senhora de joelhos em frente uma árvore reza contrita numa voz que não se ouve, apenas se entende que ali é um elemento de toda peregrinação. Entende-se que dentro do processo ritual coletivo do grupo dos oito protagonistas existem rituais

particulares operativos e situacionais diversos, reafirmando a espontaneidade e a sincronia a partir de elementos gestuais, imateriais e materiais diversos. Fico junto ao grupo e observo, a senhora levanta-se e parece que eu nem estou ali, ou que não sou um estranho e ela segue seu caminho com seu grupo.

**Figura 31**  
sombras e luz de fé. Registro – julho 2018



No caminho que leva ao santo sepulcro, existem alguns quiosques onde são oferecidos produtos do saber e fazer tradicionais, elementos dessa ancestralidade cultural. É notório que existe não só a venda de remédios tradicionais, assim como a fabricação e venda de santos, artesanato, roupas, calçados e outros manufaturados que revelam a questão mercadológica existente em tantos centros de peregrinação no Brasil e no mundo. No Juazeiro isso também ocorre. A existência da relação trabalho e fé sempre esteve presente no Juazeiro do Norte, o que fez tantos procurarem essas terras, inclusive muitos alagoanos, se firmarem e ajudarem na construção dessa cidade em tradição, mística e no desenvolvimento concreto.

Como faço questão de frisar suas particularidades, no Juazeiro oromeiro não compra um santo, ele troca o santo, imediatamente procura a igreja e o Padre mais próximo para que a imagem seja benta e possa incorporar a essência daquilo que Mauss (1974, p. 137) vai escrever:

A propriedade mágica não é concebida como naturalmente, absolutamente e especificamente inerente à coisa à qual está ligada, mas sempre como relativamente extrínseca e conferida. Às vezes, ela o é por um rito: sacrifício, bênção, colocação em contato com coisas lacradas ou amaldiçoadas, encantamento em geral. Outras vezes, a existência da dita propriedade é explicada por um mito.

A rica variedade impressiona a todos que passam, podem ser encontrados o famoso creme doutorzinho<sup>79</sup>, garrafadas de várias ervas, mel de abelhas, gel da banha da cascavel, chifres, raízes, cascas de árvores, óleos de pequi, de dendê, elixires, manteiga de garrafa, todos produtos extraídos, fabricados no Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha e região.

Seguindo em frente, sempre em frente, Maria Regina me avisa que estamos próximos do Santo Sepulcro, percebo que ela caminha com uma garrafa contendo água em sua cabeça com desenvoltura e equilíbrios impressionantes. A enfermeira aproveita para lembrar que era assim que sua avó carregava água em grandes potes durante as viagens ao Juazeiro quando Maria Regina tinha apenas 12 anos. Em 2018 ela estava com mais de 50.

Vestida com a camisa com a foto do filho morto numa tentativa de assalto, atrás está escrito “tudo posso naquele que me fortalece”, frase extraída do texto de Paulo aos Filipenses. Observo aquela mulher que naquele caminho, rumo ao encontro com o Pe. Cícero, representa muito de coragem, lutas, abnegação, tristezas, alegrias e muita esperança.

---

<sup>79</sup> Creme extraído de elementos como a Arnica, sebo de carneiro.

No afã de entender, tudo isso vai se desvelando por estar ali, em romaria, é inevitável, necessário e vital para sua vida, que no seu drama social, a coesão humana e social só poderá vir daqui, da terra que ela tanto ama e os romeiros também, que o filho tanto amava, da terra em que no encontro com o padrinho e o seu grupo, as dores se vão, as doenças curam, os medos diminuem e como ela mesmo me confidenciou, “aqui eu não sinto nada, me sinto em paz e a única dor que ainda me afeta é a dor da perda de meu filho, mais mesmo essa aqui, diminui, e muito”.

A análise da dor de Maria Regina pode se aplicar a partir de Turner (1974) na ideia de drama social, que pode ser entendida como animosidades individuais e coletivas. Situações que passam por uma espécie de “dramatização” que passa pela fase de estruturação do drama, análise comportamental, envolvimento social de indivíduos por parentesco ou afinidade para que haja a depuração através do que o autor citado comparou como dramatização, onde se externa aquilo que tem profunda relação com a própria existência, manutenção e sobrevivência social. Pode-se entender como uma rede interligada com fluxo contínuo de processos humanos e sociais em forma de convívio social.

### **No santo sepulcro, ali viviam beatas e beatos...**

Chegamos à capela do santo sepulcro, é uma construção de pedra, digo, um espaço dentro de uma grande pedra, com dois compartimentos, um inferior e outro superior, no inferior, onde está o “santo sepulcro”, entra-se por uma porta estreita e quase que curvado. Regina me explica que é em sinal de respeito. Dentro, fugindo a qualquer ornamentação clássica ou romanizada, o chão é de pedra e areia, nas suas laterais cruces pequenas, médias e grandes, ex votos<sup>80</sup>, muletas, no centro da capela no altar central, várias imagens de santos que ocupam o mesmo local, uma sobre a outra, três imagens de Pe. Cícero servem como

---

<sup>80</sup> Partes de corpos: pernas, braços, cabeças, mãos, de madeira deixadas pelos romeiros que alcançam a graça de uma cura.

suporte para todas as outras, as paredes são de cor escura pelas cinzas e fumaças de velas que são acesas constantemente em um dos cantos do local, o teto de madeira também negro da fumaça tem muitas inscrições: nomes de pessoas, casais, de famílias inteiras. A capela do santo sepulcro em Juazeiro é um lugar místico e cheio de simbologias.

O lugar é pequeno e o entra e sai é frenético, tento permanecer lá por alguns minutos e observo que dentro do ritual e peregrinação, o toque, o querer atestar de que esteve ali, toma parte dele, o romeiro e o sagrado, é muito forte. É a semiótica romeira, o corpo e o sagrado, patrimônio e espírito. Mauss (2003).

### Figura 32

Corporalidade do romeiro, o toque. Registro – julho 2018



Os romeiros entram na capela e tocam as três imagens do Pe. Cícero como que pedindo sua benção, e tem que ser aquelas três do alto do morro, do santo sepulcro. Outros se demoram um pouco além de um toque, como que estão recebendo energia e deixando energia também. Aqui se leva muito do Juazeiro para onde se volta e deixa muito de onde se veio. Maria Regina está dentro da capela, a liminaridade analisada por Turner pode ser observada no instante em que o encontro mais puro, silencioso do romeiro com o sagrado. A energia recebida é retribuída em cada toque, olhar, gesto e oração. Não é perguntado nada nesse

momento, só se observa, "existe uma espécie de fronteira aquém da qual é preciso estar para simpatizar com o mito, e além da qual é preciso estar para estudá-lo. Temos a sorte de viver perto dessa faixa fronteira e de poder passar e repassa-la à-vontade". Tylor (1832).

Saindo da capela do santo sepulcro, o grupo se encaminha para o túmulo do beato Manoel João<sup>81</sup> enterrado próximo a capela há pouco visitada. Zé Izidio suspira e fala em voz alta “eita... é o túmulo do beato...” como que ele era um grande e longínquo conhecido. Maria Regina se aproxima do túmulo e toca demoradamente a cruz, tudo é penitência tudo tem seu simbolismo, tudo recebe a marca daqueles que fazem a peregrinação naqueles que ali jazem. Por fim, ainda como finalizando mais um ritual particular dentro do processo ritual, coloca uma pedra sobre outras que foram depositadas por outros romeiros no túmulo do beato.

### Figura 33

As pedras caminham através da corporalidade do romeiro.

Registro – julho 2018



---

<sup>81</sup> Um dos Beatos contemporâneo de Pe. Cícero que guardava o lugar, morto e sepultado em 1925 ajudou junto com outros beatos na criação da mística do lugar.

Ainda no monte do santo sepulcro, a visita à capela de Sant'Ana é mais demorada, mais contemplativa. É o pavilhão de cima que está acima do santo sepulcro, as paredes são brancas de cal, repletas de inscrições, retratos de várias pessoas, ex votos, mais cruzeiros e placas de jazidos. No altar principal, uma imagem de Pe. Cícero paramentado como fosse celebrar uma missa, ao lado, outra imagem de Santa Ana<sup>82</sup> entre outras inúmeras imagens. Cada um do grupo aproxima-se das imagens faz suas orações particulares e depois coletivas. Tudo é feito no compasso marcado por pouca conversa e muita meditação, o canto dos pássaros é ouvido e o vento também oferece sua melodia. Saindo da capela de Santa Ana, no local onde os romeiros me explicam ser o “beicho da serra”<sup>83</sup>, pode-se vislumbrar a vista panorâmica da serra do Vale do Cariri.

**Figura 34**

Capela de Santa' Ana. Registro – julho 2018



---

<sup>82</sup> Na história e devoção popular é a mãe de Nossa Senhora e avó de Jesus.

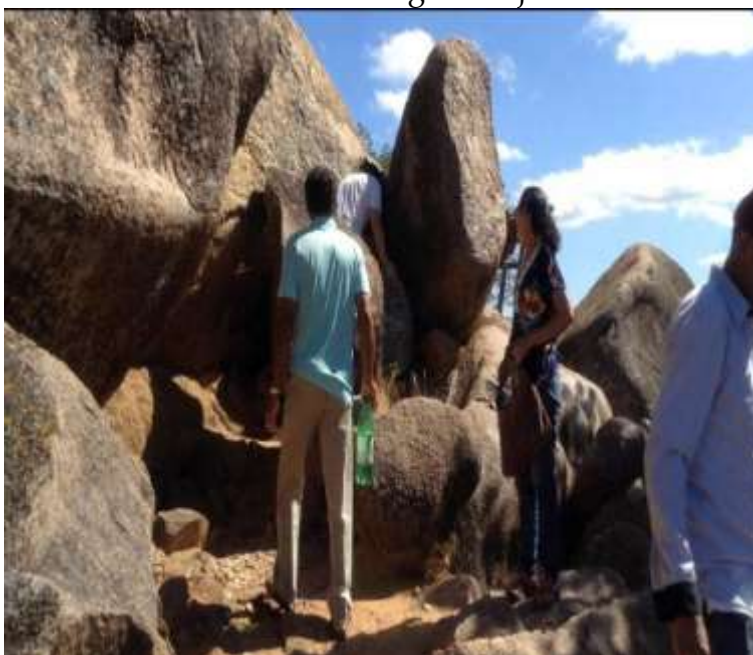
<sup>83</sup> Formação de pedra maciça que sustenta a construção da capela de Santa Ana.

O grupo chega até um ponto com pedras colossais, são as pedras do pecado<sup>84</sup> fico observando enquanto Zé Izidio me explica “professor, se a pessoa veio aqui em cima e não passou pelas pedras do pecado, não fez nada”. Tem a do pecado menor, a do maior e assim outras que a cada romaria vão sendo incorporadas dinamicamente à mística do lugar, enriquecendo o ritual.

Depois de ter expurgado todos os pecados deixados nas pedras, o grupo segue seu ritual peregrino agora de volta para o encontro da capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro onde lá dentro repousa há mais de oitenta anos o Pe. Cícero Romão Batista. Os romeiros pegam um atalho no retorno e chegam até uma antiga fonte feita de pedra conhecida como fonte de milagres que até hoje mina água.

### Figura 35

Pedras do Pecado. Registro – julho 2018



---

<sup>84</sup> Elementos que fazem parte da mística do lugar, construção popular de beatos como José João, enterrado, e outros que junto aos romeiros batizaram as pedras de Caim e Abel, pedra da crucificação, pedra oca e a pedra da colina.



## O encontro e a *Communitas*, o padrinho está lá dentro, a beata não...

Sáímos do rancho às quatro e meia e às treze e meia do mesmo dia 17 de julho, o grupo está chegando até a praça em frente à Capela do Socorro, onde se encontra o cemitério do Socorro e o Memorial Padre Cícero. O templo foi terminado entre 1908 e 1909 em pagamento de uma promessa pelo reestabelecimento de Pe. Cícero de uma erisipela, promessa paga por sua bem feitora a senhora Hermínia Gouveia, citada anteriormente.

Trata-se de uma construção de um edifício amarelo (cor atual) sem torres e uma cruz central no alto de sua fachada, possui três entradas frontais e duas saídas laterais. A entrada frontal, do lado direito, encontra-se uma pequena foto em relevo (cerâmica e bronze) de Maria de Araújo, a beata do milagre que permaneceu sepultada dentro da capela de 1914 até 1930. A localização do prédio fica exatamente dentro do terreno do Cemitério do Socorro, que me faz considerar que sua construção tenha sido feita com o cemitério existindo. No interior da igreja não existem altares laterais, só vitrais nas laterais perto do teto onde pode-se ver 8 vitrais, 4 de cada lado: do lado esquerdo a beata Maria de Araújo, Nossa Senhora de Fátima, Cristo na Cruz com Maria e João. No lado direito: anúncio do anjo Gabriel à Maria, Coração de Jesus, Nossa Senhora das Dores e Pe. Cícero, sendo o primeiro ícone interno do sacerdote em igreja católica apostólica romana.

Só o altar mor em honra a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, santa de muita devoção em todo o nordeste brasileiro, onde existem as imagens de São José e Santo Afonso. Entre o altar mor, duas entradas, uma que dá acesso a secretaria e sacristia da Capela e a outra que dá acesso ao santíssimo. Na parte central, abaixo do altar mor, encontra-se o jazido onde repousam os restos mortais de Pe. Cícero Romão Batista, sepultado no local em 21 de julho de 1934.

Segundo José Cícero<sup>85</sup> (2018), o espaço é separado por

---

<sup>85</sup> Um dos administradores do complexo: capela e cemitério.

proteções de alvenaria e madeira, a pedra de mármore branco tem o comprimento de 2 metros e 14 centímetros por 1 metro e 10 centímetros de largura, o corpo está posicionado da seguinte forma: o corpo na horizontal em relação à nave da igreja<sup>86</sup> a cabeça para o lado esquerdo e os pés para o lado direito. Ainda segundo Casimiro e Dantas (2018) estão sepultadas a mãe<sup>87</sup>, a irmã<sup>88</sup> de Pe. Cícero e a bem feitora<sup>89</sup> da capela.

### Figura 36

Túmulo do pe. Cícero. Registro – julho 2018



Acaba de terminar uma missa e existem muitos romeiros saindo da capela e outros entrando. A entrada é feita pela porta principal, a aproximação ao local do túmulo é lenta e demorada, não obstante o som

---

<sup>86</sup> Corredor central da capela do Socorro.

<sup>87</sup> A acredita-se que D. Joaquina Vicência Romana está enterrada próximo à cabeça de Pe. Cícero. Casimiro (2018).

<sup>88</sup> Acredita-se que Angélica Romana Batista está enterrada próximo aos pés de Pe. Cícero. Casimiro (2018).

<sup>89</sup> Acredita-se que D. Hermínia esteja enterrada na nave central da capela, perto dos outros supostos túmulos. Casimiro (2018).

externo e anúncio de um funcionário da capela sobre a missa do dia 20 (faltavam 3 dias), o silêncio dentro da capela é quase unânime.

São várias pessoas, inúmeras pessoas, idosos na maioria, adultos, crianças, famílias e grupos inteiros. O grupo dos oito alagoanos se mistura com outros grupos, na sua maioria também de alagoanos, nesse momento não existe apenas os oito, existem o romeiro em comunhão, perante o altar mor da Mãe das Dores e o seu padrinho.

O ritual em seu processo agora não muda de espaço, o local é o interior da capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o romeiro se ajoelha em frente ao túmulo, coloca a mão sobre a lápide demoradamente, coloca a outra mão nos olhos e ali fica demoradamente. Outro chega com presentes, flores e mais flores, outros colocam o chapéu, terços, santos trocados<sup>127</sup>, ex votos recém comprados pelo alcance de graças são colocados também no túmulo. O romeiro conversa com seu “padrinho” lhe pede conselho e é ouvido.

Na minha observação, dessa comunalidade mais coesa vem a inquietação/problematização/ como o Pe. Morto há mais de 80 anos ainda conversa com seus romeiros, seus amiguinhos, como eles diziam que o próprio Pe. Cícero os tratava.

A resposta está em entender que o cerne da romaria, ou seja, que a fonte mantenedora do Juazeiro do Norte, não é o comércio de bens e serviços, não é a modernização da cidade em detrimento da atividade turística, nem tão pouco as novas perspectivas modernistas e sofisticadas de uma capital e sim, a relação semiótica entre o romeiro e o Pe. Cícero Romão Batista.

É sua espontaneidade que não se deixa normatizar, é sua espacialidade elegida pelo próprio romeiro e ressignificada a cada romaria. É o pertencimento dos locais, dos elementos, dos caminhos, dos espaços por onde passa e está o romeiro. Ele coloca e tira elementos que faziam e fazem parte dessa construção que é usufruída por ele e retroalimenta. É como o grupo dos oito me fala de várias formas durante a etnografia “a força do Juazeiro é o romeiro”.

Dentro da Capela do Socorro, após toda a peregrinação de quase 9 horas, é possível perceber a *Communitas* em seu conceito puro, quer

no “encontro” com o Pe. Cícero, no diálogo que se segue em silêncio, nos pedidos deixados, nos presentes “entregues”, nos entendimentos e alívios observados em cada olhar, às vezes em forma de muitos sorrisos e lágrimas.

### Figura 37

A conversa que não se ouve.

Registro – julho 2018



A “*communitas*” ou comunidade se difere da estrutura de reagregação, o grupo dos oito em comunhão com os demais liminarmente são igualados em uma comunhão de “iguais”. Quando fora da “ante estrutura”, na estrutura, sendo submetidos ao campo<sup>90</sup>, se colocam “hierarquicamente” inversos como “autoridade” dentro dos rituais e ritos de peregrinação, o que o leva a fazer antes do encontro. É o romeiro quem detém o theos da romaria, Pe. Cícero está morto, mas

---

<sup>90</sup> Espaço onde ela ocorre, aqui é no interior da Capela do Socorro diante do túmulo do Pe. Cícero, que pode ser entendido como a “autoridade” o ponto central, o theos e ao mesmo tempo por ser um igual, se equiparar ao romeiro numa relação de afinidades, pertencimento, identidade.

vivo no grupo dos oito, em cada um. Entende-se a experiência vivida por cada indivíduo onde se expõe alternando entre estrutura e “*communitas*” em estados (anti-estrutura) e transições (liminaridade).

A partir dos ritos estudados por Turner (1974), existem por exemplo, as semelhanças com o ritual de peregrinação ao túmulo de Pe. Cícero, onde analisamos a sistemática das três fases liminares. Tem início na viagem de Maceió a Juazeiro do Norte, a separação do romeiro que se prepara para a peregrinação e o encontro com a visitação do túmulo. É o estado de “morrer”<sup>91</sup> mencionado. Isolamento, o encontro com o seu “eu”<sup>92</sup>. Aqui mais ainda, é o encontro do “eu” romeiro com Pe. Cícero Romão Batista.

Nesse ritual de peregrinação, onde ocorre a inversão de papéis sociais ou ocorrem os atributos das entidades liminares, os poderes institucionalizados<sup>93</sup> não importam aos romeiros que se fortalecem dentro da *communitas*. O rebaixamento do superior e a elevação do inferior bem evidentes no ritual de investidura dos ndembos são característicos das situações liminares em diversas provas em inúmeras culturas, a partir do entendimento de Turner (1974).

É o despojamento dos vícios do homem velho que precisa morrer para renascer o homem novo. Na ideia ndemba um chefe supremo não conserva a chefia para si ou em proveito próprio, a ideia de fortuna e os altos cargos são de certa forma meios para o bem-estar público e não para o engrandecimento pessoal.

Essa ideia de um não proveito próprio por parte de instituições, e sim, promover o bem-estar público pode ser observado mesmo que ínfimo na postura da igreja romanizada, principalmente nos últimos anos. Hoje existe muito mais uma postura e ação reconciliadoras, de

---

<sup>91</sup> O romeiro traz os seus pesos, questões, desafetos, dúvidas, ou seja, a sua vida para ser resolvida a partir da orientação que segundo o romeiro é recebida do padrinho. Para só depois sair fortalecido, orientado e curado para se reintegrar a estrutura até que um novo ciclo inicie.

<sup>92</sup> Humberto Rohden (1941)

<sup>93</sup> A igreja romanizada existe, faz parte da romaria, mas é o romeiro e sua espontaneidade que prevalece. Existe porém não uma relação de forças como no passado, mas uma relação de alteridade.

reconhecimento, de aceitação e respeito por elementos que mais aproximam do que afastam o catolicismo institucional e o catolicismo popular e sua religiosidade cultural.

A etnografia na metodologia malinowskiana<sup>94</sup>, emprestada à hermenêutica de

Geertz, permitiu, entre os romeiros, experiências muito interessantes. Durante os três dias antes do dia 20 de julho, permaneci filmando, fotografando e escrevendo dentro da Capela do Socorro.

Quando estava fazendo a medição do túmulo de Pe. Cícero, deixei por alguns instantes o meu diário de campo na grade de proteção, um senhor se aproximou e perguntou se podia utilizar, expliquei que era um bloco particular de anotações, pensando eu que o mesmo achava que se tratava de algum instrumento de crítica ou sugestão da capela. Ele pega o bloco e escreve algo, me entrega e me diz “não sei o que o senhor está fazendo, mas se é para meu padrinho é importante”. O texto dizia o seguinte “visitei Juazeiro com minha esposa para mais uma romaria. Peço a Deus e a virgem Maria e Pe. Cícero que me dê a minha saúde” assina Francisco das Chagas Ferreira e Deusalice Ferreira de Palmeira dos Índios Alagoas (2018).

O Senhor Antônio Ferreira de Lima, de União dos Palmares, Alagoas (2018) fala:

Eu paralisei minha pernas, fui para muleta, passei 10 anos na muleta, depois de dez anos saí da muleta, agradeço primeiro ao grande Deus poderoso, só tenho que agradecer a Deus, foi uma promessa que fiz ao meu padrinho, primeiramente Deus, meu padrinho e nossa mãe das Dores, de ter me deixado andar sem a muleta e sair. Todos que confiar em Deus, dará sua vitória, Deus é poderoso.

A senhora Maria das Graças de Lagoa Salgada, Rio Grande do Norte (2018) fala em lágrimas “é muita graça recebida, tá aqui um exemplo, mostrando uma criança e segue dizendo, sofri muito com ela,

---

<sup>94</sup> A metodologia que proporciona a fusão entre a antropologia de gabinete e a prática de campo a partir da observação participante.

muito tempo, com intolerância a lactose, e hoje está curada, uma das tantas graças que eu recebi”.

A senhora Maria Gracineide, também de Lagoa Salgada, irmã de D. Maria das Graças fala:

Nós somos romeiros do Pe. Cícero, já faz muitos anos que tem essa tradição, tem muitos anos, que vem essa tradição, saindo de Lagoa Salgada que fica perto de Natal não sabe? Eu mesmo é a segunda vez que a gente vem de a pé, já esse ano veio 13 pessoas, e graças a Deus fui muito feliz no caminho, o povo acolhe agente, umas pessoas de benção, dá comida, dormida, também não tem canto, a gente dorme em baixo das árvores. Teve um dia que a gente ficou perto de um açude, embaixo das árvores, graças a Deus agente foi muito feliz nos caminhos e esse ano, todos os dois anos que venho, é graças alcançadas do meu padrinho padre Cícero.

Nessa relação de interface, a comunicação entre o romeiro e o Pe. Cícero, se clarifica o entendimento a partir dessas falas e de outras existentes nessa etnografia.

Em muitos dos registros que fiz do grupo dos protagonistas, alguns de Zé Izidio chamaram muita atenção. Numa ocasião em que estava com ele na Casa Museu do Pe. Cícero, na rua São Pedro, ele pára em frente à uma imagem de Pe. Cícero em tamanho natural, coloca sua mão direita na cabeça da imagem, fecha os olhos e fica nessa posição demoradamente. Passados alguns minutos, se aproximam um senhor e uma senhora e também passam a tocar a imagem, parecem dialogar entre eles e o Pe. Cícero, um diálogo que não se ouve.

Maria Regina dessa vez, no Museu Vivo no Horto do Pe. Cícero fica em posição e gestos muito semelhantes perante outra imagem também em tamanho natural. Gestos como esses, se repetem em locais, objetos e imagens particulares, dando elementos qualitativos para analisar essa exegese, operação e posição desses elementos na romaria, levando em consideração que “se a noção de espírito nos parece ligada à de propriedade, inversamente está se liga àquela. Propriedade e força são dois termos inseparáveis; propriedade e espírito se confundem ”

(MAUSS, 1974, p. 133 *apud* GONÇALVES, 2003, p. 27).

Fechando essa análise sobre o ritual de peregrinação e visita ao túmulo de Pe. Cícero pelo romeiro alagoano sem esgotar o assunto, posso considerar ainda que a “*communitas*” pode ser distinguida em: existencial ou espontânea, normativa e ideológica. A ideológica é muito mais vista como um modelo ideal da “*Communitas*” existencial, de uma experiência interior e que se espera que condições sociais ótimas ou ideais floresçam e se multipliquem.

As relações se dão ou se dariam a nível de “*communitas*” de forma imediata e recíproca, conforme posteriormente foi desenvolvido por Rousseau, (Turner, 1974, p. 166) sendo uma relação de bondade entre os seres humanos, de forma igualitária sem propriedades ou estruturas fechadas. Essa reciprocidade segundo Martin Buber (1958) na análise de Turner, não se trata de um dueto social, de relações diádicas<sup>95</sup>, mas de um “eu” é um “tu” resultando em nós. Uma “*communitas*” em sua espontaneidade pode ser observada associando-se a questões místicas, carismáticas e espirituais. Aqui se pode observar o recorte feito da romaria de Morte do Pe. Cícero Romão Batista por essa etnografia.

Diferentemente, o que se observa comparativamente nas estruturas mais complexas e menos tradicionais Lévi-Strauss, (1970), nota-se sinais dessa “*communitas*” ideal e espontânea, o que Turner vai analisar como uma liminaridade ou algo transitório, ou momentâneo nas liturgias, nas preparações, da espontaneidade desse fenômeno.

Essa relação de “nós”, por sua vez, é arduamente a dialética de vários tópicos sobre a regra de Francisco de Assis, para Turner (1974), a “regra” do romeiro. Não imposta, nem seguindo uma normatividade, muito mais vista como um modelo e na ideia de “*comunidade*” existencial, se tem uma liminaridade permanente. Um modelo que é propagado até nos dias atuais, havendo, claro inúmeras modificações e ressignificações quanto ao conceito dessa fase limiar que é espontânea e concreta, para uma normativa e de ao menos inspiração ideológica ou

---

<sup>95</sup> Composto por somente dois indivíduos.



ideal. É nessa *existencia* espontânea que o romeiro idealiza sua comunalidade e segue para a procissão do dia 20 de julho, que marca o aniversário de morte de Pe. Cícero Romão Batista.

No dia 20 de julho saem muito cedo dos ranchos, pousadas, hotéis, casas. Da Rua São Pedro, da Av. Pe. Cícero, da Rua São José e de suas vicinais, as pessoas, os grupos e mais grupos vão aparecendo, todos se encaminhando para um só lugar, convergindo em um só encontro, na Capela do Socorro, na presença do padrinho, na parte de fora da capela, na praça. É muita gente e a missa campal se aproxima às seis horas da manhã. São quatro horas e o grupo segue pelas ruas, eu acompanho. Ao passo que se aproxima da praça do socorro, as ruas vão ficando mais estreitas pela quantidade de romeiros; as mulheres do grupo, Maria Regina, Carminha, Rosangela e Nilzete seguem na frente, Zé Izidio vai atrás delas observando o movimento dos carros. O preto nas roupas é muito comum nesse dia, seguido do branco e do azul escuro. O sol está alto e a missa campal inicia, a maior e melhor definição do que se observa nesse momento é o seguinte: é um “oceano” de gente.

O momento alto da cerimônia é a *performance* do chapéu e a despedida dos romeiros, o oceano ganha ondas com os movimentos de braços e chapéus nas mãos. Essa parte do ritual que não é característico apenas da romaria de morte do Pe. Cícero Romão Batista, é um saber e fazer que estão presentes a cada fim de romaria, de morte do Pe. Cícero em julho, de Nossa Senhora das Dores, em setembro, e de Finados, em novembro.

Gonçalves (2005) me ajuda nessa análise quando se entende que objetos sempre implicam usos determinados do corpo. Diante da indagação de Mauss: o que é um objeto se ele não é manuseado? Tem-se que as técnicas corporais e objetos materiais por sua vez, não precisam ser necessariamente entendidos como simples “suportes” da vida social e cultural. Podem ser pensados em sua imaterialidade e materialidade como a própria substância dessa vida social e cultural. Trato desse expediente acerca de imaterialidade e materialidade na terceira parte dessa pesquisa.

O romeiro alagoano se despede, os outros também o fazem, a partir do coral popular de um bendito, “o barco da vida”<sup>96</sup>. Nos que são muitos, aqui se observa o espírito se manifestando através da corporalidade do romeiro, nos gestos<sup>97</sup>, na emoção, e de mais um ciclo que se fecha, mas não se interrompe, nem se quebra, porque a partir desse ponto, se retorna a reintegrar a estrutura, mas essa estrutura não é mais a mesma, esse retorno está eivado de Juazeiro do Norte, e muito também foi deixado no próprio.

Pode - se aqui trazer a teoria maussiana, em que pese que a troca de presentes (Graças alcançadas, curas, entendimentos, coesão social, alívio de dores, reestabelecimento de forças, etc.), em tese, é obrigatória, mas a prática me mostra que nesse hibridismo de movimentos<sup>98</sup> são espontaneamente dados e retribuídos. Existe, durante toda a análise, um enorme conjunto de fatos<sup>99</sup>. De toda a complexidade desses fatos sociais à análise do grupo dos oito romeiros alagoanos.

As inquietações de Marcel Mauss permeiam a análise em tela. Qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades (aqui Juazeiro do Norte – grifo do pesquisador) faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa (graça) dada que faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído. Mauss (2003).

São hipóteses do campo que povoam o campo sociológico racionalista há muito tempo, com a antropologia sociológica de Mauss e seu entendimento, é possível lançar novos olhares a questões antigas e torná-las ressignificadas.

Então a questão é: o que leva romeiros alagoanos a retribuírem em forma de peregrinação, rituais simbólicos e operativos, as graças alcançadas, e mais ainda, o que faz essas graças serem dadas? A

---

<sup>96</sup> Bendito que se acredita ser de uma romeira alagoana chamada de Petrolina, que reside em Maceió.

<sup>97</sup> Mãos para cima, abraços, acenos com o chapéu, lágrimas, olhares e introspecção.

<sup>98</sup> Da romaria, da peregrinação, processo ritual, do pedir e receber.

<sup>99</sup> Fenômenos sociais totais onde se exprimem a mais diversas “instituições” humanas, sociais, religiosas, jurídicas e morais. Mauss (p. 187).

espontaneidade desse romeiro é a resposta. No ônibus, todos em seus lugares, o grupo dos oito embalado por uma ladainha<sup>100</sup> cantada por D. Luzinete que é acompanhada por D. Zeze. O veículo alcança certa velocidade, o romeiro alagoano está deixando o Juazeiro e se ouve...

Eu vou rezar meus benditos,  
no ônibus e no caminhão...  
à direita vai meu padrinho, na esquerda a santa cruz,  
na traseira vai a força do coração de Jesus,  
na traseira vai a força do coração de Jesus...

D. Luzinete, 79 anos, Joaquim Gomes, Alagoas.

Depois, Maria Regina, junto com Carminha puxam a ladainha de Nossa Senhora das Dores:

Digna dos mortais,  
a Jesus infinito que é fruto bendito,  
deste pede sempre, ô mãe de Jesus,  
ô mãe de Jesus...ô clemente ouvi-nos  
ô pia valei-me... ô doce acudia  
ô virgem Maria, que é Deus que nos guia,  
guiastes no peito todos os mortais...

---

<sup>100</sup> Adeus, adeus... adeus Maria...mãe das Dores seus romeiros já vão, com fé e esperança no seu coração... adeus Maria Maria... (D. Luzinete e D. Zeza).

# CAPÍTULO III

## PATRIMÔNIO CULTURAL DO JUAZEIRO DO NORTE

---

### **Aspectos teóricos e etnográficos do patrimônio material e imaterial...**

“Cultura é em última análise, comportamento mediado através de símbolos, e podemos fazer todo tipo de elucubração com, e sobre, esta questão”. Mintz (1982, p. 237). Encontro nessa definição o universo de Juazeiro do Norte, sua romaria e seus romeiros com suas mais diversas manifestações simbólicas culturais a partir de saberes e fazeres, de imagens e memórias, de oralidade e práticas rituais tão presentes nos passos tão longos de pedra e areia dos oito protagonistas.

Essas múltiplas variedades de saberes e fazeres transmitidos culturalmente podem assumir contextos menos voláteis, se aliarmos “cultura” ao conceito de patrimônio ou, dito de outra forma, ancorando a vasta discussão sobre a cultura num terreno mais concreto de reflexão, o de patrimônio. Para quem pesquisa o contexto do patrimônio cultural de um lugar como Juazeiro do Norte, sem ir em busca de elementos seminais, pode acabar incorrendo em erros qualitativos e epistemológicos grandes.

Não se pode entender o patrimônio cultural de Juazeiro do Norte, apenas pelo recém-reinaugurado Museu Monsenhor Murilo, criado em janeiro de 2011, nem pela praça Pe. Cícero recém-reformada, em 2018 (a primeira versão data de 1911), nem a alameda também com o mesmo nome, pelo menos não apenas por esses espaços culturais. É preciso andar e muitas vezes voltar ao passado, caminhando nos dias atuais por entre os romeiros e suas práticas religiosas/profanas/populares. É preciso conhecer o caminho feito pelo romeiro protagonista ainda no século XIX e que hoje, em pleno século XXI, esse caminho de passos tão longos está com seu fluxo mais ativo

do que nunca.

O objeto central é o “patrimônio imaterial” ou intangível. Gonçalves (2003, p. 26) vai dizer “que estamos diante de uma categoria de pensamento extremamente importante para vida social e mental de qualquer coletividade humana. Sua importância não se restringe às modernas sociedades ocidentais”.

A perspectiva de Marcel Mauss de conceber o patrimônio como fato social total, chama atenção de que:

Existe aí um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas — até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais — estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo —; econômicas — estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição —; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (MAUSS, 2003, p. 187).

Da genialidade maussiana me volto para o entendimento mais contemporâneo da noção de patrimônio cultural imaterial, pode-se entender que materialidade e espírito não se confundem, nem se separam, são complementares, ou seja, se existe a materialidade do bem como cultura, essa é resultado de um saber e fazer que “por sua vez, são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos” Gonçalves (2003, p. 27). O que seria mais importante para essa análise, se não considerar como o patrimônio imaterial do Juazeiro do Norte a romaria feita pelo próprio romeiro, como o protagonismo do grupo dos oito? A resposta a essa hipótese pode ser considerada como um esforço e preocupação da seara antropológica pela salvaguarda da romaria e do seu ator social, o romeiro.

Conceituando ainda esses “fenômenos sociais” como sendo os saberes e os fazeres das mais diversas manifestações nas romarias e seu

catolicismo popular, me reservo no aprofundamento desse intento, onde posteriormente retorno a refletir sobre a complementaridade existente quando esses saberes e fazeres se materializam em forma de uma cultura alagoana dentro da cultura religiosa popular: o guerreiro (folgado) de Carminha de Coqueiro Seco e D. Dalva de Maceió que dançam no pátio da Basílica de Nossa Senhora das Dores e integram o grupo de romeiros de Alagoas, o adeus do chapéu, *performance* em uma sinergia entre o corpo dos romeiros e o chapéu de palha na capela do Socorro em Juazeiro do Norte, a missa campal, os integrantes de religiões de matriz africana que também estão no ônibus que veio de Maceió até Juazeiro. O próprio ritual de peregrinação e visita ao túmulo de Pe. Cícero e todos os seus elementos onde “se a noção de espírito nos parece ligada à de propriedade, inversamente esta se liga àquela. Propriedade e força são dois termos inseparáveis; propriedade e espírito se confundem.” (MAUSS, 1974, p.133 *apud* GONGALVES, 2003, p. 27).

Esse saber e fazer respectivamente existem e são pungentes durante as romarias, resta no entanto, e no campo da análise antropológica/etnográfica, se esses exemplos de patrimônios vivos precisam serem vistos como patrimônio que o são, mas com um caráter normatizado. O romeiro alagoano é o principal elemento dessa imaterialidade. Conceitualmente, pode-se entender o bem ou o patrimônio imaterial como:

[...] uma nova qualificação: o “patrimônio imaterial” ou “intangível”. Opondo-se ao chamado “patrimônio de pedra e cal”, aquela concepção visa a aspectos da vida social e cultural dificilmente abrangidos pelas concepções mais tradicionais. Nessa categoria estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideias e valorativos dessas formas de vida. Diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento dos bens listados nesse patrimônio. A proposta existe no sentido de registrar essas práticas e representações e acompanhá-

las para verificar sua permanência e suas transformações.  
(GONÇALVES, 2003, p.28).

Por esse motivo conceitual, nos últimos tempos, é crescente o interesse do fazer antropológico no âmbito dessa categoria de patrimônio “imaterial”. Com isso, tanto o campo dessa categoria tem se ampliado, como é cada vez mais atuante a presença de antropólogos nessa seara. Juazeiro é exemplo dessa atuação onde desde a década de 1960, antropólogos<sup>101</sup> seguem os tão longos passos.

Tanto é assim que foi necessário, nos discursos contemporâneos, criar a categoria do “imaterial” ou do “intangível” para designar aquelas modalidades de patrimônio que escapariam de uma definição convencional limitada a monumentos, prédios, espaços urbanos, objetos, etc. (GONGALVES, 2005, p. 21).

Esse crescente interesse que se traduz em uma necessidade, inclusive institucional, pela eminência de uma hermenêutica, da presença do antropólogo antes, durante e depois desse processo de amplitude da categoria de patrimônio cultural, se dá porque de certo modo, essa noção expressa a moderna concepção antropológica de cultura, na qual a ênfase está nas relações sociais, ou nas relações simbólicas, mas não especificamente nos objetos materiais e nas técnicas.

Aqui existe uma particularidade que revela essa necessidade, assim como Turner lembra que as produções antropológicas despertam interesse de estudiosos de várias áreas, o expediente da imaterialidade não poderia estar em melhores mãos. Com isso, reitero a ação doromeiro (romaria), que antropológicamente falando, se traduz como um grande bem imaterial vivo da cultura religiosa nordestina, ultrapassando inclusive suas fronteiras demográficas.

---

<sup>101</sup> Ralph De La Cava – Antropólogo e historiador norte-americano, Arthur Peregrino – Católica de Recife, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros – UFRJ/UERJ, Siloé Soares de Amorim – UFAL e Fagner Andrade UFPE.

Retomando a análise dos saberes e fazeres enquanto “fenômenos sociais” é importante considerar de que não há como falar em patrimônio sem falar de sua dimensão material.

Lebrando que o foco aqui é o patrimônio do Juazeiro como sendo a romaria enquanto bem imaterial, porque muito se trabalha com a memória, imagem, simbologia, semiótica, oralidade de tudo que produz o romeiro do grupo dos oito enquanto cultura. Como entender essa afirmação que nos parece tão ambígua? Não obstante ao que consideramos há alguns parágrafos, os mais de meio século de “cal e pedra”, ainda se opõem aos dezenove anos de intangibilidade que registra os saberes e fazeres e que felizmente, embora ainda não como uma unanimidade, tem numa parcela significativa do fazer antropológico, o amparo e até um ativismo em prol de sua manutenção, desenvolvimento e sustentabilidade.

Quebrar antigos paradigmas como de onde se originou, temporalidade, rebuscamento que muito se enalteceu, para a antropologia desde o século XIX não caracteriza-se mais como requisitos primários ou necessários para o patrimônio material como extensão de sua imaterialidade intangível.

Nesse tocante, podemos considerar a viagem dos locais de partida até o Juazeiro, o uso do chapéu de palha, a peregrinação pelo horto, a pedra do joelho, as pedras do pecado, as capelas do Santo Sepulcro, do Socorro, as Ruas São Pedro, São José e a Av. Pe. Cícero com todos os seus ranchos, lojas de santos, cafés da manhã e almoço, as salas de ex-votos, entre outros elementos que consituem as romarias.

Agora, imagine o Juazeiro do Norte sem as romarias, sem o romeiro desde os primeiros 3000 a partir de 1889, será que existiria? Ou ao menos Pe. Cícero?

A partir do olhar de todos nós<sup>102</sup> “nativos”, saber e fazer está indissociável de sua categoria material.

Sendo assim, posso considerar insistentemente, o que seria do Juazeiro do Norte, sem as romarias e as romarias sem o romeiro, de

---

<sup>102</sup> Romeiros protagonistas, nativos, pesquisadores.



Alagoas principalmente.

Aqui está posto que o bem imaterial enquanto saber e fazer se materializa na romaria. Gonçalves observa (2005, p. 22):

Objetos sempre implicam usos determinados do corpo. Afinal, pergunta Marcel Mauss: o que é um objeto se ele não é manuseado? Objetos materiais e técnicas corporais, por sua vez, não precisam ser necessariamente entendidos como simples “suportes” da vida social e cultural (como tendem a ser concebidos em boa parte da produção antropológica). Mas podem ser pensados, em sua forma e materialidade, como a própria substância dessa vida social e cultural.

É por essa “substância” de vida social cultural que se faz o patrimônio cultural do Juazeiro a partir da fusão romeiro, beatos e o padrinho, componentes do imaterial com o material.

Gonçalves (2005, p. 23):

Muitos estudos enfatizam corretamente o fato de que os objetos fazem parte de um sistema de pensamento, de um sistema simbólico, mas deixam em segundo plano o fato de que eles existem na medida em que são usados por meio de determinadas “técnicas corporais” em situações sociais e existenciais (e não apenas em termos conceituais e abstratos).

Como registro etnográfico que tão bem emblema o estudo sobre a imaterialidade e a materialidade, destaco:

A fim de tornar esse ponto mais preciso, talvez seja útil trazer aqui a análise que Luis da Câmara Cascudo desenvolve sobre o objeto desse seu já citado estudo etnográfico: a “rede de dormir”. Enquanto um objeto material, a rede é indissociável de relações sociais, morais, mágico religiosas, existindo, portanto enquanto parte indissociável de totalidades cósmicas e sociais. Mais precisamente, ela desempenha um papel fundamental no processo de mediação sensível entre as diversas oposições que compõem essas totalidades. (GONÇALVES, 2005, p.23).

Câmara Cascudo, em sua magna etnografia, enfatiza que a imaterialidade não está dissociada da materialidade, a segunda é uma extensão da primeira; nesse caso, o saber ancestral do romeiro que é imaterial, se complementa e se materializa no fazer das romarias. Podendo ser observado no ritual de peregrinação e visita ao túmulo de Pe. Cícero e dentro dos micro-rituais que alimentam todo o processo.

Existe uma questão pontual sobre o que já expus nessa escrita. Essa ancestralidade do romeiro não se trata de uma obrigatoriedade em detrimento aos outros que fizeram o caminho, está muito mais ligada porque os de hoje assim também são romeiros.

Essa ideia de complementariedade dos saberes e dos fazeres em rituais, *performances*, embora seja ponto de discussões na própria antropologia, é legitimada pela dinâmica dos acontecimentos e por influência da holística presente nessa ciência e do conceito de cultura numa perspectiva também antropológica.

Esse comportamento pressupõe a nomeação dessa nova prática: intangível e imaterial são as palavras que parecem denotar esse tipo de patrimônio não materializável em edifícios, mobiliários, instrumentos e objetos. Mas, não denotam! Enfim, a ideia de “imaterialidade” nas culturas, liga-se umbilicalmente ao conceito antropológico de cultura: algo de caráter desmaterializado e de uma dinâmica complexa, posto que vinculado ao processo das relações sociais e simbólicas. (MENEZES, 2009, p.21).

Aqui se denota como o saber e o fazer antropológicos estão ligados aos saberes e fazeres culturais enquanto conceituação de patrimônio, a dimensão alterizada a serviço da comunalidade, uma vez “que ampliou-se, também, a política patrimonial de conservação e de administração do que foi produzido no passado, os usos sociais que relacionam esses bens com as necessidades contemporâneas da maioria” Canclini (1994, p. 96).

Aqui se prima pelo mantimento e valorização daquilo que é mais caro para a antropologia simbólica e da religião, que é a imaterialidade

da cultura no conhecimento, prática e acúmulo desse capital popular religioso tão relevante para sociedade nordestina ou como mesmo se refere Guimarães (2011) a “nação romeira” que é a romaria.

É inegável e legítimo afirmar que nos últimos anos o mundo vem passando por transformações cada vez mais rápidas e voláteis e, assim, a cultura acompanha essa dinâmica. Desde o advento da globalização, variados e inúmeros usos do patrimônio imaterial - que assim o é como resposta também a essas mudanças - vêm sendo adotados pelas novas tecnologias no que diz respeito à sua propagação e difusão, pela indústria cultural e, principalmente, pelo turismo (aqui o entendamos como uma atividade mercantilista) e que será a atividade turística que norteará algumas linhas dessa análise argumentativa.

Saliento como antropólogo e turismólogo há mais de nove anos, que não é minha intenção aqui descaracterizar ou levantar muralhas epistemológicas acerca do turismo, minha análise vai tão somente apresentar o turismo enquanto “atividade” provedora de bens e de serviços, vista hoje como seu campo de atuação, como também apontar sugestões para que essa mesma atividade seja observada a partir de uma perspectiva fenomenológica, humana e sócial dentro do contexto religioso popular.

Se for verdadeira e concreta essa constatação de que nos processos urbanos, através principalmente do turismo como atividade mercantilista e predatória, a utilização do patrimônio imaterial representam uma dicotomia entre os usos e os significados, é igualmente inegável a necessidade de um olhar analítico, e por que não dizer antropológico, acerca dessas práticas seus resultados.

Sobre a exploração do patrimônio através da atividade turística, podemos considerar analiticamente uma preocupação muito recorrente sobre a ocupação turística em locais sacralizados pelo romeiro, que envolvem tantos os patrimônios materiais quanto os muitos saberes e fazeres relacionados com aquela materialidade. A atividade turística com seu caráter eminentemente econômico tende a considerar, em muitos casos ou quase sempre, aspectos hegemônicos ou delimitadores sociológicos sobre o patrimônio, entendendo-o por um viés de classe,

por exemplo, restringindo assim seu espectro sociologicamente falando, como sendo um dos tentáculos do Octopus:

O patrimônio cultural será, assim, como recurso para produzir as diferenças entre os grupos sociais e a hegemonia dos que gozam de um acesso preferencial à produção e distribuição dos bens. Os setores dominantes não só definem quais bens são superiores e merecem ser conservados, mas também dispõem dos meios econômicos e intelectuais, tempo de trabalho e de ócio, para imprimir a esses bens mais qualidade e refinamento. (CANCLINI, 1994, p. 97).

Esse reducionismo social apresenta-se não apenas como uma clara divisão de classes, mesmo em lugares com políticas públicas<sup>103</sup> voltadas para o patrimônio, pois não é suficiente considerar o patrimônio como “sacralizado” se não resulta como algo que unifique ou ressignifique valores para todas as classes.

Há de se considerar uma “unificação”, por exemplo, se tratarmos aqui de patrimônios ligados ao sentido de sacralidade, de congregamento, em torno de “sentimentos de pertencimento comuns a todos” Canani (2005, p. 169) como é o caso das romarias e dos lugares de peregrinação em Juazeiro do Norte, contudo a ação da atividade turística pode até gerar unificações e ressignificações, contudo as “qualidades” e o “refinamento” estigmatizados pelos setores dominantes (aqui o turismo) terminam por excluir inúmeras classes. Aqui se faz necessário reafirmar até que ponto a atividade turística pode atuar diretamente dentro das romarias, assim como num possível gerenciamento de espaços construídos e usados pelos romeiros.

Para se ter uma noção exata do que escrevo, tomo como exemplo o Memorial Padre Cícero na praça do Socorro, um complexo criado com a finalidade de museu e biblioteca que guarda muito da história de Juazeiro, que é a “história” dos romeiros, beatas e beatos e do Pe.

---

<sup>103</sup> Aquilo que o Estado decide ou não fazer em prol da sociedade. Não se observa em Juazeiro do Norte uma política pública significativa em relação aos bens materiais, nem tão pouco pelos bens imateriais.

Cicero. Como todo museu, possui uma sistemática de horários, uma sinalização e sistematização toda própria dos museus, além de todo o acervo estar por trás de espessas redomas e expositores de vidro, o que nitidamente afasta os romeiros, pois tudo vai de encontro à sua espontaneidade e corporalidade. Além dos mesmos não reconhecerem o acervo como sendo legítimo e pertencente ao padrinho pois não podem tocá-lo. Importante aqui uma análise crítica dessa intransigência estatal e como elemento transformador de uma realidade, sugiro que a antropologia possa sair em defesa desse patrimônio material mais sustentável e o imaterial e humano que são a romaria e o romeiro.

Com isso, temos Brusandin; Silva (2012, p. 80):

A relação dicotômica existente entre a memória coletiva e a sua mercantilização, que vem ocorrendo no mundo contemporâneo, se deve muito à chamada indústria do turismo, que transformando certas localidades em produtos de consumo massificado causam dificuldades de interpretação do patrimônio pelo visitante e a exclusão de grande parcela da população local do trade turístico.

O turismo enquanto atividade mercantilista tende a gerar certas ambiguidades em relação aos usos do patrimônio seja ele material ou imaterial. Essa constatação me inquieta e me leva ao campo antropológico como dimensão possível de um debate para apontar talvez caminhos mais holísticos para usos mais sustentáveis desse patrimônio por parte do turismo.

Analisar o turismo não apenas como atividade ou indústria mercantilista, mas como um fenômeno humano e social, é trazer para o prisma da antropologia, um horizonte mais ampliado e um sentido de desenvolvimento mais adequado.

Sachs aponta que o desenvolvimento sustentável deve ser implementado por uma metodologia de planejamento, como sendo um espaço de aprendizado social, equidistante tanto da tradição tecnicista quanto da assembleísta, e materializando-se sobre uma síntese pedagógica. (BENI, 2003, p. 10).

Em se tratando do patrimônio, esse desenvolvimento sustentável deve partir naturalmente do Estado enquanto aplicabilidade de políticas públicas mais eficazes e capazes de um equilíbrio entre turismo, patrimônio e sociedade. Levando em consideração que em relação a Juazeiro do Norte, tudo deve passar pelo entendimento do romeiro que é o construtor da mística.

Beni observa também que (2003, p. 10):

É nesta ótica que o planejamento oferece um novo modelo para políticas governamentais, com estratégias concretas de intervenção corretivas baseadas nos postulados interdependentes de eficiência econômica, equidade social e prudência ecológica, e um novo critério de racionalidade social com base na crítica ao efeito de externalização de custos socioambientais, exercido pelo modelo puramente econômico, sobretudo quando este planejamento é participativo, com atores sociais, agentes e reagentes, com uma visão contratual com o meio ambiente.

Envolver as partes no planejamento do patrimônio, mesmo que o critério técnico e normativo pese na decisão final, é considerar que somente se captando a sonoridade popular é que se pode garantir uma maior eficácia do planejamento de um turismo sustentável e enquanto fenômeno que tem uma responsabilidade humana e social muito significativa se aplicado dentro de moldes sustentáveis, conforme considera ainda Beni (2003, p. 10):

O planejamento participativo recupera a participação social da sociedade, de modo que o cidadão contribua na elaboração das eco estratégias desde a informação até a execução da ação proposta, transformando a sociedade civil num terceiro sistema à medida que toma consciência de si mesma e começa a interpelar-se e a conhecer-se.

Considerar um turismo sustentável é, ao mesmo tempo, dotá-lo de uma abrangência humanística e social que atenda aos anseios, de forma a equilibrar o turismo, o patrimônio e a sociedade. Tal intento é

possível se considerarmos:

[...] algumas dimensões de sustentabilidade, conforme as ideias de Sachs no seu trabalho mais recente:

1 - Sustentabilidade Social: é a criação de um processo de desenvolvimento civilizatório baseado no ser e que seja sustentado por uma maior equidade na distribuição do ter, nos direitos e nas condições das amplas massas da população, e achatar a distância entre os padrões de vida dos mais ricos e mais pobres. 2 - Sustentabilidade Econômica: possibilita uma melhor alocação e gestão mais eficiente dos recursos e por um fluxo regular do investimento público e privado. Esta eficiência é macrossocial, reduzindo os custos sociais e ambientais, bem diferente da lógica economicista. 3 - Sustentabilidade Ecológica: incrementa o aumento da capacidade de recursos naturais, limitando os recursos não- renováveis ou ambientalmente prejudiciais, reduzindo o volume de poluição, autolimitando o consumo material pelas camadas sociais mais privilegiadas, intensificando a pesquisa de tecnologias limpas e definindo regras para uma adequada proteção ambiental. 4 - Sustentabilidade Espacial: é aquela voltada a uma configuração rural urbana mais equilibrada com ênfase nas seguintes questões: concentração excessiva nas áreas urbanas, processos de colonização descontrolados, promoção de projetos modernos de agricultura regenerativa e agro florestamento, industrialização centralizada, criação de empregos rurais não agrícolas, e o estabelecimento de uma rede de reservas naturais e de biosfera para proteger a biodiversidade. 5 - Sustentabilidade Cultural: engloba as raízes endógenas dos modelos de modernização e dos sistemas rurais integrados de produção, respeitando a continuidade das tradições culturais, e até mesmo a pluralidade das soluções particulares. 6 - Sustentabilidade Política: privilegia a negociação da diversidade de interesses envolvidos em questões fundamentais desde o âmbito local ao global. (BENI, 2003, p.11 *apud* SACHS, 2000).

Aqui estando, a partir das dimensões apontadas por Sachs (2000), um conjunto de sugestão que de forma muito perene dialogam com a nossa ciência na visão do além-mar para novos horizontes e

novas possibilidades. Muito se avançou nesse sentido e um movimento gradual vem sendo percebido, sobretudo com a participação de antropólogos. Sobre essa participação cada vez mais pontual de antropólogos no âmbito do reconhecimento e da normatização do patrimônio em seus saberes e fazeres pode-se dizer que foi decisiva, uma vez que o conceito de imaterialidade se origina no conceito antropológico de cultura e em ações propostas por antropólogos.

Do mesmo modo – e este dado me parece muito significativo –, o conceito antropológico de cultura vem atravessando diferentes segmentos sociais. E eu diria mesmo que com uma velocidade impressionante. A noção de que as culturas devem ser valorizadas em suas singularidades tornou visível, no final do século XX, uma pluralidade de grupos e de interesses que até então permaneciam ou à margem da sociedade ou sobrevivendo sob a tutela do Estado. Ceramistas, capoeiristas, jongueiros, festeiros dos santos reis, carnavalescos, sambistas, artesãos, xilo gravuristas, enfim, artistas dos mais variados matizes, além de grupos religiosos, associações de folclore, comunidades diversas, grupos indígenas, vêm entrando no debate do patrimônio cultural de maneira firme e decisiva. (ABREU, 2007, p. 275).

A riqueza cultural revelada pelo pensamento antropológico permitiu que em nível de Estado, esses saberes e fazeres fossem reconhecidos, onde muito resultados poderão ser obtidos e muitos outros se encontram concluídos ou em plena fase de levantamento. Com efeito, a sonoridade popular alcança, a cada dia, níveis mais altos.

Novas formas de organização da sociedade civil, como as organizações não governamentais, ampliam as possibilidades de participação. Neste novo cenário, o Estado, seja nos âmbitos federal, estadual ou municipal, já não atua sozinho na identificação e na seleção dos bens culturais a serem protegidos, tombado ou valorizado. Cada vez mais, é preciso ouvir a sociedade civil, estabelecer parcerias, acordos, compromissos. (ABREU, 2007, p. 276).



Como pesquisador e ativista das questões culturais do nordeste, percebo que não existem ações mais eficazes em relação ao tombamento dos bens materiais que existem e são riquíssimos no Juazeiro, nem tão pouco sobre algum processo de registro das romarias como bem imaterial. Em setembro, numa ocasião, fiquei sabendo de uma das últimas edificações que estavam sendo ameaçadas de demolição, tratava-se de um casarão vizinho ao Museu Casa de Pe. Cícero. Alguns meses depois veio a notícia que o mesmo veio ao chão. Sobre os bens imateriais, Abreu, (2007, p. 279) destaca:

Entretanto, o surgimento de projetos de desenvolvimento sustentável a partir da adequação a potencialidades e a saberes tradicionais destes locais aponta para novas perspectivas. A expectativa é que nestes contextos sócios espaciais, experiências com o turismo possam converter-se em alternativas saudáveis e ecologicamente corretas, invertendo a tendência de depredação dos ambientes e garantindo que as populações não sejam retiradas de seus lugares de origem para cederem espaço para os veranistas.

Muitos foram os esforços nesse sentido e que atualmente estão sendo efetivados seguindo uma perspectiva sustentável aos olhos por exemplo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, que vêm trabalhando para que se possam confirmar. Segundo Abreu (2007, p. 282), “duas mudanças significativas: a organização da sociedade civil e a afirmação do conceito antropológico de cultura com a consequente naturalização da noção de diversidade cultural”.

No que tange esse expediente, ainda é importante considerar que cabe aos antropólogos que trabalham diretamente com o patrimônio cultural o papel de mediadores e de articuladores. O patrimônio Cultural do Juazeiro aqui analisado a partir da etnografia indica sua riqueza e sua diversidade, seja na sua imaterialidade, ou, na sua materialidade. Enquanto antropólogo e historiador tentarei contribuir em defesa do patrimônio cultural do Juazeiro do Norte. Não seria exagero considerar o antropólogo como um incansável ativista das questões patrimoniais,

culturais, do intangível, o que o coloca numa posição privilegiada e, ao mesmo tempo, desafiadora no campo da humanidade.

Talvez o antropólogo seja capaz de afirmar um ponto de vista para além das disputas de interesses específicos. O conceito antropológico de cultura tal como nos foi legado pelos pais fundadores da Antropologia não é desprovido de humanismo. Ao formular a ideia de diversidade cultural, é preciso levar em conta o substrato que a ancora: as culturas são diversas enquanto expressões da unidade da espécie humana. É preciso, pois, ficar atento para esta dimensão primeira, embora nem sempre explicitada, do patrimônio cultural: a dimensão de humanidade. Eu iria ainda mais longe: é preciso ficar atento para a dimensão que constitui a própria razão de ser da ideia de ciência: a dimensão da vida. Arrisco dizer que, neste início de milênio, o lugar do antropólogo se inscreve enquanto guardião dos tesouros da humanidade, das aquisições universais do pensamento e do desabrochar da vida. (ABREU, 2007, p. 284).

Sobre os espaços “falarem”, nessa afirmação, está a semiótica do romeiro reconhecendo esses espaços como patrimônios culturais e suas variadas categorias que constituem os pilares indispensáveis da minha área de pesquisa atualmente que são as romarias nas suas práticas culturais, imagem e memória.

Essa semiótica é sempre analisada na perspectiva do patrimônio cultural na ótica romeira, como a atribuição de valor de determinados bens, objetos e processos dados pelo romeiro, que produzem significados nos diferentes contextos onde ocorrem, com especial foco em que são constituídos significados do ponto de vista de herança, da sacralidade do patrimônio e da dimensão de poder envolvida no processo.

Considero o resultado da significação do reconhecimento patrimonial, a partir da análise de diferentes categorias pelos romeiros, enquanto agentes atuantes, envolvidos/construtores/partícipes com o patrimônio e que constroem novos significados, dando sentido ao mundo ao seu redor.

Canani (2005) destaca a dimensão simbólica que está presente no processo de pertencimento que no caso de sua etnografia, os nativos que pesquisa, absorvem o conceito onde a propriedade de espaços elegidos assumem um sentido como patrimônio ou herança familiar. Sua análise destaca, ainda, a interdisciplinaridade que existe em torno do patrimônio enquanto conceito, uma vez que a autora une ao mesmo tempo outro complexo termo, o da cultura, que mesmo não sendo um tema contemporâneo, vem atraindo para a seara epistemológica várias disciplinas humanas e sociais mais precisamente.

Ao analisar a categoria patrimônio como herança, a autora retoma o conceito e o sentido inicial de uma ideia mais abrangente, imaterial que comunga mais, com o que chamou de patrimônio cultural. Etimologicamente falando, a análise da Canani (2005) aproxima o termo patrimônio à ideia de herança, ao analisar a estrutura das palavras HERITAGE (inglesa) e HERENCIA (espanhola) do sentido mais claro do que podemos entender como bem ou patrimônio imaterial.

Quando cita o antropólogo britânico Radcliffe- Brown (1898), traz o conceito de herança, como uma relação ainda limitada<sup>104</sup> quando trata dessa relação social entre membros familiares, de pai para filho, avós e netos, na forma de bens (propriedade) ou práticas (*status* social). No contexto “primitivo”, no texto de Canani, e para mim, no contexto romeiro, essa relação se dava mais no âmbito da transmissão de um *status* social, me levando a refletir que essa herança, seja mais abstrata, em que o sucessor assume o lugar do outro nos fazeres, autoridade, funções, em se tratando de Juazeiro do Norte, devoção, romaria, ritual, etc.

Na sociedade contemporânea, a ideia de patrimônio também está ligada à questão do parentesco, todavia, no sentido mais materialista quando se evidencia na pesquisa da autora. Sobre a ideia de herança (contemporânea) como propriedade, se vê que essa sucessão se dá de forma diferente entre o grupo social familiar, quando se ver atribuída uma lógica nessa transmissão de acordo com o papel social do

---

<sup>104</sup> (Parentesco consanguíneo)

indivíduo, o que podemos supor que para o seu entendimento, revela-se também o sentido do que melhor irá suprir as necessidades desses indivíduos.

No entanto, essa lógica que vou chamar de modelo, está em muito impregnada de convenções sociais culturais contemporâneas, em que o sexo dos indivíduos e seu achar conveniente, claramente sistematizaram o inventário delegando a cada parte o que essas convenções pré ou estabelecem por completo.

Contudo, a análise primordial aqui, é o valor simbólico do patrimônio que discorda da teoria da relação direta do parentesco levantada por Radcliffe-Brown (1898). Nesse caso agora analisado pela autora, não são as relações consanguíneas que prevalecem, mas as afinidades das relações entre pessoas que garantem a continuidade de uma herança muito mais imaterial e intangível, pois se dá através da comunalidade, possibilitando assim que essa herança seja transmitida por e para indivíduos pertencentes aos mais variados grupos. Os romeiros, em sua prática, recebem e repassam essa herança cultural desde 1889.

A ideia de afinidades que reforçam essa adaptabilidade e que ordena as relações sociais só é reforçada na referência feita a LEACH (1996) trazendo sua teoria inovadora, quando dá mais importância às relações de afinidades e a partir disso, a construção das relações culturais como a ideia de herança e patrimônio cultural imaterial. O que se conclui como resultados de novas possibilidades de transmissão de herança, havendo momentos em que essa transmissão se daria por conveniência (a partir da relação de afetividade) e não necessariamente de forma apenas direta ou consanguínea. Quanto à sacralidade do patrimônio, pode ser visto a partir de duas vertentes, salientando primeiramente que a operação do processo que atribui valor e significado executado pelo Estado que se coloca como agente externo ao patrimônio objeto das políticas públicas entendido como um atributo, um sentido de sacralidade e de certo carisma sobre esses bens (posteriormente, se obtém a intencionalidade que leva o estado atribuir essa pertença de patrimônio em prol de uma coletividade). A segunda

vertente e a que interessa, é aquilo que o romeiro elege ou não como sacralizado a partir da construção da relação romeiros, beatos e Pe. Cícero.

Para desenvolver esse sentido de sacralidade e mais precisamente o de carisma, encontra-se no texto de Shils (1974, p. 392) que observa: “existe na sociedade uma disposição generalizada para atribuir propriedades carismáticas às funções, instituições, símbolos e estratos agregados de pessoas vulgares e seculares”. Aqui o autor, numa perspectiva mais englobante, vendo o carisma como fenômeno em funcionamento nas instituições não eclesiais, operando na sociedade apartada de crenças e dogmas tradicionais religiosos, contrasta com MAX WEBER (2002), o que se leva a entender a utilização do conceito de carisma para o âmbito da construção do patrimônio por parte do Estado, através de suas políticas públicas personificando um valor simbólico (cultural) identificado e compartilhado pelas relações sociais como um reconhecimento desse patrimônio normatizado como sagrado.

Essa análise é interessante no contexto dessa pesquisa, pelo fato de constatar que dentro do universo das romarias o entendimento é inverso em relação aos pontos de ressonância dessas “propriedades carismáticas”, isso se atesta pelo método da observação participante na prática de campo. No Juazeiro, essa agregação se concentra na figura de Pe. Cícero, onde todo o carisma e centralidade da tradição das romarias foram construídos a partir do popular, a partir do protagonismo de beatos e beatas, das levadas de romeiros, sendo alimentada pelo fluxo contemporâneo, atual e mantido por ele.

Onde esse sentido de um “nacionalismo” em criar símbolos ou marcos normatizados, que gerassem um sentimento a partir de iniciativas institucionais romanizadas eclesiais ou pela ação de gestões, não se encontrou a ressonância esperada por parte do romeiro que reconhece ou não aquilo que faz parte de sua história com o seu padrinho.

Tais manifestações carismáticas, lendo o diálogo de Shils e Weber no entendimento da autora, podem estar presentes também em

personalidades individuais (WEBER), mas pode vir a residir em graus variados de intensidade, em instituições – nas qualidades, normas e crenças que seus membros são supostos abraçar ou que se espera que possuam. (Shilis) – nos remeteu aos “fatos sociais” que Gonçalves (2003) cita em seu texto.

O Estado, independente de dogmas e influências religiosas, sendo centralizado, atua no sentido de “congregar” seu povo (intencionalidade) a partir de um pertencimento comum a todos, cita Canani, trazendo o efeito semelhante aos “laços primordiais” do antropólogo norte americano Clifford Geertz (1979). No entendimento, esses laços são vitais para a vida do homem e podem ser operacionalizados pelo Estado. Aqui posso dizer que não se trata de haver uma total inexistência de ações institucionais secundárias. É uma linha muito tênue que é preciso ultrapassar e chegar até à dimensão alterizada através do convívio na comunialidade do romeiro.

Concluo, então, que o real sentido que faz o Estado operar na atribuição carismática, construindo significados com o propósito de engendrar sentimentos no povo, não se aplica como regra ou centralidade embora haja tentativas para tal.

Acerca da constituição do patrimônio cultural do Juazeiro propriamente dito, que também é histórico, conceituo o que Canani (2005) chamou de “objetos carismáticos” como sendo os sentimentos nacionalistas, a partir do surgimento das políticas públicas que constituem em patrimônio histórico e cultural. Em Juazeiro se percebe espaços que concentram mais e podem ser classificados como sendo carismáticos. Como exemplo desses espaços destaco: Capela do Socorro, administrada pelos Diocesanos; Museu Casa do Pe. Cícero, administrado pela Prefeitura e o Caminho do Santo Sepulcro, administrado pelos Salesianos. Três espaços diferentes que possuem mediação e administração distintas. Contudo, são reconhecidos pelo romeiro a partir de sua construção e mística.

Com isso, pode-se dizer; empregando os termos do sociólogo Edward Shils (1974) que todos os objetos e objetivos das políticas públicas de constituição do patrimônio são partilhadas do centro,

entorno onde ocorrem as ressignificações mais latentes e de onde se originam tais políticas, que se difundem pela sociedade com seu caráter de sacralidade desenvolvido no corpo desse texto. Todavia nem sempre essa sacralidade normativa estatal é reconhecida socialmente falando, como se nota em Juazeiro do Norte.

Antropologicamente, no âmbito das romarias e mais especificamente no processo ritual da romaria do dia 20 de julho, as políticas públicas devem se voltar para as ruas, para a subida do horto, para a peregrinação e andar do romeiro, que não são metafóricos, pelo contrário, são verdadeiros e existem há muito tempo. Não com intuito de emoldurar, conter, colocar os saberes e fazeres em redomas ou exposições estáticas. Mas como defensoras dos que são responsáveis pelo que foi, é e, pode-se dizer, continuará sendo o Juazeiro do Norte como grande centro de saber humano/social tendo como seu maior patrimônio no âmbito imaterial a romaria que na sua prática produz a sua complementariedade que é o patrimônio cultural material.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da simbologia, Mauss toma por empréstimo epistemológico um poema<sup>105</sup> escandinavo para sua clareira teórica, no qual faço agora uso de um trecho para iniciar minhas conclusões. Falando nesse “homem tão generoso e tão pródigo”, pode ser o romeiro, alagoano, o grupo dos oito. O “seu bem”, o Juazeiro do Norte, completando a “falta de adjetivo” posso substituir por “romaria”.

Escrever sobre o universo religioso de Juazeiro do Norte, sua rede social tão ampla, seus ciclos, sobre a ação ritual do grupo dos oito, é antes de tudo entender que existe uma estrutura densa, feita a partir de particularidades fiéis ao catolicismo popular. Essa escrita me coloca em posição confortável por ser no campo antropológico, possível tratar de áreas humanas e sociais de forma complexa e ao mesmo tempo

---

<sup>105</sup> Jamais encontrei homem tão generoso e tão pródigo em alimentar seus hóspedes que “receber não fosse recebido”, nem homem tão... (falta o adjetivo) de seu bem que receber em troca lhe fosse desagradável. (MAUSS, 2003, p.185).

específica, condição legada por Luiz Gonzaga de Mello (2015).

Analisando sua liminaridade durante o processo ritual, chegando a descrever a “*Communitas*” do romeiro que se evidencia na chegada ao túmulo do Pe. Cícero, entendendo-se como permanente na análise da semiótica do ritual que não finda com o encerramento das romarias. Nessa ordem, procurando entender para só depois escrever sobre seu processo.

Analisei o que leva Maria Regina, a “Maria da Xoxa” e outros protagonistas na sua exegese, operacionalidade e posição, ao viajarem de Alagoas até Juazeiro do Norte, no Ceará, o que chamo de uma cultura religiosa popular que ocupa uma posição vital, consciente e de coesão social, como é o processo ritual do movimento social chamado **romaria**, dinâmico e inovador, tendo o romeiro como protagonista responsável pela manutenção e continuidade desse movimento. A partir de uma ancestralidade cultural que contemporaneamente conserva sua tradição, observadas as transformações históricas, sociais e temporais, há mais de 130 anos ocorre de forma estrutural como todas as romarias existentes no Juazeiro do Norte e há mais de 80 anos com a romaria de morte do Pe. Cícero, que mais cresce nos últimos anos.

Essa cultura religiosa popular, observada tanto quantitativa como qualitativamente, que detém principalmente o romeiro alagoano como seu amalgama humano/social, se apoia no espírito do povo, a partir da ressonância produzida pela espontaneidade, que está ligada diretamente à ortopraxia de uma religiosidade popular tendo como viés cultural o catolicismo popular para o Juazeiro.

Essa ortopraxia da espontaneidade do romeiro configura uma rede social de alcance interno e externo como foi analisado nessa pesquisa, consistindo naquilo que chamei de Comunalidade no decorrer da etnografia, que são todos os fluxos, movimentos e relações diretas e indiretas produzidas pelo romeiro alagoano, sua interação com o sagrado, com os seus e sua convivência com outros grupos. Nesse tocante, é importante identificar um movimento itinerante nos últimos



anos que são as romarias sazonais, nos pólos emissivos <sup>106</sup>do romeiro, que nesses períodos não se concentram na grande rede Juazeiro do Norte.

Busquei o entendimento e respostas às questões relevantes do processo de formação do Juazeiro do Norte e a relação existente entre religião e desenvolvimento do município com a participação dos principais personagens, entre esses, alguns alagoanos.

Juazeiro “é um rio que flui das profundidades da alma coletiva, um mundo que se inventa a si – mesmo”<sup>107</sup>, formado por uma diversidade cultural cosmopolita que teve e continua tendo como principal agente o romeiro/citadino de origem alagoana. Se Juazeiro do Norte é um “rio”, o grupo dos oito e sua etnografia é fonte perene que alimenta seu afluente. A formação social, política e econômica da terra da “Mãe das Dores” não existiria ou no mínimo, não seria o que é sem a presença da religiosidade popular, ou mais precisamente, sem a presença do romeiro alagoano e suas romarias.

Mesmo sendo considerado, o Pe. Cícero, como o ícone concentrador do fenômeno Juazeiro do Norte, é na coletividade do romeiro que se apóia esse fato social total. Essa relação que até 1934 era operativa e após a morte do sacerdote, passa a ser simbólica/memorial/oral. Mas não menos intensa e densa, posso equipará-la numa perspectiva maussiana como exemplo de uma relação de “prestações totais”<sup>108</sup>. Na voz do romeiro, Juazeiro é a “terra sem males”, “sem dores”, “das curas”, “dos encontros e reencontros”. Por essa condição “salvífica” na ótica do romeiro, é que ele se entrega numa “obrigatoriedade” de sua presença cíclica/permanente/fixa seja indo, vindo ou se estabelecendo em Juazeiro do Norte.

---

<sup>106</sup> Municípios nordestinos e principalmente alagoanos onde os romeiros residem e que passam a ser em períodos sazonais locais de romarias do Juazeiro.

<sup>107</sup> GUIMARÃES, Dra. Ir. Ana Teresa e Dra. Ir. DUMOULIN, Annette. Romeiros/as e romarias em Juazeiro do Norte protagonismo de uma liturgia popular uma visão antropológica. Revista de Cultura teológica- v. 17 - n. 67 - abr./Jun2009.

<sup>108</sup> Que é o entendimento da troca dessa relação aparentemente voluntária e objetivamente necessária – Potlach. Mauss (p. 191).

Assim como na dádiva de Mauss, a romaria é a razão moral e religiosa dessa “obrigação” que é tão aparente e latente em Juazeiro do Norte. A romaria é o próprio romeiro em Maria Regina, Carminha, Zé Izídio, Maria Rosângela, Nilzete, D. Luzinete, D. Zeza, Fau da Paripueira e tantos outros que personificam o processo ritual da romaria nos passos tão longos de pedra e areia.

Com isso, um dos pontos centrais dessa pesquisa foi retratar a romaria como ação/práxis humana e social que retribui tudo o que na sua voz, na sua experiência, o romeiro como pessoa e sociedade recebe em forma de renovação, recomeço, curas, conselhos, prosperidade e proteção da terra. Para ele é extensão de sua casa porque sua mística/história/existência são frutos de uma permanente revelação que é a de: “onde está o romeiro, ali está o Pe. Cícero”. A romaria é um ritual de passagem e necessita de uma iniciação.

O romeiro é espontâneo porque tem consciência do seu lugar no mundo e encontra em Juazeiro do Norte sua pertença onde ao mesmo tempo em que congrega, ele também interliga os pólos emissivos, configurando dessa forma, uma grande rede social que apresenta novas perspectivas como por exemplo, os movimentos itinerantes em cada pólo emissivo em que se faz um “Juazeiro do Norte”.

Ainda sobre esse “saber seu local no mundo”, a corporalidade romeira também foi analisada nessa escrita. Tudo o que se observa no Juazeiro, que tenha a ver com as romarias, parte de uma construção ancestral que se mantém dinâmica, processual e que se auto – inventa. Os elementos apresentados nessa pesquisa estão ligados ao que identifico como a construção romeira que mesmo ressignificada é mantida em sua tradição pelo romeiro alagoano, pelo grupo dos oito que se mantém fiel ao catolicismo popular em variadas vertentes de uma religiosidade popular dentro do arcabouço da cultura nordestina religiosa.

Escrevi sobre o entendimento de “embodiment” no contexto romeiro como sendo a “incorporação”, o empoderamento do corpo como agente humano/social, moral e religioso. Esse corpo como agente social, moral e religioso tem na sua prática, o mantimento da romaria.

Tendo como ponto inicial o grupo dos oito, seja desde sua arrumação para viagem, quando tudo é feito com muita expressividade, todo movimento do romeiro diz respeito ao encontro e reencontro. Assim, ele refaz a ornamentação de seu veículo que hoje muitas vezes é um utilitário de dois e até três andares, não esquecendo o andor que segue sempre na frente ao lado dos motoristas. Refaz o caminho de penitência e peregrinação, volta pelo horto e ainda dá as três voltas no cajado da estátua do Pe. Cicero com 27 metros, tendo antes passado pelas “pedras do pecado”.

Ele ainda, com seus passos longos, ocupa as praças, a Rua São Pedro, a Rua São José, ele está na Basílica, ele está na capela do Socorro a “conversar” com o “padrinho”, ele está no Juazeiro fomentando sempre a sua semiótica que dá significado a tudo que o cerca, uma vez que se trata de uma identidade particular. E o romeiro atualmente representado pelo grupo dos oito, desde 1889 até os dias de hoje, o próprio ator desses signos e seus aspectos culturais. Também no sentido de observar os elementos da etnografia dentro de um sistema de signos.

Sobre o patrimônio cultural do Juazeiro do Norte, escrevi a partir de uma análise teórica, histórica e etnográfica, o processo por onde passou o que se pode hoje considerar como bem patrimonial cultural. A investigação se debruçou na categoria de bem cultural imaterial.

Mesmo que a ideia de patrimônio imaterial seja nova, o saber romeiro há mais de um século existe. Essa categoria pode ser observada quando se analisa os ambientes que fazem parte de Juazeiro e os ambientes que são específicos das romarias. Pelo fato de serem reconhecidos pelo romeiro que sacraliza ou não esses ambientes. Chega-se ao entendimento de que o maior patrimônio do Juazeiro é a romaria e o próprio romeiro. Ela é viva e se mantém fiel às suas origens mesmo sendo os tempos outros. O que observei é que embora exista um entendimento nos discursos sociológicos e antropológicos sobre a sacralização e poder no esforço institucional de “agregar” uniformemente, na tentativa de padronização do sentido, de docilizar, em Juazeiro do Norte isso se dá de forma inversa. Mesmo que inúmeras

tentativas tenham sido feitas ao contrário, é o romeiro que identifica ou não espaços e elementos que fazem parte da semiótica dentro do que se entende por comunalidade.

Exemplo disso, é a praça Pe. Cícero, local que foi totalmente revitalizado e que hoje constitui um importante equipamento de lazer. A praça é bastante visitada pela população nativa, turistas principalmente, uma vez que concentra-se em seu entorno bares, restaurantes e ultimamente por treleres que invadem Juazeiro. O romeiro também visita o equipamento assiduamente, não é algo isolado a ele ou que não seja de seu conhecimento, afinal, o romeiro é cidadão, socializado, consumidor e importantíssimo para a subsistência desses equipamentos. O que é importante pontuar é que ele não sacraliza esse local com o sagrado, o ritual ou o familiar da relação ancestral, por exemplo. Nesse equipamento, existe uma estátua de Pe. Cícero toda em bronze, presente dado pela Associação Comercial, na época ao próprio sacerdote. A homenagem é vista como um ícone de significância civil e, portanto, é tida como um dos símbolos oficiais do município. Não para o romeiro.

Caminhando para o fim dessas considerações, constato como uma das grandes verdades dessa etnografia, a de que o movimento humano/social que se denomina **romaria**, na peregrinação do grupo dos oito em visita ao túmulo de Pe. Cícero Romão Batista, detém, nutre e materializa uma força motriz no campo social do Nordeste, tão vital que se pode dizer que um não existe sem o outro. Uma força que é alimentada por três pilares que como antropólogo e historiador classifico como: a ancestralidade cultural, a espontaneidade e a corporalidade do romeiro alagoano que etnografei e tantos outros que são os grandes agentes precursores, transitórios e contemporâneos dessa força.

Poeticamente e metaforicamente, as palavras do cineasta Rosemberg Cariry ao escrever “Juazeiro é um rio que flui das profundidades da alma coletiva, um mundo que se inventa a si mesmo” me inspiram também a escrever que como todo rio encontra o mar e todos os caminhos levam à Roma, os passos tão longos de pedra e areia

que existem desde o século XIX, continuam ainda hoje e que é das Alagoas os mais espontâneos através de uma corporalidade independente, consciente e que como agentes culturalmente constituídos fazem, com seu protagonismo, as romarias e o Juazeiro do Norte.

Esse livro tem como título, *Nos Passos Tão Longos de Pedra e Areia*. Esses passos não terminam por aqui, eles seguem adiante, porque nunca param, talvez e digo talvez, esses passos dados até aqui, inspirem outros passos, assim como inspiraram o antecessores, para que a figura do romeiro alagoano, nas pessoas de Maria Regina, Carminha, José Izídio, Maria Rosângela, Nilzete, D. Luzinete, D. Zéze, Fau da Paripueira e muitos outros possam se legitimarem e as romarias, como o maior bem imaterial, patrimônio cultural de Juazeiro do Norte.

## REFERÊNCIAS

ABREU, R. **“Tesouros humanos vivos’ ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural – notas sobre a experiência francesa de distinção do ‘Mestre da Arte’”**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, 320p.

ABREU, R. **“Patrimônio Cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva”**. In: Lima Filho, Manuel; Eckert, Cornélia; Beltrão, Jane (org). *Antropologia e Patrimônio Cultural – diálogos e desafios contemporâneos*, pp. 263-286.

ABREU, R; CHAGAS, M. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos** 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Lamparina. 2003. 318p.

AGIER, M. 2015. *Migrações, Descentramento e Cosmopolitismo: uma antropologia das fronteiras*. Maceió: EDUFAL, UNESP. (Cap. 4, 155-202).

AUGE, M. 2010. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL: UNESP (Prefácio, cap. 1 e 6, Pp. 7-26 e 95-104).

ALMEIDA, R. R. de; HOLANDA, C. R. **Memorial Padre Cícero e outras histórias** / Almeida, R.R.de, Holanda, C.R. — Nova Olinda - CE : Fundação Casa Grande Cariri, 2018. 132p.

AMORIM, S. **O desempenho da palavra cantada e a semântica do corpo num fragmento dança-ritual koiupanká**. Maceió – Alagoas: 2001.

AMORIM, S. The Pilgrims to Madrinha Dodô (Penitence and Pilgrimages). **Vibrant** n.9 – Dec. 2012.

BARRETO, F. M. de Sá .: **Padre Cícero** . 2ª Edição. São Paulo. Editora Loyola. 2002. BARROS, I. **Os Mitos do Sertão**. 1ª Edição. Maceió .AL.2011.

BARROS, L. O.C. **Juazeiro do Padre Cícero: A TERRA DA MÃE DE DEUS**. 2ª Edição. Fortaleza. Editora Imeph. 2008. 378p.

BENEDICT, R. 1887-1948 **Padrões de cultura** / Ruth Benedict tradução de Ricardo A. Rosenbusch. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. – (Coleção Antropologia) 255p.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 10ª Edição (atualizada). Editora SENAC. São Paulo. 1997.

BITTENCOURT, L. A Fotografia como Instrumento Etnográfico. **Anuário Antropológico/92**, Rio de Janeiro, 1994. p. 225-241 – Universidade de São Paulo – USP.

BOAS, F. **Os métodos da etnologia**. In Castro, C. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed.2004.

BLOCH, M. L. B, 1886 – 1944. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Prefácio. Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira. Lilia Moritz Schwarcz; Tradução. Andre Telles. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar. 2001. 159p.

BRAGA, A. M. da C. **Padre Cícero Sociologia de Padre Antropologia** de um Santo. Bauru. São Paulo. Editora EDUSC. 2008. 364p.

BRAGA, A. M. da C. A Subida do Horto: Ritual e Topografia Religiosa. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 15, n. 25, p. 197-214, jan./jun. 2014.

BRANDÃO, S.; MARQUES, L. C. L.; CABRAL, N. D. A. e MORAES, A. (Orgs.). **História das religiões no Brasil**: volume 5. Recife: Ed. Bagaço/Universitária da UFPE, 2010.

CAMPOS. R.B.C. **Como o Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(1): 146-175, 2008.

CANANI, A. Herança, Sacralidade e Poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil in **Horizontes Antropológicos**. Ano 11. Nº 23. Porto Alegre: UFRGS, pp. 163-175, jan/jun 2005, pp. 163-175.

CANCLINI, N. G. “O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional” in **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Cidade**. Nº 23. Brasília: IPHAN, 1994.

CAVA, R. D. **Milagre em Joazeiro** / Ralph Della Cava; tradução Maria Yedda Linhares. — 3a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CEZAR L. S. Filme etnográfico por David Macdougall. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 16, p. 179-188, 30 mar. 2008.

CORDEIRO. M.P.J. ENTRE CHEGADAS E PARTIDAS:  
**Dinâmicas das Romarias em Juazeiro Do Norte**. Fortaleza, 2010.242pp. Tese de Doutorado em Sociologia.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. *In: A experiência etnográfica*. 2. ed.

DANTAS, R. Entrevista concedida a Francisco Airton Bastos Silva Filho. Juazeiro do Norte, 8 set. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação].

DEMO, P. 1941. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3ª Ed. rev. e ampl. São Paulo. Editora Atlas. 1995. 293p.

DUMOULIN, A.; GUIMARÃES, A. T.; FORTI, M. do C. P. **Anais do III Simpósio Internacional sobre Padre Cícero do Juazeiro: e... quem é ele?** / Dumoulin, A., Guimarães, A.T., Forti, M.C.P. — Juazeiro do Norte: Banco do Nordeste, 2004. 286p.

DUMOULIN, A. **Padre Cícero – Santo dos Pobres, Santo da Igreja** / Annette Dumoulin. — São Paulo : Paulinas, 2017. 260p.

ECKERT, C.; ROCHA, A.L.C. da. **A preeminência da Imagem e do Imaginário nos Jogos da Memória Coletiva em Coleções Etnográficas**. ABA publicações, Rio Grande do Sul, 2015. p. 101-116 – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

FLORES-PEREIRA, M.T.; DAVEL, E.; ALMEIDA, D.D. de. Cad. **EBAPE.BR**, v. 15, nº 2, Artigo 1, Rio de Janeiro, Abr./Jun .2017. 194-208 Cad. **EBAPE.BR**, v. 15, nº 2, Artigo 1, Rio de Janeiro, Abr./Jun. 2017.



FOUCAULT, M. 1987 [1975]. “Os corpos dóceis” em Vigiar e punir. **História da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes.

GEERTZ, C. 2008. “Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura”. *In: A Interpretação da Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editoriais, 2008.

GEERTZ, C. “Do ponto de vista do nativo: a natureza do entendimento antropológico” *In: O Saber Local*. Rio de Janeiro: Vozes.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo. Editora Atlas. 2008. 199 p.

GOMES, A. D. AOS SONS DOS BENDITOS: UMA LITURGIA DA SAÍDA E DO ENCONTRO. **Tear Online** | São Leopoldo | v. 6 n. 2 | p. 79-89 | jul.-dez. 2017.

GOHN, M. da G. 500 ANOS DE LUTAS SOCIAIS NO BRASIL: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Rev. Mediações**, Londrina, jan./jun. 2000. p. 16

GOLDMAN, M. 1985. A construção ritual da pessoa: a possessão no Candomblé. *Religião e sociedade*12(1): 22-54.

GOLDMAN, M. Formas do saber e modos de ser. Observações sobre multiplicidade e ontologia no candomblé. *Religião e sociedade*, 25(2):102-120.

GONÇALVES, J. R. S. “O Patrimônio como Categoria de Pensamento” *In* ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.) **Memória e Patrimônio. – ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, 320p.

GONÇALVES, J. R. S. **“Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio”**.

Horizontes Antropológicos, vol. 11, n. 23, Porto Alegre, ano 11, n. 23, 2005, pp. 15-36.

GONÇALVES, J. R. S. Edward Sapir: Forma Cultural e Experiência Indivíduo. **Sociologia&Antropologia** . 02(04):25-33, 2012.

GUIMARAES; DUMOULIN. **O Padre Cícero : por ele mesmo**. Editora. Vozes, 1983. 157p.

GUIMARÃES, Ana T.; DUMOULIN, A. Romeiros/as e romarias em Juazeiro do Norte protagonismo de uma liturgia popular uma visão antropológica. **Revista de Cultura teológica**- v. 17 - n. 67 - abr./Jun2009.

GUIMARÃES, T. S. **Padre Cícero e a nação romeira – estudo psicológico da função de um “Santo” no Catolicismo Popular /** Therezinha Stella Guimarães. — Fortaleza : IMEPH, 2011. 480p.

HALL, S. 2006. A identidade em questão. *In*: HALL, Stuart A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A. (Pp 7-22).

HALBWACHS, M. “Memória Coletiva e Memoria Individua” in A **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HANNERZ, U. 1997. **“Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras -chave da antropologia transnacional”**. Rio de Janeiro: Contracapa.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARAIA, R. de B. 1932- 1.331c **Cultura: uni conceito antropológico** / Roque 14.ed. de Barros Laraia. — 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LIMA, R.dos S.S. Resenha. Della Cava. Milagre em Joazeiro. **rev. hist.**(São Paulo), **ahead of print**, 2015.

LLOSA, M.V. **A guerra do fim do mundo**. 5ed. Sei x Barral R.B.A Projetos Editoriais S.A Summa Literária 5. p. 475

LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero** (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927) / Manoel Bergström Lourenço Filho – 4. ed. aum. – Brasília: MEC/Inep, 2002. 178 p. (Coleção Lourenço Filho, ISSN 1519-3225; 5)

MADEIRA, M.das G. de L.; SAMPAIO, W. C. **Missionários e Beatos nos Sertões Nordestinos – ações socializadoras e formativas (séculos XVIII – XX)** / Madeira, Maria das Graças de Loiola; Sampaio, Wilson Correia (orgs). — Maceió - AL : Edufal, 2011. 160p.

MALUF, S. W. 2005. Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era. **Ilha: 146-161**

MATTA, R. da. **RELATIVIZANDO: Uma Introdução à Antropologia Social** — Petrópolis : Vozes, 3ª ed. 1981. 248p.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: COSAC NAIFY, 2003. MAUÉS, Raymundo Herald. A Mãe e o Filho como peregrinos: dois Modelos de peregrinação católica no Brasil . **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro. 2013.

MEDEIROS, D. H. de. **Padre Cícero: o milagreiro do sertão?** / Editora. Do Brasil, 1989. 48p.

MELLO, L. G. de. **Antropologia Cultural** iniciação, teoria e temas. Petrópolis: Vozes, 1982. 528p.

NETO, L. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão** / Lira Neto. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009. 543p.

NEGRÃO, L. N. Revisitando o Messianismo no Brasil e Profetizando seu Futuro. **RBCS** Vol. 16 no 46 junho/2001.

NOBRE.E.dos.S. Ilustres desconhecidas: as beatas de Ibiapina no jornal “A voz da religião no Cariri”. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo**, julho 2011.

NOBRE.E.dos.S. O SAGRADO E A TEATRALIZAÇÃO DO MUNDO: Espaços de Salvação e Purgação nos Relatos das Beatas do Padre Cícero (1868-1870). **Revista de História São Paulo**, Nº 169, p. 381-409, Julho / Dezembro 2013.

OLIVEIRA, R.C. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever**. Revista de Antropologia, V. 39, n.1, São Paulo - SP, 1996. p. 13-37 – Universidade de São Paulo – USP.

OLIVEIRA, R.C. **Tempo e Tradição. In: Sobre o Pensamento Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

OLIVEIRA, J.P. de. PLURALIZANDO TRADIÇÕES ETNOGRÁFICAS: Sobre um certo mal-estar na Antropologia. **Cadernos do LEME**, Campina Grande, vol. 1, nº 1, p. 2 – 27. jan./jun. 2009.

OLIVEIRA, A. M. de; HERBES, N. E. Espiritualidade, Fé e Cura: um olhar sobre a Religiosidade Popular. **Id on Line Rev. Psic.** V.10, N. 31. Supl 2, Set-Out/2016 - ISSN 1981-1179.

OLIVEIRA, G. **Frei Damião o Santo das missões** / Gildson Oliveira.  
— São Paulo : FTD, 1997. 160p.

PEIRANO, M.G.S. **O que ler na ciência social brasileira** / Mariza  
Gomes de Souza Peirano. — Brasília : UNB, 1999.

PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. **Messianismo no Brasil e no Mundo**.  
São Paulo, Dominus/Edusp, 2003. 3ª edição: Alfa-Ômega, 1976.

PETROCCHI, M. **TURISMO: Planejamento e Gestão**. 2ª Edição.  
São Paulo. Editora – Pearson Prentice Hall. (2009).

PIMENTEL, J. S. **Os Milagres do Joaseiro. Caicó** - Rio Grande do  
Norte. Typographia Democrata de J-Renaud, 1892.

RABELO, M. C. 2008. A possessão como prática: esboço de uma  
reflexão fenomenológica. **Mana**14(1): 87-117.

RABELO, M. C. 2011. Estudar a religião a partir do corpo: algumas  
questões teórico- metodológicas, **Caderno CRH**, 24(61): 15-28.

RABELO, M. C. 2007. Religião e a Transformação da Experiência:  
notas sobre o estudo das práticas terapêuticas nos espaços religiosos.  
**Ilha**, 7: 125-145.

RABELO, M. C. 2014. Enredos, feitura e modos de cuidado.  
**Dimensões da vida e da convivência no candomblé**. Salvador,  
EDUFBA.

QUEIROZ, M.I.P.de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**.  
Editora. Alfa-Omega. São Paulo. 2003. 440pp.

RAMOS, F. R. L. **O meio do mundo: território sagrado em  
Juazeiro do Padre Cícero** / Francisco Régis Lopes Ramos -

Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 447 p. ; 21 cm. (Estudos da Pós-Graduação).

RAMOS, F. R. L. **PAPEL PASSADO – cartas entre os devotos e o padre Cícero** / Ramos, Francisco Régis Lopes, coordenação de Lúcia Rodrigues Alencar. — Fortaleza : Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. 224p.

SANTANA, E. H. de M. **Padre Cícero do Juazeiro: Condenação e Exclusão Eclesial à Reabilitação Histórica**. Editora. Edufal, 2009. 138p.

SILVEIRA, Emerson J. Sena da. Turismo religioso popular? Entre a ambiguidade Conceitual e as oportunidades de mercado. **Revista de Antropologia Experimental**, São Paulo, out. 2004. Universidad de Jaén (España), N.º 4 , p. 1.

SILVEIRA, Emerson J. Sena da. Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Turismo em Análise**, v. 18, n. 1, p. 33-51, maio 2007.

STEIL, C.A.;MARIZ, C.L.; REESINK, M.L. **Maria entre os vivos**. 1ª Edição. Porto Alegre. Editora UFRGS. 2003. 286p.

SOARES DO BEM, A. A Centralidade dos Movimentos Sociais na Articulação Entre o Estado e a Sociedade Brasileira nos Séculos XIX e XX. **Educ. Soc., Campinas**, vol. 27, n. 97, p. 1137-1157, set./dez. 2006.

SOBREIRA, Pe. A. **O Patriarca de Juazeiro** / Pe. Azarias Sobreira. — Juazeiro do Norte - CE : UFC, 3 Ed. 2011. 476p.

SOUZA, S. (Coordenadora). **História do Ceará (vários autores)** – Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/Fundação Demócrito Rocha. Stylus Comunicações, 1989.

TRIVIÑOS, A. N. S., 1928. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo. Editora Atlas. 1987. 175p.

TURNER, V. **O Processo Ritual. Estrutura e Anti-Estrutura**  
Petrópolis: Vozes.1974.

TURNER, V. **O Processo Ritual. Estrutura e Anti-Estrutura**  
Petrópolis: Vozes.1974.

TURNER, V. Dramas, **Campos e Metáforas**. Rio de Janeiro: EDUFF. 2008.

TURNER, V. **Floresta de Símbolos**: aspectos do ritual Ndembu.  
Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2005.

VIDAL, V. B. **Ecos do Caldeirão - O Protagonismo dos Camponeses na Modernidade** / Vileci Basílio Vidal. — Vila Velha ES : 4 irmãos, 2014. 61p.

WAGNER, R. A presunção da cultura. *In: A invenção da cultura*. 1  
Cosac Na ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

WALKER, D. **Padre Cícero, Lampião e coronéis** / Daniel Walker.  
— Fortaleza - Ce : Expressão Gráfica e Editora, 2017. 165p.

## QUER SABER MAIS SOBRE A EDITORA OLYVER?

Em [www.editoraolyver.org](http://www.editoraolyver.org) você tem acesso a novidades e conteúdo exclusivo. Visite o site e faça seu cadastro!

A Olyver também está presente em:



[facebook.com/editoraolyver](https://www.facebook.com/editoraolyver)



[@editoraolyver](https://twitter.com/editoraolyver)



[Instagram.com/editoraolyver](https://www.instagram.com/editoraolyver)



[www.editoraolyver.org](http://www.editoraolyver.org)  
[editoraolyver@gmail.com](mailto:editoraolyver@gmail.com)





**Jamais encontrei homem tão generoso e  
tão pródigo em alimentar seus hóspedes  
que “receber não fosse recebido”, nem  
homem tão... (falta adjetivo) de seu bem  
que receber em troca lhe fosse desagrável.  
(trecho do poema Havámal)**

...  
Nos passos tão longos de pedra e areia,  
achou-se o adjetivo que faltava. O adjetivo  
assume o sujeito, ele é o romeiro.

ISBN: 978-65-81450-34-2



9 786581 450342

  
**OLYVER**  
www.editoraolyver.org

